ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

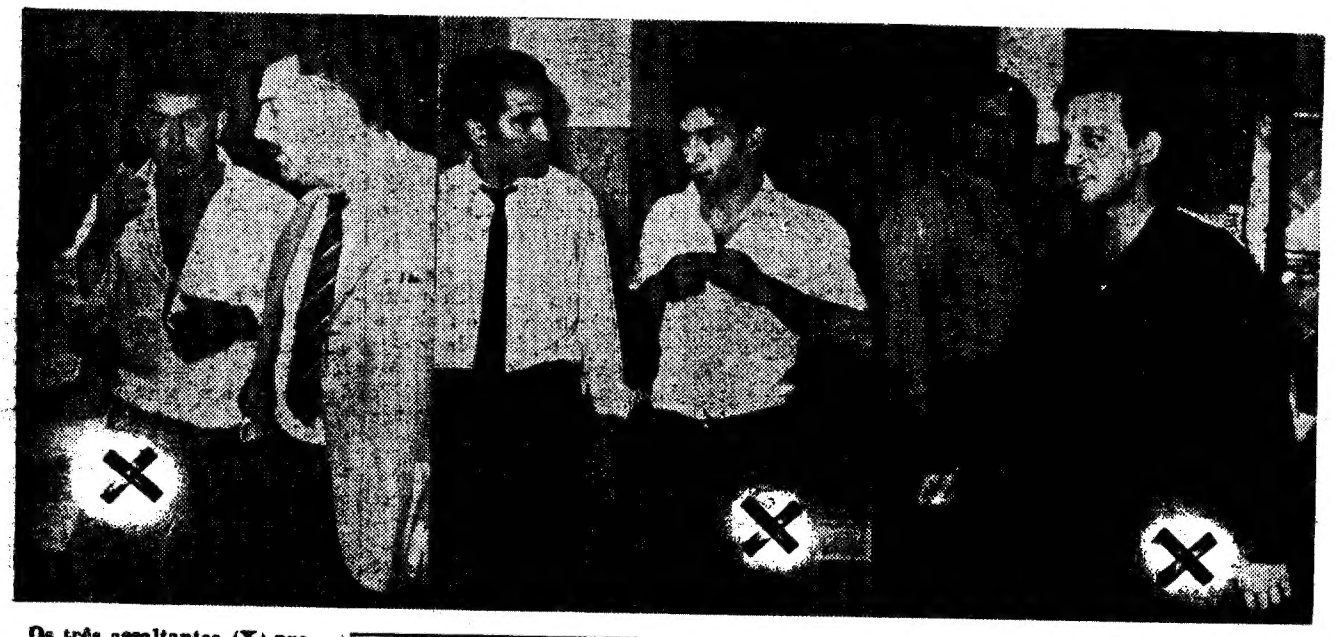
QUINTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1971 N.º 17 422 ANO 51.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

PRESOS TRÊS DOS AUTORES DO ASSALTO NA AV. DE ROMA



Os três assaltantes (X) presos pela P. S. P. quando passavam as portas do Governo Civil acompanhados por agentes da Polícia

• O QUARTO ASSALTANTE JÁ FOI IDENTIFICADO PELA P.S.P. E A SUA PRISÃO ESTÁ IMINENTE

Foram presos três dos assaltantes da dependência de Alvalade de Pinto de Magalhães Banqueiros, na Avenida de Roma, e um quarto (já identificado) está a ser activamente procurado pela P. S. P., que conta detê-lo dentro de muito pouco tempo.

O caso do assalto, levado a cabo na segunda-feira, pouco depois do meio dia, ainda não foi completamente desvendado, mas a Polícia conseguiu já reaver grande parte do «bolo»: 1515 contos

(Continua na 8.ª página)

PROPOSTA A REFORMA DO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL

(Ler na pág. 17)

HOJE 32 PÁGS.

VISADO PELA CENSURA

MUITAS VIAGENS PELO MUNDO TAMBÉM ESTÃO AO SEU ALCANCE

Muitas viagens pelo mundo também se encontram ao alcance de quem participa na iniciativa Leitor do «Diário de Lisboa». E o simples facto de ser leitor do nosso jornal poderá levá-lo a uma das maiores cidades da Europa ou das Américas, sem que isso constitua a despesa que a torna, neste momento, inecessível. Com a colaboração das companhias de aviação Varig, Canadian Pacific e SAS, que assim quiseram associar-se à iniciativa com que assinalamos a comemoração do cinquentenário do «Diário de Lisboa», foi possível

(Continua na 10.ª página)

LEITOR DO Diário de Lisboa

As doze finalistas do concurso das «Teen-Agers» foram ontem apresentadas aos representantes dos órgãos de Informação, durante um «cocktail» nas instalações do Crédito Predial Português. As jovens candidatas foram surpreendidas com uma oferta daquela organização que deu a cada uma delas um depósito á ordem no valor de 1500$00. Sorridentes, as doze beneficiadas, tratam ao balcão das formalidades necessárias á concretização da oferta. (Na 2.ª página damos reportagem do acontecimento).

A ESCOLHA DA PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS» SERÁ NO CASINO ESTORIL

AS FINALISTAS NACIONAIS DO CONCURSO DAS «TEEN-AGERS» FORAM APRESENTADAS À IMPRENSA E ABRIRAM CONTAS BANCÁRIAS NO CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

As 12 finalistas do concurso das «Teen-Agers» tiveram ontem uma tarde das mais agradáveis de todo o programa que envolve a eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas. Tratava-se da visita ás instalaçõee do Crédito Predial Português, que abriu em nome de cada uma delas, uma conta com um depósito á ordem de 1500$00. Como era de calcular a presença das «Teen-Agers» aos balcões do Banco despertou natural curiosidade, pois não é vulgar, qualquer instituição bancária, registar assim de uma assentada mais 12 jovens e bonitas clientes.

Para assinalar este primeiro encontro das «Teen-Agers» com um livro de cheques, acontecimento sempre relevante na vida de qualquer jovem, o Crédito Predial Português ofereceu ás finalistas e representantes dos órgãos da Informação um «cocktail». Já perfeitamente amblentadas e adaptadas ao espírito do concurso, as «Teen-Agers» formaram um grupo alegre e descontraído, que aproveitou, algumas horas, o franco convívio proporcionado por uma instituição bancária que, com a sua colaboração, soube exprimir também um verdadeiro espírito de juventude.

Recebidas pelo sr. Nunes da Mata, do Departamento de Promoção do Banco, as finalistas preencheram ao balcão do Crédito Predial Português toda a documentação necessária para a abertura das contas, fizeram assinaturas e foram esclarecidas sobre a natureza e movimentação da conta de que, a partir de agora, são possuidoras, tornando-se assim as mais jovens clientes daquele Banco.

uma iniciativa do DL

Algumas das «teen-agers» durante a recepção

Mais tarde, no decorrer do «cocktail» que lhes foi oferecido, o dr. Gonçalves Pereira, presidente do Conselho de Administração do Crédito Predial Português entregou a cada uma delas o respectivo livro de cheques dizendo: «*Agradeço-lhes terem vindo cá. Tenho muito gosto em ter, de uma só vez, doze clientes novas. Desejo-lhes muitas felicidades*».

As jovens participantes nesta iniciativa do «Diário de Lisboa» fizeram depois alguns planos para o jornal de actualidades «VIP 87» tomando assim, a maioria delas, contacto pela primeira vez com as câmaras de cinema.

Como nota curiosa é digna de assinalar a excelente camaradagem que reina já entre todas as finalistas, bem demonstrativa de um são espírito de juventude que supera e anula todo o aspecto competitivo que a ideia de um concurso possa encerrar.

A «REVLON» oferece amanhã um «cocktail» às finalistas e Órgãos de Informação

A REVLON, conceituada marca internacional de produtos de alta cosmética, que uma vez mais colabora com o «Diário de Lisboa» na eleição da Princesa das «Teen-Agers», oferece amanhã, no Bar Chinês do Hotel Mundial, um «cocktail» em honra las finalistas para o qual foram convidados os representantes dos órgãos da Informação. No decorrer deste «cocktail» serão entregues os prémios instituídos pela REVLON para as finalistas do concurso das «Teen-Agers».

A ELEIÇÃO MUNDIAL NO CASINO ESTORIL

O Casino do Estoril vai ser o local de eleição e coroação da Princesa Mundial das «Teen-Agers» de 1971. Espectáculo de sábado, às 22 horas, exactamente no dia 10 de Julho.

Com o seu ar elegante, cosmopolita e luxuoso, o Casino do Estoril é, sem dúvida, o local adequado para a realização de um acontecimento tão importante e significativo, já que a juventude é uma dádiva e um compromisso.

A VALIOSA COLABORAÇÃO DO CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Desde o primeiro momento em que se iniciou a organização dos concursos nacional e mundial de Teen-Agers 1971, que o «Diário de Lisboa» tem vindo a registar a adesão a esta iniciativa de numerosas empresas comerciais portuguesas.

Ontem, uma dessas empresas, o Crédito Predial Português, fez a entrega oficial dos prémios que decidiu oferecer às 12 finalistas portuguesas: a abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1500$00.

Quis no entanto a Administração do Crédito Predial Português ir mais longe ainda na sua colaboração, oferecendo, na ocasião, um «cocktail» a todos os Órgãos da Informação que tiveram assim o seu primeiro contacto com as finalistas escolhidas pelo júri nacional.

O Crédito Predial Português marcou desta forma e da maneira inesquecível o início do programa social das «Teen-Agers» portuguesas.

Perante mais esta manifestação de apoio, bem demonstrativa do espírito jovem, dinâmico e empreendedor das pessoas que actualmente presidem aos destinos do Crédito Predial Português — o Banco que mais cresceu em Portugal em 1970 — não quer o «Diário de Lisboa» deixar de expressar os seus agradecimentos pela sua muito valiosa e importante colaboração recebida nos concursos das «Teen-Agers».

EXPORTAÇÃO DE MALHAS

Nas instalações de SIMÕES & C.ª LD.ª, decorre, hoje e amanhã, um «meeting» com os agentes da firma, mr. Hans Ehrlich, da Áustria, mr. Albert Stadelman, da Suíça; mr. Bjarne Bakke, da Noruega; mr. Rémy Maubon e mr. G. Boyer, da França; miss Anne Schulstad e mr. Axel Schulstad, da Dinamarca; mr. Reino Saaristo, da Finlândia; mr. Jim Town, do Reino Unido; mr. Ernst Leiser, da Suécia.

Da agenda de trabalhos constam: a apreciação conjunta das colecções de lingerie e exteriores para a Primavera/Verão 72, destinadas à exportação, passagem de modelos no «show rom» da fábrica, esquematização das necessidades do mercado internacional no capítulo moda e matérias-primas e apreciação das dificuldades de exportação no presente e futuro.

SIMÕES & C.ª LD.ª, espera que a vinda dos seus agentes estrangeiros contribua para um maior incremento e expansão da indústria de malhas nacional.

Muito entusiasmo (e poucos alhos) no São João dó Porto

PORTO, 24 — Foi uma noite de grande entusiasmo e movimento, em meio de insuberante alegria, contagiando milhares de pessoas entregues aos tradicionais festejos da Noite de São João.

Este ano o «Martelo de plástico» foi derrotado, graças a uma determinação oficial; Assim, saiu vitorioso o alho porro do soutros anos, mas que, desta vez, apareceu em numero reduzido nos habituais locais de venda. Crise da agricultura? mesmo assim, o negócio correu com o manjerico, a cidreira, os cravos e as plumas perfumadas, que foram as «armas» dos foliões.

Gente moça irrompia por entre a multidão compacta, ondulante, de mãos dadas, dançando e cantando, Mas não foram só os jovens a divertir-se. Também as pessoas idosas, andavam neste franco convívio que foi tudo exemplo de civismo da gente tripeira. E até aos primeiros alvores da manhã. Toda essa gente viveu esta noite unica de entusiasmo contagiante que é a Noite de São João do Porto.

NOVA LIVRARIA — A «FUTURA»

Ao fim da tarde de hoje, é inaugurada, com um «cocktail», o novo estabelecimento de Carlos & Reis, Lda. (Editorial Futura) — a Livraria Futura, na Rua Francisco Metrass, 2-A, em frente da igreja do Santo Condestável.

Na galeria de arte estará patente uma exposição da pintora Matos Pereira.

Serviço auto-expresso

LISBOA→PARIS

Todos os dias de 1 de Junho a 27 de Setembro

Entregue*
o seu carro hoje
e levante-o, em Paris,
depois de amanhã,
após uma viagem tranquila
e repousada
no comboio
da sua preferência.

MARCA adapt.AE-69

*A entrega dos carros é feita na estação de Santa Apolónia, em Lisboa, entre as 15 e as 18 horas no dia anterior ao da partida do viajante ou entre as 7 e as 8 horas do próprio dia.

SNCF

Para mais informações:
Est. Santa Apolónia — Departamento Comercial — Telf: 86 41 81

CHEMINS DE FER FRANÇAIS

A PREDIAL TOMARENSE

FUNDADA EM 1960

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 186-R/C

(Devidamente autorizada pelo Decreto-Lei 43 767)

Na COMPRA — VENDA — HIPOTECAS DE PROPRIEDADES e COLOCAÇÃO DE CAPITAIS

AO COMEMORAR O SEU 11.º ANIVERSÁRIO AGRADECE A TODOS OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES, AMIGOS E COLABORADORES A FORMA PRESTÁVEL COMO A TÊM DISTINGUIDO

A GERÊNCIA

A NOVA DJAKARTA DE SUHARTO

Por Robert Elegant

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»)

DJAKARTA — O jeep fechado arvorava um pequeno galhardete amarelo. Vinha precedido de quatro motociclistas, de sirenes caladas. Atrás seguia um jeep aberto com quatro soldados armados. O presidente Suharto da Indonésia, o antigo general que continua a governar por intermédio do Exército, ia jogar golfe. A sua escolta era espantosamente modesta — e silenciosa. Por isso se distinguia da escolta doutro qualquer ditador militar.

O cortejo presidencial avançava através do trânsito. Os sinais de cruzamento passaram para vermelho — e o cortejo parou imediatamente. Um oficial indonésio, que assistiu à cena teve um gesto de surpresa.

— É Suharto — disse. Viu? parou ao sinal vermelho. Mas há dois anos era impossível conseguir que um motorista indonésio — e muito menos o do presidente — parasse ao sinal vermelho.

Estas pequenas coisas dão muitas vezes melhor medida da evolução dum país que as vastas abstracções impessoais das estatísticas e das instituições políticas. É evidente que não devemos atribuir demasiada importância a estes índices minúsculos.

Contudo, Djakarta é o espelho da República da Indonésia. Pela primeira vez, desde a guerra, este espelho apresenta-se bastante claro e limpo, e os rostos bem alimentados que reflecte são optimistas. Há dez anos o espelho estava rachado e as imagens que reflectia eram desgostantes. Os rostos emaciados não revelavam sinais de esperança e apresentavam-se irritáveis, o que era de estranhar em javaneses, normalmente tão alegres.

A metamorfose de Djakarta não significa igual transformação no resto do país. Os responsáveis indonésios admitem essa verdade — e subilinham até o contraste entre a capital e o resto do país, com uma candura que há dez anos era inconcebível.

A metamorfose de Djakarta é, por si só, um milagre e pressagia talvez uma mudança gradual de toda a Indonésia. Há poucos anos ainda a Indonésia era considerada irremediàvelmente perdida. Como Nova York, era uma cidade que só podia salvar-se, sendo primeiro arrasada. Djakarta era uma cidade tropical, subdesenvolvida, e, segundo todas as aparências irreparável.

Agora Djakarta é uma cidade limpa, embora esteja longe de ser imaculada. O trânsito, em constante aumento, processa-se ordenadamente. Raramente se vê um mendigo. O pavimento da maioria das ruas foi renovado e numerosas casas foram pintadas de novo. Erigem-se novos imóveis — para serem habitados e não para fins de bárbaro exibicionismo, como no tempo de Sukarno.

A nova Djakarta é duplamente miraculosa, pois é uma criação de um governo municipal sem vintém. O «mayor», Ali Siddik'n, antigo tenente-general, não recorreu a nenhuma vara de condão, mas apenas à força da sua personalidade e do seu poder de decisão. O orgulho cívico veio também em socorro de Ali Siddikin. Os seus métodos são, pelo menos, pouco usuais.

O «mayor» arranja capital para melhorar a cidade, abrindo casinos de jogo e «boites» nocturnas. Poucos indonésios podem frequentar estes locais luxuosos, embora não lhes falte vontade para tanto. Os chineses de Djakarta e de Singapura andam em constantes idas e vindas para esses locais — e nunca há mesas livres.

Quando faltam créditos o «mayor» lança mão de outros meios. Decidido a alargar a rua principal de Glodok, o bairro chinês, viu-se bloqueado pelos comerciantes pouco dispostos a ceder uma polegada do seu território. Fez-lhes então uma proposta bastante surpreendente. Em troca dos terrenos que ele desejava, passaria a esponja por certas irregularidades fiscais e relativas a licenças comerciais. Agora toda a gente fica deslumbrada com aquela vasta avenida.

O que antigamente caracterizava Djakarta eram os canais onde os habitantes iam beber, lavar-se e satisfazer as suas necessidades naturais. Ninguém — nem mesmo Siddikin ou Hércules — poderia limpá-los completamente. Mas o número de pessoas que os frequentam está a diminuir a olhos vistos, porque os habitantes de Djakarta possuem agora outras comodidades.

Djakarta voltou a ser a cidade agradável que era, quando se chamava Batávia.

PRATICANTES PARA MONTADORES DE OFFSET

Precisam-se de preferência com experiência de montagem nas agências publicitárias, ou com frequência em cursos da especialidade nas Escolas Profissionais.

Resposta a este jornal ao n.º 841.

Câmara Municipal de Lisboa

CONCURSO PÚBLICO

para a concessão da exploração do

BOTEQUIM DA PISCINA DO CAMPO GRANDE

Prestam-se informações na Repartição do Património, nos Paços do Concelho

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

RUA BRAAMCAMP, 9 - 2.º — LISBOA

EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA

SECTOR «GULBENKIAN»

A fim de tomar conhecimento e dar parecer acerca do Projecto de Acordo Colectivo de Trabalho a apresentar à Fundação Calouste Gulbenkian, solicitamos a sua comparência no próximo dia 25 do corrente, pelas 21 horas, nas nossas instalações da Rua do Alecrim, n.º 46-1.º.

Lisboa, 23 de Junho de 1971.

A COMISSÃO DIRECTIVA

A bica na Velha Brasileira.
Sartre. Lido. Anotado. Discutido.
O ligeiro-intenso murmúrio das outras vozes nas outras mesas.
A opressão da cidade concentrada numa só sala.
A quase imperceptível sensação de que viver dá demasiado trabalho.
Um cigarro. Gesto automático.
Um Antoninos. Gesto atento.
O contacto do filtro nos lábios. A chama.
O sabor. Profundamente inspirado.
A grande evasão. Antoninos.
A vida não é melhor? Talvez. Mas é outra.

ANTONINOS

nova embalagem - agora também com filtro

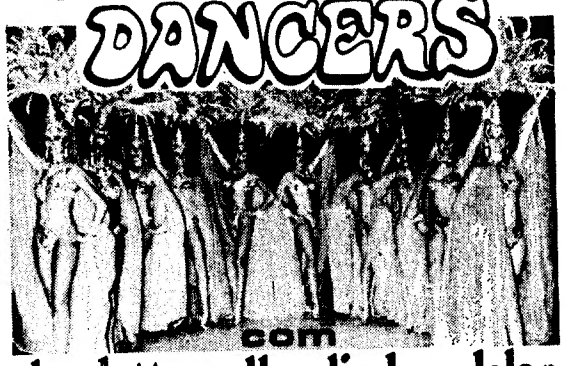
novo casino estoril

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

LES ♡ CHERIES
VEDETAS FRANCESAS DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL

PALERMO and PHILLIPS
MARICENA
ORIGINAIS MALABARISTAS

BENTYBER DANCERS



com
claudette walker · lindsay dolan
Beatnicks ★ JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DESIREE DESIR
SÓ NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
maiores de 17 anos
NO WONDER BAR A 1,0H maiores de 21 anos
TELEFONE 264521

*casino * novo casino estoril * casino estoril * novo casino estoril * casino estoril *

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

MIREILLE DARC
sensual ♡ amorosa ♡ apaixonada

história de uma rapariga loira

com
VENANTINO VENANTINI ◦ FRANÇOISE PREVOST
Um filme de GEORGE LAUTNER
Produção de MICHEL SAFRA . SERGE SILBERMAN

AMANHÃ ESTREIA
4 SESSÕES DIÁRIAS
ÀS 21.45 H.
às 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
CONDES

agigante

o seu armazém escritório ou estabelecimento

UTILIZE PEDIDAL
A ESTRUTURA METÁLICA PRÉ-FABRICADA, QUE FAZ ..."CRESCER O ESPAÇO!"

IRAL
INDUSTRIAIS REUNIDAS ARMINDO LOUZADA
LISBOA AV. SANTOS DUMONT, 47-A
OLIVEIRA DO HOSPITAL TELEFONE 28

VIDA MUSICAL

Banda da Força Aérea

A Banda de Musica da Força Aérea, em colaboração com os Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, executa amanhã á tarde pelas 18 e 30, no Jardim da Estrela e sob a direcção do capitão Silvério de Campos, um concerto com o seguinte programa: «Major Mourão» (Marcha); «Benvenuto Cellini» (abertura); «Uma lembrança» (fantasia de bombardino), tendo como solista o primeiro-cabo David Matos; «Musica no Coração» (selecção do filme); «Dolores» (jota da ópera); e «Alferes Silva» (marcha).

Jovens directores de orquestra

FLORENÇA, 24. — (A. N. I.) — O francês Alain Dubois e o hungaro Tamas Ungvary foram galardoados com o segundo prémio «ex-aequo» do VIII concurso internacional para jovens directores de orquestra, aqui realizado. O «Prémio — Florença» — não foi atribuído.

TRINDADE
F. N. A. T.
APRESENTA
HOJE, às 21.15 — 3.ª Récita
(M/ 12 Anos)
ANDRÉ CHENIER
de Giordano
Maestro: SILVA PEREIRA
Encenador: GINO BECHI
ELENCO
Teresa Barbieri Helena Claudio, Manuela Piçarra, Conceição Ramos, Carlos Fonseca, Luís França, Carlos Jorge, Guilherme Kjölner, Manuel Leitão, Mário Oliveira, João Pessanha, João Veloso
Orquestra de Ópera
Bailados pelo Grupo de Anna Mascolo
Coro do Teatro Nacional de S. Carlos
Espectáculo Subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian
ESTE ESPECTÁCULO REPETE-SE NOS DIAS: 26 e 29 de Junho e 2 de Julho

CML — Estufa Fria
HOJE, AS 21.30 HORAS
BARCA SEM PESCADOR
de ALEJANDRO CASONA
pela
COMPANHIA DE TEATRO POPULAR
Empresa Augusto de Figueiredo
Direcção e ensaios de António Manuel Couto Viana
com Beatriz de Almeida, Alina Vaz, Fernando Figueiredo, Leonor Poeira Assis Pacheco, Joaquim Miranda, Andrade e Silva, Vladimiro Franklim, Alberto Inácio, Igor Sampayo e Augusto de Figueiredo
Bilhetes a 0$00, 5$00 e 20$00 — Venda na Praça dos Restauradores das 18 às 20 horas, e na Estufa Fria à hora do espectáculo
(MAIORES DE 2 ANOS)

PASSAPORTES
WASTEELS EXPRESSO
Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C — Lisboa — Tel. 42185
Rua Caminhos de Ferro, n.º 62 - C — Lisboa — Tel. 868588

Tradição em Coimbra

A FESTA DOS BILHETEIROS DO AVENIDA

COIMBRA, 24 — Mais uma vez, os conhecidos bilheteiros do Teatro Avenida, Irene e Manuel, vão ter a sua festa hoje, ás 21 e 30, sendo exibido o filme «O dia da vergonha».

Dada a estima e consideração que o público tem pelo simpático casal, que há dezenas de anos ocupa aqueles cargos, não há dúvida de que muitos ali comparecerão, como nos anos anteriores, a manifestar-lhes a sua simpatia.

A cançonetista brasileira Elisabeth, criadora de sucessos populares como «Sou louca por você», «Não há lugar nem céu bonito», «Jogue fora a tristeza e «Para começo de assunto» passou esta manhã por Lisboa, a caminho de Luanda e Lourenço Marques onde actuará durante dez dias. No Aeroporto da Portela muitos «fans» espreitaram a loirinha

TEATRO ABC
T. 366745
ESTREIA
AMANHÃ
ÀS 21.45 H
A SENHORA MINHA TIA
M/14 ANOS
DE
LABICHE
com
IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER
ANABELA, LUÍS HORTA, VÍTOR MENDES, MARIA TAVARES, VÍTOR ESPADINHA
E OUTROS
● PREÇOS DE VERÃO ●
BILHETES À VENDA

MARIA VITÓRIA
M. 17 anos
HOJE, 2 SESSÕES ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS
●
Domingo, às 16, ÚLTIMA «MATINÉE»
● SÓ ATÉ DOMINGO! 4 ÚLTIMOS DIAS!
GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO, APRESENTAM EM 3.º MÊS, A SENSACIONAL REVISTA
CALA-TE, BOCA!...
UM ÓPTIMO ELENCO, COM:
● JOSÉ VIANA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
● ANGELA RIBEIRO ● JÚLIA BABO
a cantora lírica
● SUZETE DINIZ
e, no «compère»
● OCTÁVIO DE MATOS
à frente de uma grande companhia!
DIA 29, SINTRA * 30, CASCAIS * 1/7, SESIMBRA * 2/7, MONTIJO * 3 e 4, SETÚBAL

JOSÉ VIANA e DORA LEAL nos «Fadistas Hipies»

TEATRO GIL VICENTE
Telefone 280919
CASCAIS
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
ETOILE
princesa de Borgonha
de WITOLD GOMBROWICZ
HOJE
e todas as noites às 22 horas
Domingo «matinée», 16 h.
Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios do Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian
ATENÇÃO: Não é permitida a entrada depois do espectáculo começar. Intervalo entre o 3.º e o 4.º acto.
ADULTOS

BOM CINEMA A PARTIR DE AMANHÃ NO CICLO DA CASA DA IMPRENSA

Com a anteapresentação em Portugal do que vai ser das mais espectaculares reposições de filmes clássicos dos ultimos anos, o célebre «King-Kong», principia amanhã á noite, no Eden e Alvalade, o VIII Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa.

Este ciclo, que se prolonga até 8 de Julho, oferece ao publico apreciador de bom cinema a oportunidade de ver ou rever diáriamente, á tarde e á noite, a preços normais, duas obras excepcionais de cinema em cada sessão. Do programa fazem parte obras de alguns dos mais importantes autores de cinema do nosso tempo: Chaplin, Orson Welles, Dreyer, Bergman, De Sica, Antonioni, Visconti, Resnais, Losey Truffaut, Howard Hawks, Kazan, Pasolini, Polanski e Delvaux.

No próximo sábado exibem-se, em sessões a que podem assistir crianças maiores de 6 anos, duas obras marcantes do período de ouro do cinema cómico americano: «O Garoto de Charlot» e «Um dia nas Corridas» este com os irmãos Marx. O programa de domingo é constituído por duas obras clássicas: «O anjo azul», de Von Sternberg, e «Sentimento», de Visconti.

A reposição de «A Relíquia» marcada para 2 de Julho

O Teatro Maria Matos volta a apresentar, a partir do próximo dia 2 de Julho, a sátira «A Relíquia», de Eça de Queiroz, na teatralização de Luís de Sttau Monteiro e Artur Ramos, espectáculo que foi um dos maiores êxitos populares do nosso teatro e mereceu o convite oficial para estar presente no I Festival Internacional de Teatro de Madrid, que decorreu no Teatro Maria Guerrero.

Assim, a partir da primeira semana do próximo mês, o público de Lisboa pode voltar a apreciar a intensidade da crítica mordaz de Eça de Queiroz, característica que percorre toda a obra do autor e que em «A Relíquia» assume relevo especial.

Como escreveu Manuel Mendes a propósito de Eça, «se já houve artista nascido para seduzir a juventude, foi este escritor, a um tempo cáustico e humanamente persuasivo»

«A Relíquia» é apresentada com todo o espírito de humor que o grande escritor português lhe imprimiu e que os adaptadores e o encenador souberam manter escrupulosamente, oferecendo ao público de todas as camadas e de todos os níveis de preparação um espectáculo inesquecível.

CONJUNTO JOÃO PAULO

O conjunto João Paulo, com o vocalista Sérgio Borges e a atracção sul-africana Vickie são os acompanhantes musicais dos passageiros do paquete «Príncipe Perfeito», no cruzeiro que se realiza ao Mediterrâneo, visitando a Itália, jugoslávia e Grécia

Teatro Maria Matos TELEF. 717017

TODAS AS NOITES AS 21.45

6 ÚLTIMOS DIAS

AR REFRIGERADO

Jogos de Sociedade de J. C. ALONSO MILLAN

M/ 17 anos

A SEGUIR EM

SENSACIONAL REAPARIÇÃO

A RELÍQUIA EÇA DE QUEIROZ

COOPERATIVA

«O PROBLEMA DA HABITAÇÃO»

S. C. R. L.

SEDE: PRAÇA DA REPÚBLICA, 210 — PORTO

SORTEIO PARA CONSTRUÇÃO

Para conhecimento dos Senhores Associados, informa-se que tem lugar na Sede desta Cooperativa, no dia 28 do corrente, pelas 15 horas, o sorteio para atribuição do direito a construção de casas, referente ao 2.º trimestre do ano em curso.

Porto, 24 de Junho de 1971.

A DIRECÇÃO

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

VENDA DE APARELHAGEM INUTILIZADA DE R. X. ..... Conc. Público n.º 17/71-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos Sábados das 9 ás 12.30 horas, no Serviço de Instalações e Equipamentos.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada no Caderno de Encargos.

Lisboa, 21 de Junho de 1971.

Pel'O DIRECTOR

(a) ANTÓNIO MANUEL MARIA BRIOSO

NA TRADIÇÃO DOS POLICIAIS INGLESES!

SUZY KENDALL FRANK FINLAY

FREDDIE JONES TONY BECKLEY

LESLEY-ANNE DOWN JAMES LAURENSON

um encontro com o medo!

crime no bosque

"assault"

ESTREIA HOJE no SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK ÀS 21.30

RANK FILMES

ADULTOS

EDEN E ALVALADE

VIII CICLO DE CÍNEMA DA CASA DA IMPRENSA

DE 25 DE JUNHO A 8 DE JULHO

PROGRAMA

Amanhã M/ 12 anos

NO EDEN: 21.15

NO ALVALADE: 21,45

Anteapresentação de

★ **KING-KONG**, de Ernest B. Schoedsack e Merian C. Cooper
com Fay Wray e Robert Armstrong

Dia 26 Para todos

★ **O GAROTO**, de Charlie Chaplin
com Charlie Chaplin e Jackie Coogan

★ **UM DIA NAS CORRIDAS**, de Sam Wood
com os Irmãos Marx

Dia 27 Adultos

★ **O ANJO AZUL**, de Josef Von Sternberg
com Emil Jannings e Marlene Dietrich

★ **SENTIMENTO**, de Luchino Visconti
com Alida Valli e Farley Granjer

Dia 28 Adultos

★ **SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO**, de Ingmar Bergman
com Ulla Jacobson e Gunnar Björnstrand

★ **DIA DE CÓLERA**, de Carl Dreyer
com Thorkild Roose e Lisbeth Movin

Dia 29 Adultos

★ **LADRÕES DE BICICLETAS**, de Vittorio De Sica
com Lamberto Maggiorani e Enzo Staiola

★ **OS CONTOS DA LUA VAGA**, de Kenji Mizoguchi
com Machiko Kyo e Masayuki Mori

Dia 30 Adultos

★ **O GRITO**, de Michelangelo Antonioni
com Steve Cochran e Alida Valli

★ **JOHNNY GUITAR**, de Nicholas Ray
com Joan Crawford e Sterling Hayden

Dia 1 JULHO Adultos

★ **O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD**, de Alain Resnais
com Delphine Seyrig e Giorgio Albertazzi

★ **O CRIADO**, de Joseph Losey
com Dirk Bogarde e Sarah Miles

Dia 2 Adultos

★ **OS QUATROCENTOS GOLPES**, de François Truffaut
com Jean-Pierre Léaude e Claire Maurier

★ **A BEIRA DO ABISMO**, de Howard Hawks
com Humphrey Bogart e Laureen Bacall

Dia 3 Adultos

★ **SERENATA À CHUVA**, de Gene Kelly e Stanley Donen
com Gene Kelly e Debie Reynolds

★ **O QUADRAGÉSIMO-PRIMEIRO**, de Grigori Tchukhrai
com Isolda Izvitzkaia e Oleg Etrijenov

Dia 4 Adultos

No Alvalade:

★ **AMÉRICA, AMÉRICA**, de Elia Kazan
com Stathis Giallelis e Harry Davis

No Eden:

★ **O FARAÓ**, de Jerzy Kawalerowicz
com Jerzy Zelnik e Wieslawa Mazurkiewicz

Dia 5 Adultos

★ **VIDAS SECAS**, de Nelson Pereira dos Santos
com Átila Jório e Maria Ribeiro

★ **O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS**, de Pier Paolo Pasolini
com Enrique Irazoqui e Susanna Pasolini

Dia 6 Adultos

★ **AS BADALADAS DA MEIA-NOITE**, de Orson Welles
com Orson Welles e Jeanne Moreau

★ **A SEMENTE DO DIABO**, de Roman Polanski
com Mia Farrow e John Cassavetes

Dia 7 Adultos

No Alvalade:

★ **AMOR SEM BARREIRAS**, de Robert Wise e Jerome Robbins
com Natalie Wood e Richard Beymer

No Eden: M/12 anos

★ **O GRANDE COMBATE**, de John Ford
com Richard Widmark e Carroll Baker

Dia 8 Adultos

★ **LAÇOS ETERNOS**, de André Delvaux
com Anouk Aimée e Yves Montand

★ **A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD**, de Eric Rohmer
com Jean-Louis Trintignant e Françoise Fabian.

DOIS FILMES TODOS OS DIAS ÀS 15 E 21 HORAS

OS BILHETES JÁ SE ENCONTRAM À VENDA

O DEPUTADO SÁ CARNEIRO insiste na obtenção de elementos

O deputado dr. Sá Carneiro voltou a intervir esta manhã, durante a reunião da sessão extraordinária da Assembleia Nacional. Desta feita antes da ordem do dia, para dizer que, tendo pedido vários elementos sobre prisões e apreensão de publicações, os mesmos ainda lhe não tinham sido fornecidos, embora deles necessitasse para se pronunciar sobre a revisão constitucional. Fazia-o ao abrigo dos artigos respectivos da Constituição e do regimento da Assembleia.

Esta faculdade constitucional, de obter tais elementos prende-se, considerou aquele deputado, com o poder de fiscalização dos actos do Governo e com a iniciativa legislativa dos deputados — «*sem elementos nada se pode fazer*» — e tais esclarecimentos só podem negar-se com fundamento em «*segredo de Estado*». Ora, o deputado Sá Carneiro pedira vários elementos sobre questões relacionadas com as transferências monetárias do Ultramar, tendo agora recebido o respectivo ofício de resposta ao seu requerimento. Nestes termos, e através da Previdência do Conselho, o Ministério das Finanças informou o deputado de que o Banco de Portugal não possui elementos, e que, simultâneamente, entendia que tais elementos não deviam ser fornecidos, tendo em vista o sigilo devido á actividade negocial particular.

A propósito disse o dr. Sá Carneiro:

— *De modo algum posso admitir que os deputados possam ser considerados menos capazes do que qualquer funcionário publico de guardar sigilo dos negócios particulares (...) Não posso admitiu que, em vez de segredo de Estado, se invoque sigilo de negócios particulares.*

Aesim, tendo em vista que aquela faculdade constitucional se detém no segredo de Estado, e que se podem conseguir os elementos requeridos através de organismos provinciais, aquele deputado insiste na obtenção de tais elementos.

Direito à educação

Sessenta e cinco deputados tinham respondido á chamada, e na ordem do dia usaram da palavra cinco: Veiga de Macedo (que fez alguns reparos á proposta governamental), Delfino Ribeiro, Jorge Correia, Moura Ramos (que se referiu ao projecto de iniciativa do deputado Duarte Amaral) e Oliveira Ramos (que defendeu se inscrevesse o direito á educação no art. 8.º da Constituição, e o regresso ao sufrágio directo para a eleição do Chefe do Estado.

AFOGADO NO RIO AVE

GUIMARAES, 24 — O operário fabril sr. José da Cunha Silva, de 20 anos, solteiro, morador no lugar da Veiga, freguesia de Santa Eulalia de Fermentões, deste concelho, desapareceu, subitamente, quando se banhava no rio Ave, no lugar de São Gemil, na vila das Taipas. O caso ocorreu anteontem, e desde então fizeram-se diligências para encontrar o cadáver, incluindo pelos Bombeiros Voluntários de Vila das Taipas.

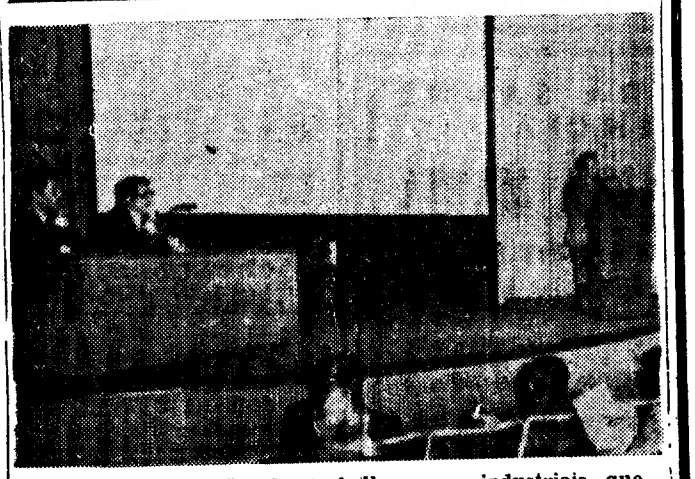
Todas as pesquisas resultaram infrutíferas, e assim foi solicitada a colaboração dos homens-rãs do Batalhão de Sapadores Bombeiros, os quais, após porfiados esforços, conseguiram encontrar o cadáver.

INAUGURADA EM ÉVORA A FEIRA DE S. JOÃO

ÉVORA, 24. — O secretário de Estado do Comércio inaugurou oficialmente, esta manhã, a Feira de São João, que é, sem duvida, um dos mais importantes acontecimentos desta cidade.

O dr. Xavier Pintado chegou a Évora cerca das 11 horas, sendo aguardado pelas autoridades locais que lhe apresentaram cumprimentos. Logo a seguir, dirigiu-se ao Pavilhão das Actividades Económicas, no recinto da feira, que percorreu demoradamente. Depois, no Palácio de D. Manuel, inaugurou as exposições «O Alentejo na pintura de Candido Teles» e «Iconografia dos três Santos Populares de Junho», e no Celeiro Comum as exposições de pintura «Évora vista por Paulino» e de escultura «Os pássaros do poeta no espaço», ambas de Paulino Ramos.

O dr. Xavier Pintado regressa a Lisboa logo depois do almoço.



Durante a reunião de trabalhos com industriais que «A Mundial» promoveu na F. I. L.

NA F. I. L.

«A MUNDIAL» PROMOVEU UMA REUNIÃO DE TRABALHO COM INDUSTRIAIS

Ontem, ao fim da tarde a Companhia de Seguros «A Mundial» promoveu uma reunião com diversos industriais seus segurados e alguns dos expositores da F. I. L. ligados à venda e montagem de máquinas e equipamentos, a fim de lhes dar a conhecer melhor os seus «Seguros de Grupo», «Seguros de Avarias de Máquinas» e «Seguros de Montagens».

O encontro decorreu no cinema da F. I. L., tendo o administrador-delegado daquela companhia, dr. Morais Leitão, saudado os presentes e feito a introdução aos temas a referir. Em seguida o administrador dr. Mello Breyner e o sr. Eugénio Vieira fizeram exposições sobre aquelas modalidades do seguro de máquinas, montagens e obras, após o que foi servido um beberete aos participantes.

Embora nenhum destes seguros constitua uma modalidade nova, entendeu aquela companhia seguradora ser a F. I. L. uma boa oportunidade para a sua maior divulgação entre os industriais portugueses.

Faz hoje cem anos uma assinante do nosso jornal

ALJUSTREL, 24 — Completa hoje a bela conta de cem anos a sr.ª D. Carolina Olívia (Espanhola), natural de Lisboa e residente desde tenra idade nesta vila.

Figura bastante conhecida em Aljustrel, onde é muito estimada, a «Tia Carolina» tem passado uma vida modesta mas tranquila. É viuva do falecido operário mineiro Manuel da Silva. Teve dez filhos, de que restam vivos um filho e duas filhas. Tem também 11 netos, 21 bisnetos e dois trinetos. Até há pouco tempo era uma das assinantes leitoras da Biblioteca Itinerante Gulbenkian, assinando desde sempre o «Diário de Lisboa». Ainda faz alguns bordados para as netas, trabalho a que dedica o seu maior entusiasmo.

Alguns dos seus familiares deslocaram-se de Moçambique para comemorar o centendrio.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ Por seu lado, o deputado Santos Almeida congratulou-se com a parte ultramarina da proposta de lei do Governo. Aprovou na generalidade os três documentos em discussão, particularmente a proposta do Governo.

★ *O último orador da tarde foi o deputado Sá Carneiro, que começou por comparar a proposta de revisão do Governo com o seu próprio projecto, afirmando a certa altura: «Para além de algumas disposições avulsas, dificilmente integráveis nas linhas fundamentais do plano de cada um dos articulados, avultam duas grandes diferenças entre eles, não por oposição, mas por omissão: no projecto não se versa a ordem constitucional do Ultramar; e na proposta nada se contém quanto ao modo de eleição do Chefe do Estado.»*

★ A certa altura, o orador referiu o facto da Câmara Corporativa ter omitido a apreciação dos projectos dos deputados na generalidade, que rejeitou. Mais adiante, sobre os direitos individuais, acentuou: «Pouco importa às pessoas saber que têm os direitos reconhecidos em princípio, se o exercício deles lhe é negado na prática. Liberdade de expressão, com apreensões administrativas, censura, autorização e caução prévias, não adianta. Liberdade de reunião e de associação quando e para o que o Governo entender, não resulta. Liberdade física com possibilidade de prisões policiais prolongadas e incontroladas judicialmente e de interrogatórios sem a presença de defensor, não é garantia. Liberdade política sem projecção efectiva e sem instrumentos de exercício, não passa de ilusão.

«O Governo nisto vê sobretudo a segurança da sociedade que comanda. Eu sinto a insegurança da pessoa oprimida, atenho-me à Constituição como único instrumento eficaz. Nisto se baseia a diferença essencial entre a proposta e o projecto.»

★ *Continuando a justificar o projecto de que é signatário, o dr. Sá Carneiro disse mais adiante: «Com a nova redacção proposta para o art. 8.º pretende assegurar-se efectivamente os direitos da pessoa, deixando à lei ordinária apenas a regulamentação necessária dentro de um sistema repressivo, característico do Estado de Direito, em que, respeitando a liberdade de todos, se reprimem, com a indispensável e adequada severidade, os abusos verificados. Esse o sentido e alcance das alterações propostas, que determinarão necessàriamente o significado da opção que aqui tomarmos.»*

★ E ainda: «Pelo menos tanto como os seus críticos, os autores do projecto prezam a ordem e a segurança; repudiam e condenam a desordem, a subversão, e o odioso terrorismo.

Mas entendem também que a injustiça, a opressão, o regime policial são grandes fautores daqueles males; entendem que a repressão das liberdades fundamentais gera a revolta, o descontentamento, o mal estar social e o subdesenvolvimento contrários ao bem comum, ao progresso e à ordem pública; entendem que esta só pode conseguir-se e aqueles prosseguir-se com respeito dos valores humanos fundamentais, num sistema em que os abusos sejam reprimidos severamente, mas as liberdades honestamente respeitadas. Entendem que, como em qualquer Estado de Direito, no nosso deve assegurar-se a luta contra o desregramento, a intranquilidade e qualquer forma de desordem ou agitação subversiva através de uma legislação penal adequada, aplicada pelos tribunais, salvas as excepções graves determinantes dos estados de emergência.»

★ *Interrompido pelo presidente, o deputado — que falava pela segunda vez na ordem do dia — viu prorrogado o tempo por mais uns minutos, o que lhe permitiu acabar a sua importante intervenção.*

★ *Continuando a discutir na generalidade a proposta e os projectos de lei de alterações à Constituição Política, a Assembleia Nacional reuniu-se ontem de manhã e à tarde.*

Na sessão da manhã assistiram 65 deputados, para ouvirem a intervenção de Alberto Alarcão, sobre urbanização e desenvolvimento regional e, na ordem do dia, os deputados Lopes da Cruz, Miller Guerra, Homem de Melo, Menezes Falcão e Carlos Ivo. Na sessão da tarde responderam à chamada 93 parlamentares.

★ Lido o expediente, usou da palavra em primeiro lugar o deputado Gonçalves de Proença. Da primeira vez, para exprimir o parecer da comissão parlamentar. Agora para expor a sua própria opinião. Em resumo, o orador defendeu, no essencial, a proposta do Governo, bem como o actual sistema de eleição (indirecta) do Chefe de Estado.

★ *Pequena interrupção do deputado Magalhães Mota. O que é a Nação? Porque não é toda a Nação a eleger o Chefe de Estado? Discussão de luva branca, simbólica. Pedras do edifício. Pessoas, pedras vivas.*

★ O deputado Casal Ribeiro interveio para dar o seu acordo, na generalidade, à proposta do Governo e aos projectos, tal como estão indicados no parecer da comissão eventual. Entretanto, no que ao Ultramar se refere, ressalva o seu voto para quaisquer fórmulas que mais se ajustem com aquilo que, em seu entender, «melhor exprima os superiores interesses da Nação». Também fez questão de afirmar: «Embora disciplinado, fui, sou e serei sempre inteiramente livre de quaisquer compromissos políticos, não me deixando portanto acorrentar às ideias de ninguém. Elemento activo da União Nacional, simples e recente filiado na Acção Nacional Popular, legionário da primeira hora, defensor intransigente, desde muito jovem, do regime nascido da gloriosa Revolução Nacional de 28 de Maio, admirador desinteressado desse grande português e genial político que foi o Doutor Oliveira Salazar, aceitando sem reservas e apoiando quase sempre o seu ilustre sucessor na chefia do Governo português, Doutor Marcello Caetano, nunca perdi nem a objectividade da linha política que tracei, nem a independência na sua concretização. Daí a minha desaprovação à existência de partidos.»

★ *Houve uma altercação de certo modo viva entre o orador e o deputado Barreto Lara, àcerca do portuguesismo dos homens da Metrópole e do Ultramar.*

— Quatro gerações de portugueses do Ultramar sofreram em Angola...

— Se não fossem os portugueses da Metrópole, onde estaria V. Ex.ª e as suas quatro gerações? — pergunta a certa altura o deputado Casal Ribeiro.

★ Disse o deputado José da Silva, a certa altura da sua intervenção: «Parece-me que a revisão constitucional não pode deixar de incidir na restauração das grandes directrizes originais e na instauração de uma fiscalização efectiva da constitucionalidade das leis. Por razões ideológicas apoiarei, portanto, a generalidade das disposições quer da proposta quer dos projectos que concorrem para uma melhor definição das garantias dos cidadãos e para uma abertura à democratização progressiva das nossas instituições. Neste último aspecto, considero fundamental o regresso à fórmula do sufrágio directo para a eleição do Chefe do Estado. Que haja fora desta assembleia quem não simpatize com o processo e até o considere abominável ainda o compreendo, porque sei que há quem só reconhece às «élites» o instinto de interpretar validamente a vontade da Nação. Que haja dessas pessoas entre os senhores deputados custa-me muito mais a compreendê-lo, porque me habituei a considerar a nossa presença aqui como um voto de confiança no sistema do sufrágio directo.»

★ *Fazendo, depois, vastas considerações sobre o Ultramar, o deputado José da Silva defendeu «a autonomia progressiva» do Ultramar, acentuando: «A via da autonomia parece-me a que maior coesão pode trazer ao todo nacional».*

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

O TEATRO EM QUESTÃO — O TEATRO EM QUE ESTAMOS

Henrique Santana voltou ontem á Televisão portuguesa.

Se achavam bem a presença de Henrique Santana no «Frente a Frente» era certamente para se ouvir dele o relato da sua experiência teatral. Por outro lado, Henrique Santana furtou-se, desde o principio, a entrar por esse caminho. A partir daqui o jogo estava mal distribuido, faltaram as cartas de trunfo e tudo acabou por se entornar na vulgaridade dos questionários a que Mensurado habituou os telespectadores.

A primeira pergunta ainda fez nascer algumas esperanças: *Como vai o teatro?* Pensou-se ainda que Henrique Santana ia ter um rasgo de coragem, agarrar o toiro pelos cornos e dizer o que é preciso dizer de um estado de coisas que não traz vantagens a ninguém. Tal não aconteceu. Pelos vistos, também não era isso que Mensurado desejava: eis Henrique Santana a derivar para a Humanidade e para a Sociedade, a procurar razões nas qualidades e nos defeitos dos humanos. Bolas! Se alguém que é autor, actor, encenador e empresário nada mais nos tem para dar senão palavras vagas e filosofia de pouco mais ou menos — qual o interesse da sua presença diante de tamanho auditório?

Afastado do seu caminho mais simples, Henrique Santana viria a embrenhar-se na selva das confusões e dos mal-entendidos, no que foi «ajudado» pela visão pouco lucida de José Mensurado.

a) O que se condena em certo teatro dito comercial não é tanto o atrelar-se a processos e linguagem tradicionais como a exploração do que há de mais degradante, mesquinho e desumano em certas plateias. A expressão ontem empregada de «*puro divertimento*» carece de sentido. Todo o entretenimento possui os seus domínios que povoa á sua maneira — e essa maneira reflecte (e determina, e justifica, e oficializa) preconceitos, atitudes, visão do mundo, das coisas, dos fenómenos, das pessoas. Uma peça para fazer rir não é menos importante e responsável do que uma peça para não fazer rir.

b) É indispensável que um teatro divirta. É preciso que tudo divirta. Que tudo tenha jogo, movimento, capacidade de atrair, de prender as pessoas. Teatro que dê noções e não dê jogo, não é teatro: é catecismo. Há que saber, no entanto, o que se deseja com o divertimento: ou afastar as pessoas de si próprias e do entendimento dos problemas do seu tempo, ou integrar as pessoas, até aos gorgomilos, em situações que «*lhes despertem e estimulem a actividade*»; que «*as obriguem a tomar decisões*»; que «*lhes comuniquem conhecimentos*»; que lhes mostrem «*como o mundo se transforma*» — para utilizarmos expressões do Bertoet Brecht, ontem tão levianamente e tão despropositadamente citado.

c) Um empresário não pode dar como justificação das suas actividades «comercialeiras» razões de manutenção da própria empresa: tem de pagar impostos, rendas da casa, ordenados aos actores, etc. Não pode aceitar-se o povo como objecto e o lucro como razão.

d) Os autores não têm que fazer seja o que for para agradar aos críticos. Pôr o problema assim é ver ainda as coisas por um cristal de comerciante: agradar aos críticos para que o «negócio» não seja afectado.

Só há um caminho: o da autenticidade — e arrostar com as consequências. Para que o equilíbrio se estabeleça é indispensável a liberdade de criar e a liberdade de criticar. A liberdade de criar arrastaria inevitávelmente a liberdade de criticar para as obras de maior interesse. Houvesse, entre nós, outro teatro — e talvez ninguém se metesse a criticar o teatro tal como ele existe. Mas nem por isso o teatro tal como existe tem direito á benevolência — nem a crítica, tal como existe, tem obrigação de atender ás circunstancias.

É natural que nem Henrique Santana, nem José Mensurado estejam em condições de entender isto, e de conversar sobre isto na Televisão. Qual a vantagem, portanto, de um «frente a frente» como o de ontem? Tivesse-se Henrique Santana limitado a relatar-nos as condições em que realiza a sua actividade e talvez aprendessemos muito sobre a situação do teatro em Portugal. A culpa da fuga á realidade não lhe pertence. Mensurado tem de se convencer que o tempo das palavras pelas palavras — passou. Televisão sem palavras vivas não é televisão: é tele-ilusão.

●

Faltou a discussão
Faltou o principal

O teatro ardeu. Foi a tristeza que se sabe, estampada, como se costuma dizer, em todos os rostos. Títulos hiperbólicos na Imprensa: «*Catástrofe Histórica!*». Porquê esta dor, este pânico? Esta amargura — em tantos casos tão fortemente teatral? Porque, mais do que um edifício, aquilo, era um símbolo. Mais do que teatro, aquilo era uma acusação viva, com tudo quanto isso implica de sofrimento. De autosofrimento — que é outra forma de teatro. Aquele teatro existia para nos dizer que não havia Teatro, ele que nascera como uma radiosa e teatral esperança.

Era, pois, necessária a reconstrução dele para que, existindo, existisse a ilusão de haver em Portugal. Aí o temos, quase feito não, mas a caminho disso. Vimo-lo, assistimos ontem ao seu vagaroso crescimento. Para satisfazer a curiosidade do publico espreitador de buracos nas vedações, abriu-se um grande óculo na Televisão portuguesa. Os responsáveis, arquitecto Fernando Peres e o engenheiro Pereira Gomes, acompanharam-nos numa longa, longa visita guiada, através de gráficos pouco nítidos e de plantas confusas na dimensão da teletela. Seria uma visita util se fosse mais atraente. A informação, através da TV, há-de rodear-se de especiais cautelas que tomem em conta as condições de publico cujo apetite tem de ser desperto — e não abafado.

Não se entendeu bem a inclusão do tema na rubrica «Verso e Reverso». Este implica controvérsia, polémica, debate — e nada se viu, quanto a isso, na emissão de ontem. Houve a exposição, mas faltaram as variações. Verso, mas não reverso. Que poderia ser, para ficar de acordo consigo própria: *verso* — milhares e milhares de contos gastos na reconstrução do edifício: *Reverso* — inumeras cidades e vilas populosas sem uma oficina de teatro. *Discussão:* seria mais rendável para o desenvolvimento do teatro em Portugal a existência de um teatro ultramoderno em Lisboa ou a de 20 ou 10 teatros novos por essa província, entregues a quem neles quisesse trabalhar e exercitar suas qualidades?

Faltou a discussão: faltou o principal para ganharmos a convicção de que o Teatro Nacional é mesmo nosso, construído com o dinheiro de todos. Esperemos que a emissão de ontem seja apenas a primeira parte — e que venha outra, em breve, completá-la.

Pormenor de simples curiosidade: a certa altura, Luís Filipe Costa leu: «Na manhã *Verso* — milhares e milhares de contos gastos em empregos, os lisboetas ouvem na rádio e lêem nos jornais a dramática notícia». Ora acontece que nas manhãs do dia 2 de Dezembro, como se sabe, não há jornais... O facto tem pouca importancia, e na emoção com que se redigem estas recordações dramáticas tudo se compreende e se desculpa. Repito: a menção do facto tem apenas o sinal de uma curiosidade. A provar, como diz o nosso povo, que no melhor pano cai a nódoa.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Falua», programa para adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Helton John; 18 e 20: Espectáculos — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica popular portuguesa; 19 e 10: Selecção da Zarzuela: «La Linda Tapada», de Alonso de Tellaeche; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Julia Driscoll, Brian Auger e The Trinity; 20 e 30: 12.º Episódio do Folhetim «Duas Vidas — Um destino»; 20 e 51: Melodias pela Orquestra de Shegundo Galarza; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 50: Dia a Dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Ana Maria Xavier e António Paiva; 22 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Êxitos da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica portuguesa; 18 e 53: A Princesa Asiática — Abertura (Saint-Saëns), Orquestra da Ópera Cómica de Paris, sob a direcção de Albert Wolff; 19: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto por um Trio constituído pr: Maria Carlota Tinoco, piano; Vasco Barbosa, violino; Celso de Carvalho, violoncelo — Trio em dó maior K. 548 (W. A. Mozart); 20 e 43: Solo de órgão; 21: Árias de óperas pelo tenor Franco Corelli; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica de Liadov; 22: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (Filho); 22 e 45: Variações sobre uma ária de Salieri para piano e orquestra (Beethoven); 23: A voz do ocidente; 1 e 15: Fecho.

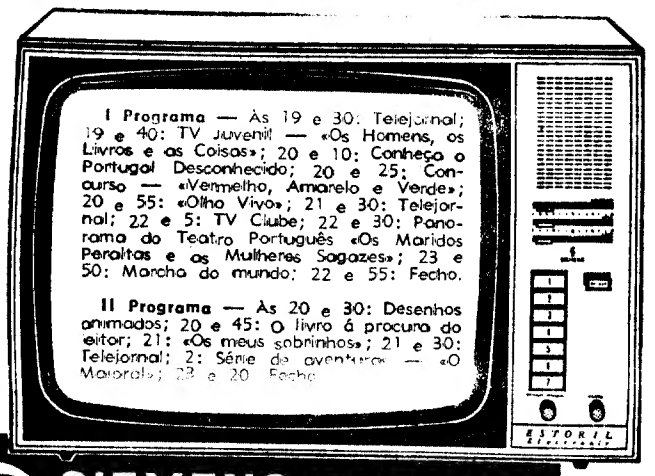
Programa estereofónico — MF 2 — Às 21: Bob Dylan: «Bringing It All Back Home»; 21 e 20: Ritmo sul-americano; 21 e 30: Conjuntos; 22: Orquestras; 22 e 30: Musica portuguesa; 22 e 45: The Monks; 23: Ciclo de melodias de Schubert — Canções pelo barítono Dietrich Fischer-Dieskau, com o pianista, Gerald Moore, 23 e 30: Musica sinfónica — Assim falou Zarathustra — Poema sinfónico op. 30 — (Strauss), Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigido por Karl Bohm, com Michel Schwalbe, violino — Sinfonia n.º 2 (Katchaturian), Orquestra Filarmónica de Viena, dirigido por Aram Katchaturian; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 6 e 04: Programa C D C; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa 19 e 04: Vértice; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino Singular — Magazine para a Mulher; 13 e 15: Filme de série «Uma mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal; 14: Mini-decoração; 14 e 15: Logo á noite. *2.º período* — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal — 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil «Robin dos Bosques»; 20 e 10: — Cartaz TV; 20 e 25: Reunião em Lisboa do Conselho Internacional de Autores Literários; 20 e 35: Fados, por Manuel de Almeida; 21: Imagens da poesia europeia; 21 30: Telejornal 22 e 50: Série policial «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo — Serviço informativo; 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 40: Mini-decoração; 21: Filme de série «Uma mãe para Eddie»; 21 e 50: Telejornal; 22: Karamoje — Documentário; 22 e 55: TV Jazz — O Festival de Harlém; 23 e 25: Fecho.

TUDOR pilhas secas

O CASO DO ASSALTO À DEPENDÊNCIA BANCÁRIA

Foi recuperada grande parte do dinheiro roubado

(Continuação da 1.ª página)

em dinheiro português, acrescidos de uma quantia em divisas estrangeiras por avaliar.

Calcula-se que o montante do roubo ascenda a mais de dois mil e quinhentos contos.

Ao que parece, a prisão destes três implicados deve-se, segundo a própria polícia, a um «bamburrio» da sorte, embora se mencione uma rapariga que esteve ontem a ser interrogada e teria denunciado os autores do assalto.

A primeira prisão deu-se, exactamente, ontem á noite no Aeroporto quando um jovem procurava passar uma mala. Essa mesma em que transportava o dinheiro. Outro dos assaltantes foi detido esta madrugada e o terceiro capturado já de manhã.

Embora não haja pormenores da sua identidade, sabe-se que um dos assaltantes é bate-chapa, outro estudante e o terceiro engraxador. As suas idades oscilam entre os 22 e 24 anos.

Um deles, fez serviço nos «Comandos» na Guiné. E' conhecido pelo «Sabu». Usa calças vermelhas de bombazina e, ao dar entrada no Governo Civil, tentou agredir os jornalistas que o aguardavam, designadamente os repórteres fotográficos. Foi dificilmente dominado.

Por enquanto os presos estão a ser interrogados sobre o assalto propriamente dito. Para já, confessaram que a metralhadora que intimidou o pessoal do Banco não era a sério. Era um brinquedo de ar comprimido.

Sabe-se também que apenas três entraram na dependência bancária, ficando cá fora aquele que recebeu a mala do dinheiro. Tendo sido esse o primeiro a ser preso, não foi logo, e naturalmente, reconhecido pelas testemunhas, já que foi o unico a não entrar no local do assalto.

Aquele que parece ser o chefe mostra-se muito seguro do seu feito, embora o golpe tenha falhado.

O comissário-adjunto Costa (P. S. P.) transporta a mala com a quase totalidade do dinheiro roubado

ERA DE PLÁSTICO A «METRALHADORA» UTILIZADA NO ASSALTO

Tudo começou com um telefonema

«Um autêntico bamburrio» — assim classificou o capitão Maia Correia, comandante da Divisão de Transito.

Segundo o comandante da P. S. P., coronel Osório Cruz, *«tudo começou com um telefonema anónimo, ontem á noite, ás 20 e 10»*.

Agentes da P. S. P deslocaram-se imediatamente ao Café Império e aí detiveram um indivíduo suspeito.

Interrogado, as informações que prestou levaram á detenção de outros dois indivíduos: um na Rua da Atalaia e outro na Rua Actor Isidoro.

O segundo foi capturado ás três da madrugada, e o terceira deu entrada nos calabouços esta manhã.

O dinheiro foi encontrado numa mala amarela na já mencionada Rua Actor Isidóro. Trata-se da mesma mala em que os assaltantes meteram o dinheiro no momento do assalto.

O cérebro do assalto

O comando da P. S. P. só revelou a identidade de um dos capturados: João Manuel Teixeira, estudante, «o cérebro do assalto».

Muito jovem (talvez 20, talvez 22 anos), o cérebro do assalto, quando atravessou o pátio da Polícia após o interrogatório em direcção aos calabouços, chorava convulsivamente.

Consta que um seu irmão, profesor de Matemática e Geografia, se encontra implicado no assalto por cumplicidade. Teria sido receptador.

«Sabu», o assaltante que enfrentou os repórteres-fotográficos e fez frente aos jornalistas («Querem entrevistar-me? Façam perguntas!»), afirmou á Polícia que se encontrava bêbado quando foi arrastado para o «complot».

— *Homem de uma só palavra, tinha de cumprir* — disse para os agentes.

A operação, que implicou a actividade de cerca de 70 agentes da P. S. P., levou á detenção de mais de 20 indivíduos, os quais, no entanto, nada têm a ver com o golpe da Avenida de Roma.

A mala com o dinheiro estava na posse de um bate-chapa

A falta dos nomes de todos, podemos identificar os três assaltantes presos pelas suas profissões ou actividades: um ex-marinheiro, um estudante e um bate-chapas. Ignoram-se pormenores sobre o quarto assaltante.

— *Foi um golpe praticado com audácia, mas faltou-lhes experiência posterior* — disse aos jornalistas o comissário-adjunto Costa.

Efectivamente, 72 horas após o assalto o bate-chapas foi capturado num dos três locais acima mencionados quando, com a mala amarela, pretendia dirigir-se ao Aeroporto da Portela.

De acordo, porém, com outra informação da P. S. P. (não oficial), esse mesmo indivíduo teria sido capturado no próprio Aeroporto quando efectuava uma transacção de cambio com o dinheiro estrangeiro roubado.

Nenhum intuito político

— *Nunca pensei que fosse tão fácil assaltar um banco* — disse «Sabu» aos agentes que o prenderam.

Quer «Sabu», quer os outros dois assaltantes (o estudante e o bate-chapas), declararam que o assalto não tinha intuito político.

— *Foi um assalto á mão armada e mais nada* — afirmaram á P. S. P.

Só duas armas verdadeiras

Só duas armas eram verdadeiras: um revólver e a pistola sacada ao agente da P. S. P. em serviço na dependência bancária.

Destino das armas verdadeiras: o rio.

Atirou-as ao Tejo parece que o «Sabu».

As armas capturadas pela P. S. P. resumem-se a uma metralhadora de brinquedo e a uma pistola de plástico.

Parco nas informações, o comandante da P. S. P., coronel Osório Cruz, quando interrogado por nós sobre o sexo do autor do telefonema anónimo, disse:

— *F...*

Mas depois hesitou e acabou por dizer:

— *Não me pergunte mais nada.*

Dinheiro verdadeiro (já lacrado) e armas de brinquedo na mala utilizada no golpe pelos assaltantes

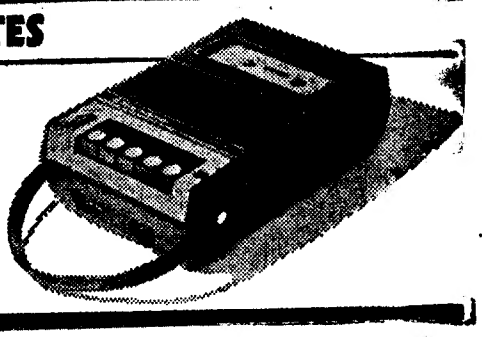
Finalmente, confirma-se a presença dos capturados na Piscina Municipal do Areeiro, pelo que o respectivo chefe (Américo Abreu) será chamado ao Governo Civil (P. S. P.) para os identificar.

Os assaltantes são entregues esta tarde á Polícia Judiciária.

FUJI
Rádio-Gravador de Cassetes
• TRANSISTORIZADO-PILHAS E CORRENTE
• ONDAS MÉDIAS E FM
• INDICADOR DE CONSUMO DE PILHAS E CONTROLO DE GRAVAÇÃO
• MICROFONE COM INTERRUPTOR

Com a técnica japonesa... grave hoje as saudades de amanhã

GRAVADOR DE CASSETES
• PORTÁTIL - LEVE - FIEL
• POSSIBILIDADES DE LIGAÇÃO A CORRENTE, POR ADAPTADOR
• MICROFONE COM INTERRUPTOR



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
SABEL
Rua D. Estefânia, 98 - LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

(Sala na cave) Restaurante breque
A deliciosa cozinha Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com música de fundo estereofónica
Domingo: PERNA DE CABRITO A PADEIRO e ENSOPADO DE ENGUIAS
Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D —— Telefs. 677006 - 679993

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
C/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

O CASO DA HERANÇA SOMMER

A 143.ª audiência do julgamento do caso da Herança Sommer começou com o despacho seguinte do tribunal:

«Perante o que vem sendo exposto e requerido a fls. 12 743-46 verso, surpreende-se o Tribunal o réu revel dê mostras de não se ter ainda apercebido de que está a exceder-se no pedido de esclarecimentos, fazendo-o não só em relação a decisões que se têm por claras e perfeitamente compreensíveis, mas também quanto a meras afirmações inseridas no contexto daquelas, que o Tribunal, de modo algum, tem o dever de esclarecer».

«E mais se surpreende por o mesmo réu para os apontados fins ter usado um estilo ora jocoso, ora polémico, como aquele de que se serviu para interpelar o Tribunal. Há que lembrar ao réu que tal maneira de actuar só pode conduzir a um arrastar e desgastante diálogo que, além de nada ter de proveitoso para o esclarecimento da verdade só viria retardar ainda mais a conclusão do julgamento. Em consequência, o Tribunal limita-se a admitir o recurso interposto a fls. 12 743, a subir oportunamente em conformidade com o artigo 643 do Código do Processo Penal».

O sr. dr. M. J. Palma Carlos não se conformou e pediu licença para requerer o seguinte:

«Dados os termos em que o despacho, que vem de ser proferido, se refere à actuação profissional do advogado em exercício, que neste momento está no uso da palavra, na audiência do julgamento em curso, requer, desde já, que se extraia certidão do mencionado despacho, do requerimento sobre que tal despacho recaiu e do despacho anterior, em que se fundamenta o requerimento de fls. 12 743, para que se requeira à Ordem dos Advogados inquérito sobre a actuação do advogado do réu, já que é quem tem legitimidade e autoridade para se pronunciar sobre a forma como qualquer advogado faz uso do mandato profissional que lhe haja sido conferido. Isto porque o despacho em causa, referindo-se, embora, ao réu revel, a quem visa é a ele, advogado dele».

O tribunal retirou-se para deliberar e, passados alguns momentos, pronunciou-se, tendo deferido o requerido, «sem embargo de referir não estar inibido de formular reparos aos mandatários judiciais, como resultado de princípios gerais da disciplina processual e, nomeadamente, nos artigos 412 do Código do Processo Penal e 154 n.º 1 do Código do Processo Civil, desde que tal se justifique».

Seguidamente, o sr. dr. Palma Carlos passou a interrogar o declarante, sr. Carlos Champalimaud. Alguns diálogos entre o causídico e declarante podem dar ao leitor uma ideia do clima que envolveu perguntas e respostas. Em determinada altura, o sr. dr. Palma Carlos, referindo-se ao sr. Carlos Champalimaud, disse:

«O senhor insinuou que...»

Perdão sr. doutor, eu não insinuo, afirmo.»

«Deus o benza e lhe dê um pouco mais de correcção», respondeu o sr. dr. Palma Carlos.

«Como? Que disse o sr doutor?» — perguntou Carlos Champalimaud.

«Não estou aqui para responder às suas perguntas, mas o senhor é que tem de responder ás minhas», foi a resposta do advogado.

Ao pretender que o sr. Carlos Champalimaud lesse uma decisão de um tribunal arbitral: «Não percebo nada de Direito e ninguém me levará a manifestar sobre pontos de Direito.»

«Perguntando-se ao declarante em que factos concretos baseia a convicção a que se referiu a fls. 12 757 dos autos, que as actas n.os 8 a 13 da Transformal, elaboradas já posteriormente a Março de 1957, embora tenham dados que vão de Março de 1952 a 1956, respondeu que começou por formar a sua convicção, por considerar um abuso de confiança terem-no dado como presente nas actas de assembleias gerais que se não realizaram; que «tendo vivido, lado a lado, com seu irmão António, durante todos aqueles anos, nunca por este lhe foi referida qualquer assembleia geral da Transformal, nem solicitada assinatura para aquelas actas, quando é certo que o mesmo seu irmão pediu a assinatura de Carlos Champalimaud — as palavras são do declarante — para outras actas com fins malévolos»; que, por múltiplas vezes, o declarante produziu essa afirmação de que as actas haviam sido elaboradas posteriormente ás datas que ostentam e que nunca o contraditaram até hoje, o que atribui ao facto de a defesa (expressão com que não quer referir-se aos advogados de seu irmão) bem saber que, se tivesse contraditado tais afirmações, quando elas foram feitas, teria sido possível ao declarante comprovar laboratorialmente a época da feitura das referidas actas».

Mais uma vez afirmou o sr. Carlos Champalimaud que seu irmão Henrique estava totalmente dominado por António, «que supõe que Henrique assinaria tudo o que António quisesse, na sua estranha e cega ânsia de tudo resolver pelo melhor».

À pergunta: «quais os gerentes da transformal em 1957 respondeu que em anos anteriores havia sido seu irmão Henrique, mas se o era ou não nessa data, tornava-se-lhe impossível responder, porquanto desde a sua exigência de prestação de contas, agravou-se o hábito das destituições e nomeações irregulares.»

O INGRESSO NA ACADEMIA MILITAR

De 26 de Julho a 14 de Agosto de 1971 estará aberto Concurso de admissão á Matrícula nos diversos cursos da Academia Militar, para o ano lectivo de 1971/72.

São condições gerais de admissão:

Ser de nacionalidade portuguesa originária; ser solteiro; ter menos de 21 anos de idade em 1 de Janeiro de 1971; estar habilitado com o 3.º ciclo liceal, alíneas f) ou h) e g), ou equivalentes.

Na sede da Academia Militar, nos Distritos de Recrutamento e Mobilização e nas sedes dos Comandos Militares Ultramarinos são prestadas todas as informações respeitantes á documentação necessária para a constituição dos processos de admissão, os quais deverão dar entrada dentro do prazo referido no n.º 1, nos seguintes locais:

a) Candidatos residentes no Continente e Ilhas Adjacentes; sede da Academia Militar, Paço da Rainha, Lisboa-1;

b) Candidatos residentes nas províncias ultramarinas: sede do respectivo Comando Militar.

Podem os candidatos obter gratuitamente na Academia Militar e na sede dos Comando Militar.

Podem os candidatos obter gratuitamente na Academia Militar e na sede dos Comandos Militares Ultramarinos folhetos explicativos de todas as fases do concurso de admissão, os quais podem também ser consultados nos Distritos de Recrutamento e Mobilização.

ora diga-nos...

— Já foste à praia este ano?

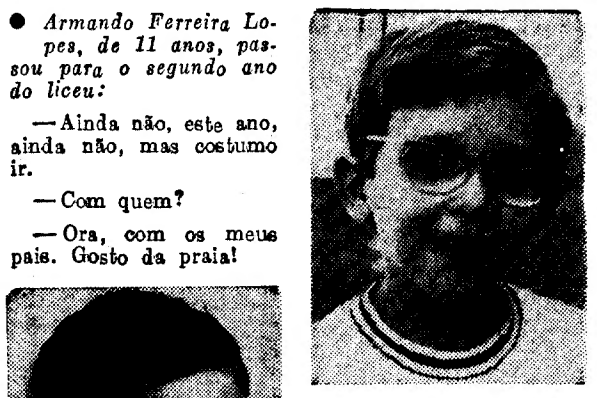
As crianças gostam da praia, se gostam!; mas nem sempre surge uma oportunidade. Aliás, o tempo só agora começa a estar de feição.

● *Armando Ferreira Lopes, de 11 anos, passou para o segundo ano do liceu:*

— Ainda não, este ano, ainda não, mas costumo ir.

— Com quem?

— Ora, com os meus pais. Gosto da praia!



● *Fernando Filipe Rosa Seixas, aluno da 1.ª classe, tem 6 anos e deu-nos esta resposta:*

— Este ano, não senhor! Tem estado frio... Quando vier o calor, vou!

● *José Manuel Ferreira Mendes, de 11 anos, vai frequentar, no próximo ano lectivo, o 2.º ano da Escola Manuel da Maia. Disse-nos:*

— No último domingo, que estava calor, o meu pai não quis ir. Mas costumo ir à praia aos domingos. Tomo banho e divirto-me.

NOVOS DISCOS

O veterano MATT MONRO gravando para a «Capitol» os trechos «Everything Will Happer» (L Schultz), «All that remains» (King-Junkin-Schultz), «The impossible dream» (Leigh-Darion) e «My way» (François Ravaux - Thibaut). As melodias são interpretadas em espanhol e receberam, respectivamente, os nomes de «Todo pasara», «Lo que quedo», «Sueño imposible» e «A mi manera».

FAME AND PRICE, PRICE AND FAME TOGETHER: o nome excêntrico) de uma dupla que gravou «Rosetta» e «John and Mary» para a marca C. B. S. Produção de Mike Smith.

*

Com arranjo e direcção de orquestra de Pedro Osório, saiu o seguinte disco de Elas. As jovens interpretam «Nós não somos nada» e «Eu canto p'ra ti». Disco «Alvorada», com trechos da autoria de Carlos Portugal.

[redacted] o fado e o folclore — restaurantes típicos [redacted]

VIELA

Cantam: Sérgio, Berto Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo, 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Ana Rosmaninho. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo, 90$00 ✲ Beco dos Curtumes, 10 ✲ Tel. 860816.**

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín., 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Mário Amália Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Encerra aos domingos.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nozaré Maria, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. Mín., 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

[redacted] restaurantes, bares, «boites» e «dancings» [redacted]

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521 - -264526-264596-264621-264946.**

ADAGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop— Saul e Undergroung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Musica constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef. 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente, **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86633.**

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
534466 56 19 49

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BATACLAM

BAR DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 39-A Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

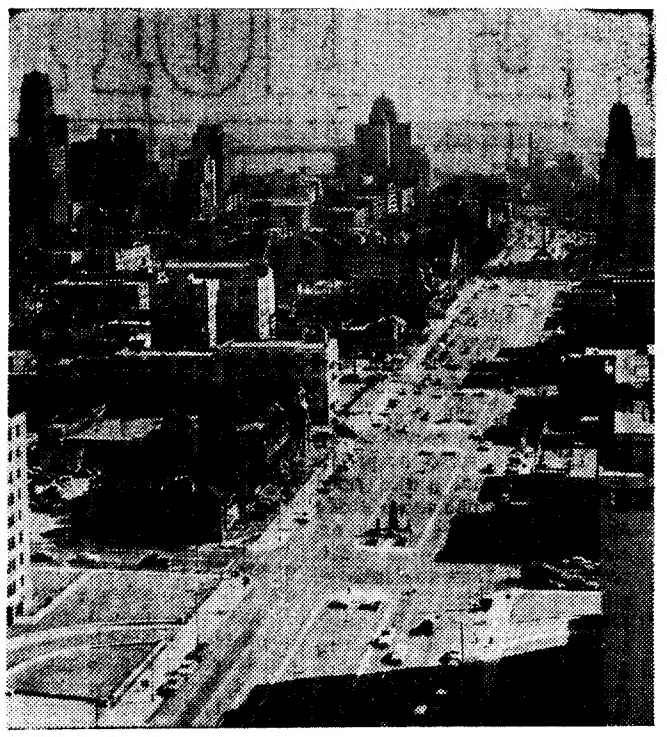
LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da 1.ª página)

instituir como prémios magníficos desta segunda fase da nossa realização viagens ao Rio de Janeiro, a deslumbrante cidade brasileira, a do Corcovado, do Pão de Açúcar, da Barra da Tijuca e da célebre praia de Copacabana; Toronto e Montreal, duas das maiores cidades canadianas, com visita às famosas Cataratas do Niagara; à hospitaleira e maravilhosa Escandinávia, com escala em Copenhague, Estocolmo e Oslo; e ainda Paris, Londres e Franckfurt.

Algumas das mais apetecíveis cidades do mundo vão ser visitadas por leitores do «Diário de Lisboa». E acrescentemos, como pormenor aliciante e de grande interesse, que as viagens são duplas e, portanto, o contemplado pode fazer-se acompanhar por um familiar ou amigo e envolvem uma estadia de oito dias. São, pois, autênticas férias no mundo as oportunidades que oferecemos aos participantes da nossa iniciativa, pelo simples facto de serem leitores deste Jornal. Não deve ter havido nunca maneira mais fácil de conquistar prémios valiosos. Vinte e quatro leitores do «Diário de Lisboa» vão conhecer cidades europeias e americanas. O prazer de viajar sem gastar é-lhes proporcionado pelo simples facto de serem leitores do nosso jornal.

Nunca será de mais recordar que aos prémios deste sorteio estão automàticamente habilitados todos quantos participaram na primeira fase da iniciativa. E nesta segunda fase continuamos a registar inscrições que diàriamente vão chegando aos nossos serviços. Pormenor importante: o prazo para a recepção dos cupões-duplos de identificação termina, impreterìvelmente, no próximo dia 30. Poucos dias faltam, portanto, para encerrar a margem de tempo aberta a todos os nossos leitores dos mais diversos pontos do País. Os que o não fizerem podem ainda remeter, depois de preenchido com letra bem legível, o cupão-duplo de identificação que estamos a publicar, remetendo-o para os nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.º Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00. Oportunamente receberá o cartão que o identificará como leitor do «Diário de Lisboa» e o habilitará ao sorteio. Depois nada mais é necessário, além de coleccionar os «cabeçalhos» do nosso jornal (título e data da primeira página) publicados entre 7 de Abril último e 7 de Julho próximo. Essa colecção de «cabeçalhos» terá de ser exibida perante um delegado do «Diário de Lisboa» e um representante da autoridade, no caso de vir a ser contemplado com alguns dos magníficos prémios instituídos para esta segunda fase da nossa iniciativa.



Toronto, uma das maores cidades canadianas (apenas ultrapassada em grandeza e nível populacional por Montreal — também na escala dos nossos leitores), oferece a quem a visita vastos motivos de interesse. Os aviões da CP-Air levarão ao Canadá leitores do «Diário de Lisboa» — para a descoberta de um mundo novo

RESUMO DO REGULAMENTO

— A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome, a morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire regularmente o «Diário de Lisboa».

— Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185, 1.º Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios.

— Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— O cartão de identidade do Leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

— O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir *na sua residência* o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.

— A verificação dos «cabeçalhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente do cupão-duplo de identificação enviado no dia seguinte após a realização do sorteio, entre as 19 e as 23 horas, sendo realizada por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva, tendo o leitor (ou quem o represente) que exibir a sua identidade e o número de «cabeçalhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após o da realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste lapso de tempo), recorrer-se-á aos suplentes apurados para o efeito em sorteio. Abre-se, assim, ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

— No caso de o participante não ter coleccionado o número suficiente de «cabeçalhos», o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabeçalhos» determinado, sendo a verificação feita no dia imediato à do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes. O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado, compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o represente), assim se procedendo sucessivamente, em relação aos restantes suplentes.

— O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971, data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação.

— Fica estabelecido que a partida das viagens que constituem prémios seja feita de Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1.ª classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal de onde consta o título deste e a data de publicação.

JORNAIS ATRASADOS

Os leitores que pretenderem jornais atrasados e não os consigam nos vendedores habituais, podem dirigir os seus pedidos ao armazém do «Diário de Lisboa» — Rua Luz Soriano, 17 ou à secção de assinaturas, Rua Castilho, 185-1.º. A liquidação de exemplares solicitados pelo correio pode fazer-se por cheque, selos ou vale de correio.

ATENÇÃO

Não envie o cupão-duplo em sobrescrito aberto. Remeta-o em sobrescrito fechado, com um selo de 1$00.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

_____ TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

_____ TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

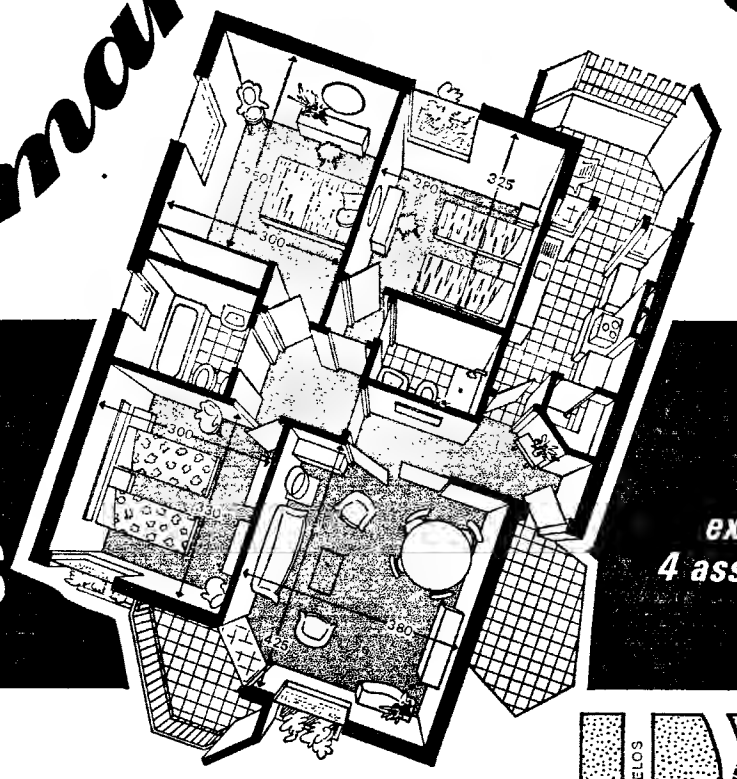
(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO — O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automàticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

CAMPANHA DA HABITAÇÃO NA PRAIA

ar, mar e família



3, 4 E 5 ASSOALHADAS

exemplo de 4 assoalhadas

Empreendimento situado em local desafogadíssimo de CARCAVELOS, desenvolvendo-se em zona de Pinhal, com bom ar, grande vista de mar e permitindo o

ACESSO A PÉ

- A PRAIA, por distar cerca de 400 m. (andamento normal 5 minutos)
- A ESTAÇÃO, por distar cerca de 700 m. (andamento normal 10 minutos)

URBANIZAÇÃO VINCADAMENTE HABITACIONAL

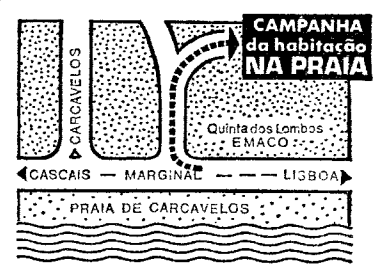
- ÁREAS FRANCAMENTE GRANDES E NITIDAMENTE COMPARTIMENTADAS, (HABITAÇÕES DIVIDIDAS EM 3, 4 E 5 CASAS ASSOALHADAS, PERFEITAMENTE DIFERENCIADAS.)
- SITUAÇÃO A MEIO DA LINHA LISBOA-CASCAIS
- BOAS E BONITAS COZINHAS, COM FUNCIONAIS ESTENDAIS.
- EQUIPAMENTO COMPOSTO POR:- FRIGORÍFICO, FOGÃO, ESQUENTADOR, EXAUSTOR DE FUMOS E MÁQUINA DE LAVAR LOIÇA (TUDO INCLUÍDO NO PREÇO)
- PRINCIPAIS ACABAMENTOS:- CAIXILHARIA EXTERIOR EM ALUMÍNIO ANODIZADO, COM PORTAS PARA A VARANDA, COM INCRUSTAÇÕES DE MUTENE - LOIÇAS E AZULEJOS DE CÔR - TACOS DE MUSSIBI - SANCAS PARA CORTINADOS EM MUTENE.

CORES, MADEIRAS E MATERIAIS ESCOLHIDOS POR UM GRUPO DE ARQUITECTOS E DECORADORES

PROGRAMA FINANCEIRO

	ENTRADA	48 MENS.	49ª MENS. (convertível em hipoteca)	PREÇO
3 assoalh.	40 c.	4.500$	189 c.	445 c.
4. "	60 c.	5.500$	236 c.	560 c.
5 "	70 c.	6.500$	293 c.	675 c.

ATENDE NO LOCAL
Dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 20 - Domingos das 15 às 20



DR. ÂNGELO DOS SANTOS
SECÇÃO DE VENDAS
Av. da Liberdade, 190 - 1/c Dto.
Lisboa - Tel. 3 33 76 e 3 34 28

TAMBÉM DURANTE AS FÉRIAS

Sem encargos
Sem dificuldades
Sem cuidados

pague:

- água
- gás
- electricidade
- telefone
- taxas de rádio
- taxas de televisão
- prémios de seguros
- rendas de casa
- quotas do Automóvel Club
- quotas de colectividades
- assinaturas de jornais
- assinaturas de revistas
- contribuições da previdência
- outros encargos periódicos

realize:

transferências para todo o país
transferências entre contas
operações de cobrança

através de uma conta do
SERVIÇO DE TRANSFERÊNCIAS

peça informações nas filiais, agências ou delegações, existentes em todos os concelhos do país, ou directamente na sede do serviço, Rua Áurea 49-Lisboa

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

LISBOA DANÇA NAS RUAS (Conclus

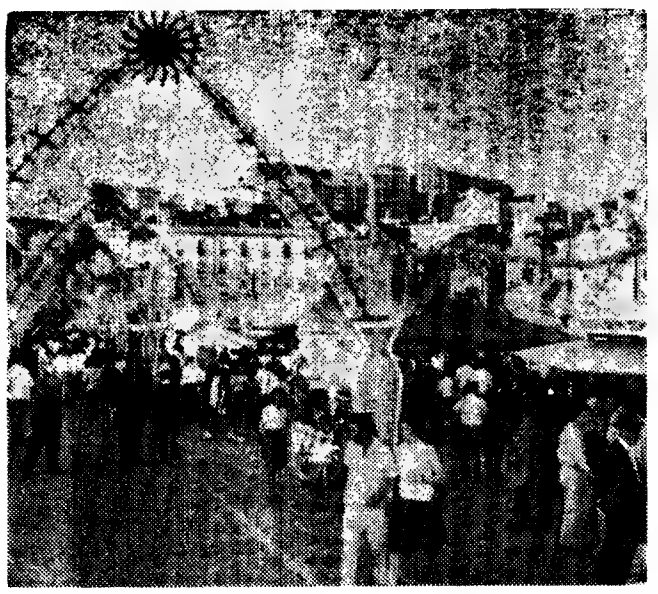
UM FRANGO POR CINCO TO
PARA UM SORTALHÃO DO BAIRI

Os QUATRO velhos bairros de Lisboa são os que, para o turista, têm nos templos da tradição fadista o altar típico (e caro) dos Santos-de-todo-o-ano. Lá o povo verdadeiramente pouca intimidade mantém com esses Santos. Serve-os. De avental minhoto, nas mesas de uisque. De mãos na guitarra, quando a tristeza exige silêncio. De trinados na garganta, que o fado é que induca. Mas, no resto, o mais que faz é abrir-lhe diàriamente a caixa-da-almas.

O BAIRRO ALTO vive os seus santos-de-todo-o-ano dentro das casas de grandes letreiros luminosos.

ALFAMA esconde-os nas arrumações esquinadas das velhas tascas transformadas em corações-de-guitarra e corpos-de-viola que forçam as des-

É certo que a ilusão de festa (ou festa mesmo, para quem não tem outras) está no que se pode fazer de graça ou, pelo menos, barato. Ora de graça (de graça) os festeiros apenas podem dançar e, se não lhe meterem (às vezes à força) uma flor-de-papel na lapela, dar uma volta ao recinto e ver gente que vende e gente que compra. Mas isso já compensa quem tem que pagar bilhete ou fazer despesa obrigatória se quer ir a algum lado público. Deixemos isso para trás.



Mouraria não fez arraial; fez feira no Largo Martim Moniz

UM FRANGO POR UMA «COROA»

O Bairo Alto, desta vez, para festejar os Santos Populares, teve que deixar o seu quadrado bairrista e subir a S. Pedro de Alcântara. Debruçou-se sobre o miradouro da Liberdade e não sobre o de S. Catarina, que lhe fica abaixo, e, por via colateral, pertence à Bica.

Foi no jardim suspenso sobre as Taipas que o Bairro Alto, com o seu povo (marujos de antigas noites prometedoras, tipógrafos saídos das forjas dos jornais diários, vendedores de acordes de viola e outras ilusões fadistas, além dum resto de boémia canalha que ficou dum passe antigo) andou a fazer a noite dos seus santos.

O arraial estava catita com um trono, a Santo António dentro do lago e a promessa, para certa gente humilde, de uma moeda casamenteira ati-

garradas conforme ode
gueses.

O CASTELO, ao contrá
rio de telhados, ainda co
descem a encosta.

A MOURARIA conserva
onde até mais tarde houve
Senhora da Saúde.

Mas uma coisa é vende
gericos de fora-de-época;
gosar o calor e os cheiro
LARES.

Começou com Santo Ant
Hoje é S. João. Depois se
povo é que se serve como

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

PEUGEOT
PICADORA
para CARNE PEIXE e LEGUMES COZIDOS

DISCOS E FACAS EM AÇO INOXIDÁVEL | apenas por 565$00
Representante exclusivo: SABEL
Rua de D. Estefânia, 98 A - LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

nas férias os seus filhos podem aprender inglês
num colégio católico da Irlanda

Peça ao seu Agente de Viagens o programa do curso de férias Multitur no Marian College, em Dublin. E ofereça aos seus filhos a importante vantagem de falar e escrever correctamente a língua internacional de hoje — o inglês.

- Inscrições — ambos os sexos, 13 a 18 anos
- Duração — 4 ou 8 semanas
- Partidas — 4 Julho e 1 Agosto
- Preços (tudo incluído) desde 9.400$ *

* *Aproveite as facilidades do sistema Multicrédito*

Cursos de férias
multitur

SOCIEDADE DE NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA

Na sua sede (sala nobre do Hospital Miguel Bombarda), a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria promove esta noite, ás 21 e 30, uma sessão extraordinária, seguida de assembleia geral.

Será apresentada uma comunicação intitulada «Estudo experimental e teórico dos processos cognitivos em algumas afecções psiquiátricas», pelos drs. J. Simões da Fonseca, S. Guerreiro Barata, M. T. Gil, M. F. Pacheco F. Pego e M. C. Barata.

Na assembleia geral nomear-se-á o juri para atribuição do Prémio Sandoz e votar-se-á uma proposta de alterações aos estatutos da Sociedade.

lusão)

TOSTÕES
RRO ALTO

oder de compra dos fre-

ontrário, mostra-os no casa-
a com águas-furtadas, que

serva-os, arredadas do largo,
ouve cafés-de-camareiras, na

vender os balões e os man-
oca; outra é vir para a rua
heiros dos SANTOS POPU-

o António o milagre da rua.
ois será S. Pedro. Até lá o
omo costuma servir.

rada às águas zebreiras. Mas dinheiro miúdo e desejos mal-contidos não fazem milagres: quem atirou uma moeda ao lago do trono perdeu-a na mão do rapazio que a secou em escassas guloseimas de paladar duvidoso.

Apenas ganhou barato quem jogou na sorte de um frango rifado a *croa* na tômbola montada por um aviário. Um frango por cinco tostões foi a lembrança de um vendedor hábil que jogou com este antigo dito do povo: *galinha gorda só a doentes* — e pobres quase nunca têm tempo para uma doença.

MOURARIA: FEIRA DE JUNHO

Também a Mouraria teve que descer da Rua do Capelão, que ainda é o seu passado presente, para o espaço-vivo do Martim Moniz e, aí, abrir a corrente trifásica aos santos de Lisboa.

Uma rifa de «coroa» e o frango pode ser seu!

Há quem critique o facto de a Mouraria ter transformado o que se queria como simples arraial numa feira de Junho. *Más línguas*, dizem os organizadores e acrescentam: *tivessem os outros bairros o espaço que nós tínhamos e era um ver-se-te-avias!*

Talvez tenham razão, mas não toda. Alfama e o Castelo, por becos, vielas e escadinhas somam um espaço largo que (também) podia dar para tudo, mas optaram pela fórmula de *um arraial em cada canto*. O milagre da multiplicação.

Claro que Alfama e, do mesmo modo, o Castelo fizeram as suas festas ao gosto da abundância que vem de fora para dentro. Havia sardinhas para o povo, comidas em pé e à mão; mas havia sardinhas para turistas, engarfadas no prato e à mesa.

Na Mouraria, não. O sistema era o de barracas. Não se sentia, em qualquer local ou com qualquer coisa, a concorrência ambulante. Por isso, quem no Martim Moniz quisesse, por exemplo, comer uma sardinha por menos de cinco-paus, tinha que se arrastar, colina acima, até ao Castelo (onde chegava com a sua fome toda metida no cansaço) ou prolongar os passos até à distância de Alfama (onde escolhia o fogareiro que trabalhasse à medida das suas economias). Feitios.

Até ao dia de hoje, foi assim. Mas o povo vai aprendendo com a experiência, e depois do S. JOÃO vem o S. PEDRO. É dos livros, não é?

TAVARES DA SILVA

Começou com o Santo António o milagre da rua. Quando a menina vier a saber dos milagres do santo, entenderá o valor que, um dia, teve consertar as bilhas quebradas das raparigas que iam à fonte?

O III DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

A propósito da crónica intitulada «Em vez de carrascão», do nosso camarada de redacção Fernando Assis Pacheco, recebemos do sr. dr. Carlos de Figueiredo Nunes um memorial sob a epígrafe de «3.º Dia do Antigo Estudante de Coimbra», em que, segundo afirma expressamente, «não se trata de qualquer esboço de polémica mas, unicamente, de um leal esclarecimento aos comentários» do nosso redactor.

Registamos os termos em que se nos dirige o sr. dr. Figueiredo Nunes e passamos a transcrever integralmente o seu texto:

«No dia 22 de Maio publicou o «Diário de Lisboa», sob o título «Em vez de carrascão», uma local assinada por Fernando Assis Pacheco, em que se faziam alusões ao 3.º Dia do Antigo Estudante de Coimbra, inicialmente marcado para o dia 29 do mesmo mês e posteriormente adiado por motivo da irregularidade do tempo.

A circunstância de se fazer referência ao meu nome e de se transcreverem alguns versos extraídos da Convocatória que subscrevi, obriga-me a um breve comentário que o «Diário de Lisboa», de tão honrosas tradições, certamente me permitirá.

Depois de se identificar como antigo estudante de Coimbra, e por sinal nascido em Coimbra, o dr. Assis Pacheco declara categòricamente que não vai ao «3.º dia de não sei quê, etc.» (abreviatura grosseira de um título que não se presta a ambiguidades).

É evidente que tem pleno direito de assim proceder e é evidente também que ninguém dará pela sua falta. Mas o dr. Assis Pacheco não fica pela afirmação clara e inequívoca de recusa ao convite que, enfastiadamente, remete para o cesto dos papéis: promete explicar porquê. Infelizmente, porém, a nossa expectativa é totalmente frustrada! Lentamente, penosamente, lavrando um campo de prosa alheia, o autor da crónica faz a transcrição quase total e textual do projecto de Programa distribuído pela A. A. E. C.

E ao longo deste laborioso exercício de cópia, o único comentário crítico e pessoal que sai da sua pena fecunda resume-se às seguintes expressões: «Pasmo» — «A pasmo, desculpem, torna-se maior» — «pasmo ainda» — «eu pasmo e pasmo» — «repasmo»!

Assim, cinco vezes pasmado e uma vez repasmado, chega ao fim do Projecto de Programa sem explicar porque não vai a Coimbra, como afoitamente prometera!

Em seguida, pergunta á gente do seu tempo se os versos que vai transcrever têm alguma coisa a ver com eles (o dr. Assis Pacheco e a sua malta). Ora, por mais inteligente que seja, a gente do seu tempo não poderá dar qualquer resposta fundamentada porque os versos transcritos, intencionalmente destacados do seu contexto, não mostram a intenção da Convocatória nem a finalidade desse Convívio a que chamámos o 3.º Dia do Antigo Estudante de Coimbra. E isto justifica o meu esclarecimento, dirigida áqueles que, de boa fé (está incluída a gente do tempo do dr. Assis Pacheco), desejem compreender. Esclarecimento também dirigido ao próprio dr. Assis Pacheco, ainda que mais não seja para o tirar, num gesto de bom samaritano, dessa situação de pasmo que tão insólitamente o atingiu!

E a minha resposta á tal pergunta é simples, acessível, breve: — Não. Os meus versos, bons ou maus, não são para quem os não entende ou intencionalmente lhes altera o sentido.

Se eu não tivesse sido estudante de Coimbra talvez passasse, por ver que alguém com responsabilidades no «Diário de Lisboa» se permitiu trazer ás suas páginas, onde a probidade é Lei, uma transcrição truncada, salientando precisamente a parte menos significativa da convocatória, breve apontamento anedótico que logo se vê ter a finalidade de amenizar o fundo emocional que serve de «substractum» a toda a composição. A motivação da Convocatória está claramente definida na sua primeira quadra, e só a não compreende quem não quer compreender. Com efeito, lá se diz:

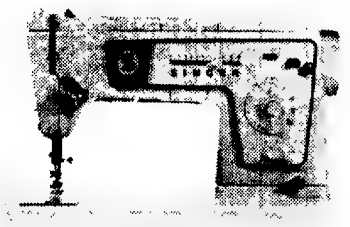
«Amigo! Eu te convoco, alegremente,
Sem editais, sem formalismos vãos,

REUNIÃO DE UM CURSO DE DIREITO

COIMBRA, 24 — O Curso Jurídico de 1926-1931, do qual fazem parte os srs. prof. dr. Teixeira Ribeiro, da Faculdade de Direito de Coimbra; drs. Augusto Simões, antigo deputado; Pires de Lima, director-geral da Administração Política e Civil; Eduardo Ralha, Mário Cal Brandão, advogados no Porto; Elísio Pimenta, antigo governador civil do Porto; José Gomes Barreto, de Aveiro; Adalberto Seabra, de Anadia; Alcides Monteiro, de Vila da Feira, Álvaro Monteiro, de Viseu, Aníbal Correia, das Caldas da Rainha; e ainda o conselheiro António Macedo, do Porto.

O programa inclui: no dia 24, concentração no pátio da Universidade, ás 17 horas, e visitas de cumprimentos e ás 21, banquete, num hotel da cidade. No dia 25, ás 10 horas, missa na capela da Universidade, e ás 13, almoço na Piscina-Praia, na Figueira da Foz.

2 NOVIDADES
SINGER
OFERTA DE DETERGENTE PARA 1 ANO
1ª
na compra de uma máquina de lavar roupa Singer! Aproveite esta oferta que se prolonga só até 4 de Agosto e beneficiará da qualidade e assistência Singer.

AGORA-MENOS 500$00
Redução de preço na máquina de costura Singer modelo 478
2ª

Caseie, faça pontos decorativos ou zigue-zague com este modelo Singer e beneficie, até 30 de Junho, do desconto de 500$00 mas sempre com a assistência e qualidade Singer.
VISITE HOJE A LOJA SINGER MAIS PRÓXIMA
Enviar à Singer, Av. 24 de Julho, 42 — Gostaria de obter acerca desta oferta Informações ☐
Demonstração de .....
Nome .....
Morada .....

nova agência **PHILIPS**

Casa Júnior

(AO CAIS DO SODRÉ)

RUA DO ALECRIM, 19 A - 21 A • TEL. 32 10 53
RUA DE S. PAULO, 29, 1.º • TEL. 32 86 63
LISBOA

RÁDIOS
TELE-RECEPTORES
ELECTROFONES
GRAVADORES
ELECTRODOMÉSTICOS

CALCULAR...

...instantâneamente, silenciosamente, com economia e segurança.

...programa de calculadores electrónicos de CASIO COMPUTER, Co. LTD TÓKYO-JAPÃO

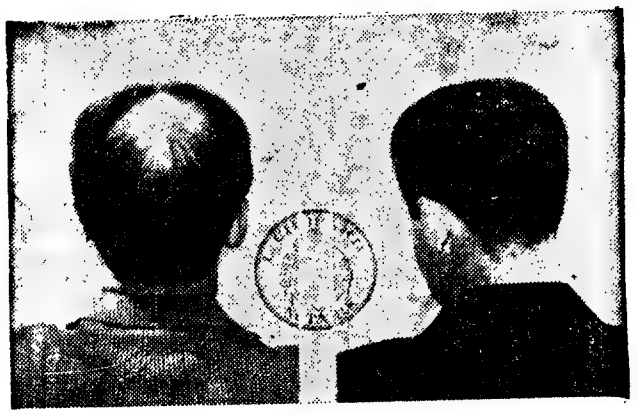
...diversos modelos com as mais evoluídas características para toda a espécie de cálculos.

Demonstrações sem compromisso

-12 Modelos diferentes.
- 1 Programável.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
EFICEX KIENZLE LISBOA: Av. João XXI, 4A-tels 72 70 28-72 70 19
DISTRIBUIDORES NO NORTE:
HORBELDA PORTO: Rua Faria Guimarães, 105 - tel. 4 33 46

Item é eficaz!



O Snr. Roger Bloch começou a perder cabelo e em menos de dois anos, apareceu-lhe uma calvície no cimo da cabeça, como mostra a foto.
O cabeleireiro Snr. Stamm, 1, Galerie Benjamin-Constant. em Lausanne, aplicou-lhe o tratamento ITEM

Como se vê na foto da direita, tirada depois de seis meses de tratamento, a superfície calva já se apresenta bem coberta de novos cabelos (confirmação do Snr. R. Bloch certificada por notário).
O tratamento ITEM está à venda nos cabeleireiros, farmácias e drogarias.

REPRESENTANTE EM PORTUGAL:
COLIM – Sociedade Cosmético-Farmacêutica, Lda.
Rua da Alegria, 181 – PORTO

Produtos capilares **Item**

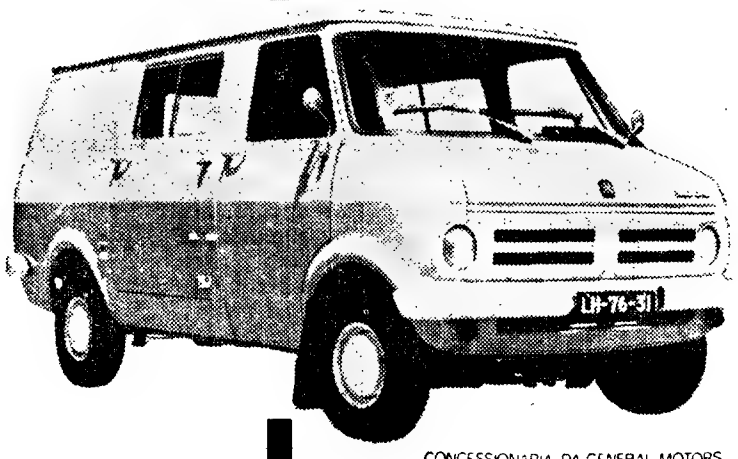
TERRENO INDUSTRIAL

Vende próprio, pronto construir, cerca 60.000 m2. bons acessos, estradas alcatroadas, transportes directos Metropolitano (Arceiro). 3 km Sacavém, 10 minutos Lisboa. Avenida João XXI, 9-A — Telefone 726115.

PARA PUBLICIDADE
DE PLÁSTICO
DE METAL
LETRAS E LETREIROS
DE ESPETAR, COLAR OU ENCAIXAR
DESDE $30
R. Sto. António da Sé, 1
GRAVARTE LISBOA-2

SINTRA ESPERA-O
. NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

DINHEIRO S/AUTOMÓVEIS
Sem mudar nome, s/ alterar o seguro, sigilo. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, dt.º — 40049 563751
GUARDE ESTE ANÚNCIO

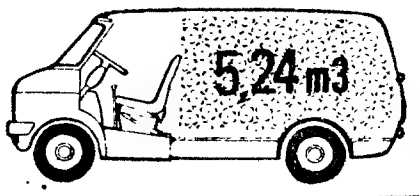


CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

FURGÕES BEDFORD CF

- cargas úteis até 1270 kg.
- modelos a gasolina e a gasóleo
- travões assistidos por servo-freio
- distância do solo ao estrado de carga 54 cm.

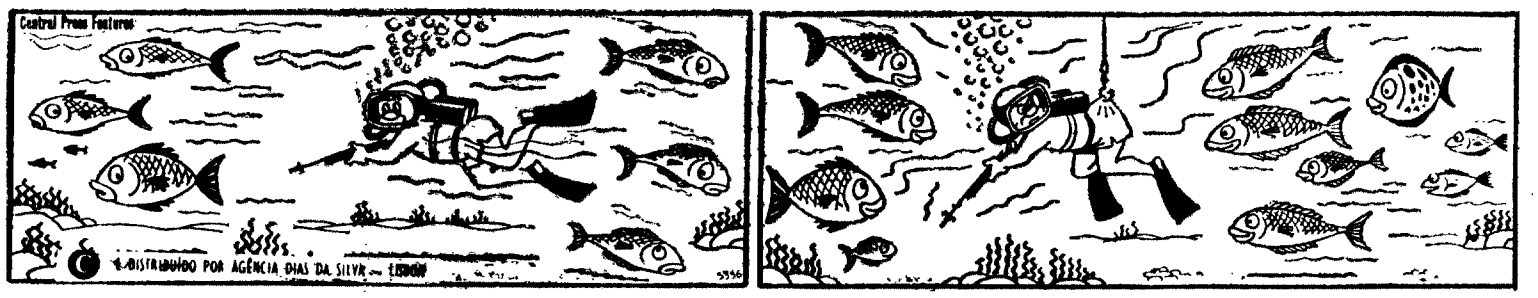
consulte a
SOREL
Rua Tomás Ribeiro, 97-A
Rua Filipe Folque, 12 — Telef. p p c a 56 34 41
Rua D. Luiz I, 28 — Telef. 66 27 55 — LISBOA



OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

No dia 24 de Junho de 1941, o «Diário de Lisboa» publicava:

«Faz hoje um ano — dia de S. João — que se inaugurou a Exposição Histórica do Mundo Português. Quem, daqui a longos lustros, esquecerá essa obra magnífica de coordenação, esse monumento de espírito e de arte, cujo mérito maior, a despeito do quase improviso, era a sua unidade de beleza?(...)»

FRANGOS

PRONTOS A COZINHAR AOS MELHORES PREÇOS

MIÚDOS DE FRANGO BARATÍSSIMOS

Pedidos pelo T. 2519176

NA FEIRA POPULAR

prefira os RESTAURANTES:

DAMIÃO — HIPÓLITO PATUSCADA — CAMPINO — MANÉIS — CRUZEIRO

vendem FRANGOS da

CASA DOS FRANGOS DE MOSCAVIDE

a primeira em qualidade

CAMISAS POR MEDIDA

HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39 (ao Saldanha)

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5932

HORIZONTAIS: — Varão. Unificavam. 2 — Poente. Extinto. 3 — Pronome pessoal. Artéria. Suspiros. 4 — Reis. Campeão. 5 — Protecção. 6 — Hidrocarboneto que se encontra na urona. Cobres de iodo. 7 — Encarquilhar. 8 — Letra grega. Rádio (s. q). 9 — Antiga capital da Birmânia. Recusa. Vela. 10 — Homem de armas na China antiga. Quebrada. 11 — Palmeira das regiões quentes do Antigo Continente de cujo fruto se extrai o cachu. Queimar.

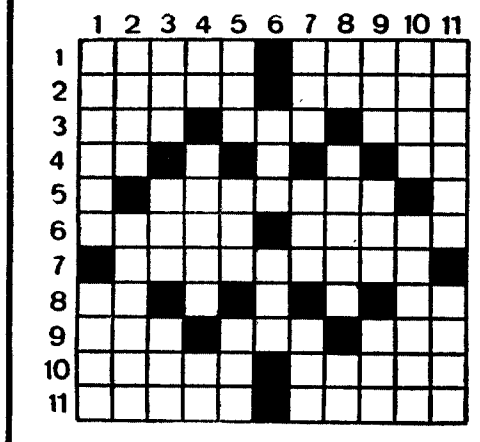
VERTICAIS: 1 — Gonificar. Estilo. 2 — Escavados. Esbravejar. 3 — Conjunção. Preposição. Manto real. 4 — Pertences. Macacas. Antes de Cristo. 5 — Maior. Tom. Hora canónica que corresponde ás quinze horas. 6 — Ligo. Renque. 7 — Artigo indefinido. Curso de água natural e abundante. Vazia. 8 — Laço. Anda a trote (o cavalo). Atmosfera. 9 — Abelha do Brasil que faz ninho no chão. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro. Rio de Portugal. 10 — Moeda portuguesa de Dio. O mesmo que ruda. 11 — Abalos (op). Acaso.

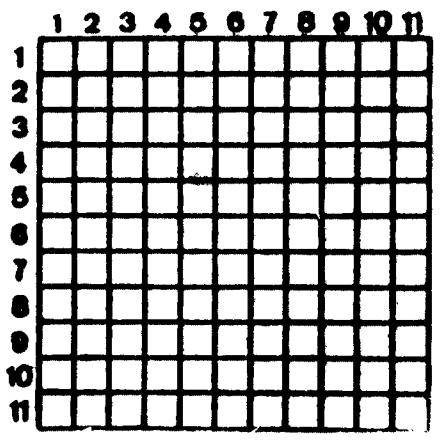
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9775

HORIZONTAIS: 1 — Mesquita em Jerusalém, célebre lugar de peregrinação para os Muçulmanos. Pessoa estupida (fig.). 2 — Rio de Portugal. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. 3 — Nota musical. Pessoa notável (fig.). Prefixo que designa afastamento. 4 — Arara. Freguesia do concelho de Oliveira de Bairro. Grande. 5 — Nefrítico. Defeitos (fig.). 6 — Mil cento e quatro em romano. Estavam. 7 — Medida de superfície. Enguia. 8 — Artigo definido (ant.). Rezara. Pedra de Moinho. 9 — Fatiga. Dificuldades. (fig.) 10 — Leva á sirga. Extrai. 11 — Encomiaram (fig.).

VERTICAIS: 1 — Estimar. Errar. 2 — Tempo do verbo ir. Ladre. 3 — Cânhamo de Manila. Quadril. Pronome pessoal. 4 — Antiga capital da Birmânia. Esbeltas. 5 — Transformara. 6 — Pronome pessoal. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. 7 — Aquele que compra ou vende barato. 8 — Princípio. Induz. 9 — Porco. Glóbulo. Senhor em inglês. 10 — Lavram. Vila e concelho do distrito de Évora. 11 — Margens. Encham (fig.).





Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5931

HORIZONTAIS: 1 — Lapão. Vespa. 2 — Amor. O. Sari. 3 — Cás. Moa. Lar. 4 — An. TEMPO. Te. 5 — Isara. Óleos. 6 — Asir. Reis. 8 — Pá. Aseoa. Am. 9 — Amar. TUDO. 10 — Gasta. Namur. 11 — Amuar. Arara.

VERTICAIS: 1 — Lacai. APAGA. 2 — Amansa. Amam. 3 — Pôs. Usa. 4 — Ar. Tri. Arte. 5 — Mearas. Ar. 6 — Oom. Só. 7 — Aporto. Na. 8 És. Olé. Atar. 9 — Sal. Eis. Umo. 10 — Pratos. Adur. 11 — Airas. Amora.

Provérbio: O TEMPO TUDO APAGA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9774

HORIZONTAIS: 1 — Virar. Peste. 2 — Oco. Ano. Sôr. 3 — Co. Axila. Ar. 4 — Ira. Aca. 5 — Soar. Eram. 6 — Crua. Além. 7 — Amornes. 8 — Ás. Atuar. AC. 9 — Carro. Safra. 10 — Área. Doer. 11 — Resma. Casão.

VERTICAIS: 1 — Vocês. Socar. 2 — Iço. Oc. Sare. 3 — Ro. Iara. Res. 4 — Arrumaram. 5 — Raxa. Aoto. 6 — Ni. Ru. 7 — Pala. Anas. 8 — Acelerada. 9 — SS. Ares. Ios. 10 — Too. Am. Área. 11 — Erram. Ácaro.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alcácer do Sal em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento em Santa Maria, concelho de Alcácer do Sal, duma linha aérea a 30 kV, com 696 m, do apoio n.º 6 da linha RA 30-51-1 Amieira para o posto de transformação da Câmara Municipal de Alcácer do Sal (posto de transformação C-12), nesta vila.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

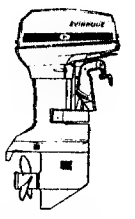
Repartição de Licenciamento em 16 de Junho de 1971.

Pelo Engenheiro Chefe

JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na tabacaria «A NELIA»—Praça das Casas Novas, 2, loja C.

A MAIOR NOVIDADE EM ENGENHARIA MARÍTIMA



A grande potência e o pequeno volume tornam o *EVINRUDE 50 HP* avançado no tempo.
A conjugação do sistema de alimentação em arco com o escape – agora com novo sistema de descarga – aumenta a sua potência em mais 20 %.

MUITOS ANOS DE USO
ALTO VALOR DE TROCA

EVINRUDE
O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/G - LISBOA - TELEF. 66 77 94

RTP-EV-7 A

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771633

VENDA AO PÚBLICO

SOCIEDADE «ESTORIL»

PARA OS DOMINGOS VENDA DE BILHETES

VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES

Válidos para 10 semanas

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

A PROPÓSITO DO «DIA DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA»

(Continuação da pág. central)

Para que venhas receber o
[abraço
Prometido por homens teus
[irmãos.»

O que aí está, prevalecendo para além da imperfeita forma, é um convite dirigido a homens e não a facções, é uma intenção limpa e clara de reforçar laços de fraternidade, de enaltecer Coimbra nos seus valores espirituais mais expressivos.

Estudante de Coimbra foi sempre (e acreditamos que continuará a ser) sinónimo de juventude, de idealismo, de audácia, de imaginação criadora, de generosidade, de abertura ás correntes do pensamento e, sobretudo, de recíproco respeito, mesmo que essas correntes não convergissem no mesmo ponto.

Não vivemos nós em «Repúblicas» estimando como irmãos, numa amizade que prevalece intacta pela vida fora, alguns companheiros de ideologias opostas ás nossas? E sendo assim, quem, de boa fé, pode pasmar de nos saber desejosos de voltar a Coimbra, ao encontro do abraço que aqueceu a nossa juventude, no desejo de reconstituir parcelas de vida partilhada, de limpar o espelho fosco da memória e reencontrar imagens do tempo em que a esperança nos sorria e nada, absolutamente nada, nos fazia pasmar?

As páginas do «Diário de Lisboa» têm outra missão mais elevada e útil do que servir de arena a escaramuças domésticas. Ficamo-nos, pois, por aqui, tranquilizando o sr. dr. Assis Pacheco e a gente do seu tempo, que é, afinal, gente do nosso tempo, porque os estudantes de Coimbra não se isolam nem se compartimentam por décadas ou por gerações. É este o verdadeiro espírito de Coimbra, ininterrupto no tempo, permanentemente actual e vivo. Não basta ter nascido em Coimbra ou ter corrido as Faculdades, dentro ou fora da Porta Férrea, para apreender este fio subtil que liga a juventude de todos os tempos: é preciso ir mais além! Mas o sr. dr. Assis Pacheco não vai, não vai ao 3.º Dia do Artigo Estudante de Coimbra, por razões que só ele conhece e não conseguiu traduzir. Pois nós lá estaremos, cada qual com a sua centelha de alegria, para dar brilho á festa dos «rapazes do nosso tempo». E se algum sentimento nos entrar na alma, para além do alegre e grato convívio com outros estudantes nossos irmãos, esse sentimento não será de pasmo nem de deserção: será de Esperança — aliciante Esperança de voltarmos para o ano!

C. DE FIGUEIREDO NUNES»

EM RESPOSTA

Segue-se a resposta do nosso camarada de trabalho:

«Ex.mo Sr. Dr. Carlos de Figueiredo Nunes:

Circunstâncias da minha vida profissional impediram que eu respondesse em curto prazo de tempo ao seu memorial, e dessa dilação, que acabou por afectar o próprio memorial, peço aceite as minhas mais vivas desculpas.

Quero desde já sublinhar, porque o merece, a franqueza com que o sr. dr. Figueiredo Nunes veio á estacada. É também francamente que junto algumas palavras ás suas.

Quando o sr. dr. Figueiredo Nunes escreve: «*é evidente que tem pleno direito de assim proceder e é evidente também que ninguém dará pela sua falta*», faz em gente o que eu fiz em matéria de vasilhame ao acomodar no cesto dos papéis a convocatória. Um gesto, porém, não vale o outro, e de qualquer modo parece-me aberrante preceder a sua categórica afirmação daqueloutra em que chama ao memorial um «*leal esclarecimento*». Se me põe de parte, como pretende esclarecer-me? Se ninguém dará pela minha falta, para que precisarei de ser esclarecido?

Esclareço-o, entretanto, de que a convocatória inclui, a meu ver, expressões infelizes («*durante o percurso é proibido dirigir amabilidades académicas aos sinaleiros*») e outras que relevam de um simples ritual saudosista («*passeios ao luar, confidências e evocações, mais fados a pedido, adeuses até para o ano*»). Esse classismo, esse pechisbeque da memória, de que poderia dar outros exemplos, repelem-me da reunião. Se invoquei «*a malta do meu tempo*» foi por saber que não estou desacompanhado em tal passo.

Agora os versos. Eles, sim, são da autoria do sr. dr. Figueiredo Nunes, pois que os assinou. Transcrevi-os parcialmente pela simples razão de que foi esse trecho final o que mais me moveu a escrever a crónica em epígrafe. Pode o sr. dr. rimar versos, alinhar estrofes. Mas quando põe na boca de Coimbra uma referência aos «*sinais/que cada geração/me queira transmitir*» («*os estudantes de Coimbra não se isolam nem se compartimentam por décadas ou por gerações*», dirá agora no memorial), e quando pinta a Coimbra de hoje «*democratizada, descaracterizada*», ingerindo «*drogas em vez de carrascão*», não vejo aí nenhum «*breve apontamento anedótico*» nem «*a parte menos significativa da convocatória*». Precisarei de ser mais claro?

As coisas, sr. dr., têm o nome que têm.

FERNANDO ASSIS PACHECO»

Ponto por ponto
na linha do progresso

Facultamos
crédito a médio ou longo prazo para:
- Investimento
- Produção e venda a prazo de bens de equipamento nacionais
- Exportação.

Colaboramos
com as actividades económicas nacionais na realização de:
- Estudos económicos sobre oportunidades de investimento
- Contactos com empresas nacionais e estrangeiras, para a concretização de iniciativas de interesse mútuo.

Remuneramos
depósitos de prazo superior a um ano à taxa de **5,75%**, com:
- Isenção total de impostos
- Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças
- Segurança total.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcção Geral: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Actualidade internacional

A CEE poderá tornar-se uma grande potência

LONDRES, 24 — (R.) — A Imprensa britânica encara hoje o acordo no Luxemburgo como o início de uma era em que a Comunidade Europeia poderá transformar-se numa grande potência por direito próprio.

Com uma unica excepção os jornais saudam o resultado das negociações entre a Grã-Bretanha e os seis e publicam grandes comentários na primeira página.

O «Times» diz que o acordo sobre as condições de admissão torna a entrada da Grã-Bretanha quase certa e acrescenta. «23 de Junho foi um dia vital para a Grã-Bretanha, decisivo para a Europa Ocidental e de interesse directo para o todo o mundo.

«Juntamente com os outros novos membros, a Grã-Bretanha tornará a Comunidade Europeia muito mais forte e uma autêntica potência por direito próprio entre as potências mundiais»

A unica nota crítica é dada pelo «Daily Express», conservador, o qual tem mantido uma posição contrária ao Mercado Comum desde sempre.

No seu comentário salienta que o povo britanico se opõe irredutívelmente ao Tratado de Roma e acrescenta: «A entrada da Grã-Bretanha não está já decidida nem é uma questão de saber quem faz mais barulho. O que realmente interessa, ao fim e ao cabo, é a vontade expressa pelos votos, o que é uma questão inteiramente diferente.»

Louis Armstrong regressa

NOVA YORK, 24 (R.) — Louis Armstrong, que há três meses esteve às portas da morte e que terá 71 anos no próximo dia 4 de Julho tenciona regressar às suas actividades

—«A minha voz está na mesma, já posso tocar perfeitamente e sinto-me bem», declarou o mais conhecido trompetista do mundo cuja voz rouca e inconfundível estilo o tornam uma das atracções mais apreciadas pelos amantes de jazz de todo o mundo.

Numa entrevista dada ontem no seu estudio de Corona, «Satchmo» declarou a um pequeno grupo de jornalistas que continuava a treinar trompete diàrimaente e estava definitivamente resolvido a voltar a tocar.

«RECORD» DE PERMANÊNCIA NO ESPAÇO

Quase vencidos os inconvenientes da imponderabilidade prolongada

MOSCOVO, 24 — (A. N. I.) — Os três cosmonautas soviéticos, a bordo da estação orbital Salyut, estabeleceram novo recorde de resistência em voo espacial esta manhã e confiam em que o homem está prestes a vencer os maleficios da imponderabilidade.

Os cosmonautas Georgi Dobrovolsky, Vladislav Volkov e Viktor Patsayex passaram a ser os homens com maior permanência no espaço aos 54 minutos depois da meia-noite de ontem para hoje.

Eclipsaram os 17 dias, 16 horas e 59 minutos estabelecidos pelos cosmonautas da Soyuz 9, Andrian Nikolaiev e Vitaly Sevastianov, em 19 de Junho de 970.

A sua proeza forneceu aos cientistas enorme quantidade de dados acerca do modo como o corpo humano reage e suporta a prolongada ausência de peso e a exposição às radiações espaciais

Dobrovolsky, de 43 anos, Volkov, 45, e Patsayev, de 38, encontravam-se munidos com novas técnicas médicas e instruções para exercícios físicos especiais quando entraram na nave de transporte Soyuz 1, no dia 6 de Junho.

O seu recorde de permanência no espaço permitirá aos cientistas comparar os resultados da sua missão com a do Soyuz 9 e determinar até que ponto funcionaram as novas técnicas de combate à ausência de peso.

A SALIUT PODE SER REABASTECIDA

SEATTLE, 24 — (F. P.) — O cosmonauta Yevgeni Khrunov, membro da delegação soviética ao congresso anual do Comité Internacional da Pesquisa do Espaço (*Cospar*), declarou ontem a Imprensa que o sonda soviética Salyut pode ser reabastecida em voo e permanecer indefinidamente no espaço.

Brandt propõe a reforma do sistema monetário

BONN 23 — (F. P.) — «Deve ser reformado o nosso sistema monetário internacional e convirá que se tornasse mais maleável» — opinou o chanceler Willy Brandt quando falava ontem em Bonn num jantar organizado pelas associações de comércio por grosso e de exportação.

O chefe do governo federal, que exprimiu opiniões semelhantes as expostas de manhã nas colunas do diário «Die Welt» por Karl Schiller, ministro da Economia e das Finanças, acrescentou que as melhorias a introduzir no sistema monetário poderiam, talvez, resultar de um alargamento da margem de flutuação comum das moedas da C. E. E. perante as de terceiros países, alargamento que poderia ser acompanhado de uma redução e depois da eliminação gradual das margens no interior da comunidade.

«Somos partidários de soluções europeias» — afirmou o chanceler, que sublinhou seguidamente terem os recentes problemas monetários mostrado a necessidade de basear a União Económica e monetária europeia na estabilidade. Brandt defendeu então a decisão de deixar flutuar o marco, unica possibilidade de proteger a R. F. A. da desvalorização importada. Assegurou que não provocou crise na comunidade e que Washington compreendeu que não se tratava de uma medida contra o dólar.

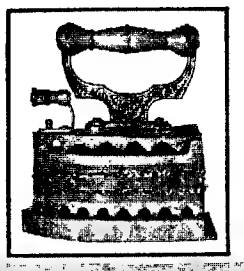
Ao travar a procura de marcos pusemos também termo a especulação antidólar. As medidas tomadas pelo governo e pelo Banco Federal permitiram reduzir em cerca de dez biliões de marcos os capitais disponiveis na RFA.

FUNCIONÁRIOS CHILENOS NEGOCEIAM COM OS TUPAMAROS A LIBERTAÇÃO DE JACKSON

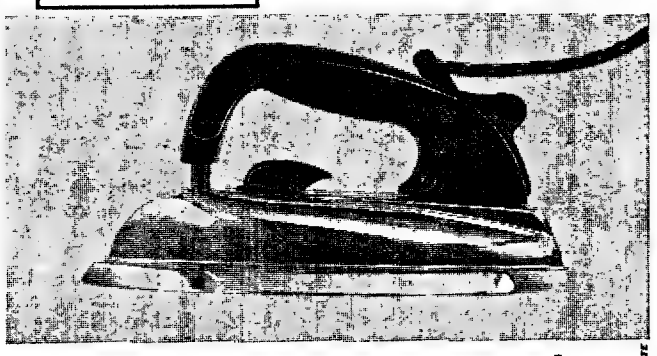
SANTIAGO DO CHILE, 24 — (R.) — Funcionários ligados ao presidente Salvador Allende do Chile vão servir de intermediários junto dos guerrilheiros tupamaros do Uruguai em negociações para tentarem obter a libertação do embaixador britanico Geoffrey Jackson, raptado há mais de seis meses.

O embaixador britanico em Santiago avistou-se ontem à noite com o presidente Allende, mas recusou-se a revelar os motivos do seu encontro. Anteriormente tinha conferenciado com o ministro dos Negócios Estrangeiros Clodomiro Almeyda, dizendo apenas tratar-se de uma conversa particular.

Porém, fontes diplomáticas bem informadas disseram que ambos os encontros se relacionaram com as diligências que estão a ser feitas para obter a libertação do embaixador britanico em Montevideu.



LEVEZA E ROUPA BEM PASSADA



- Luz avisadora
- Controlo automático, com selector de tecidos
- Termostato de arco que suprime as interferências na rádio e na TV

O favorito de milhões de lares, garantido pela experiência de uma marca de prestigio: MORPHY-RICHARDS:

morphy richards

soc. de rep. SIDA SUECA, LDA. * RUA DE S. NICOLAU 44-48 - LISBOA

PUBLIARTE

O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES E SAÚDE NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 24 — (F. P.) — O ministro português das Corporações, Trabalho, Previdência e Saúde, Baltasar Rebelo de Sousa, entregou ontem a medalha de Serviços Distintos do Ministério da Saúde de Portugal à Beneficência Portuguesa, durante a visita que fez à sociedade.

Hoje, o ministro visitou Brasília e amanhã será recebido pelo presidente Medici.

Durante a visita que fez, na manhã de hoje à Beneficência Portuguesa, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa percorreu o novo prédio construído pela sociedade e que estará totalmente ocupado até ao fim do ano.

✝

Maria Virgínia Mendonça Ferreira

MISSA DO 7.º DIA

FERREIRAS & C.ª, seus sócios e colaboradores participam que amanhã, ás 19.30 horas na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Oficinas de S. José) mandam celebrar missa pelo eterno descanso da inditosa senhora.

✝

Maria Virgínia Mendonça Ferreira

MISSA DO 7.º DIA

ANTÓNIO ACÁCIO NUNES FERREIRA e família participam que amanhã, ás 19.30 horas na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Oficinas de S. José), mandam celebrar missa pelo eterno descanso de sua mulher e parenta, agradecendo aos que assistirem a este piedoso acto.

VOCÊ É BOM CONDUTOR?

Esta é a pergunta que lhe faz o campeão mundial JACKIE STEWART que também lhe dá muitos conselhos básicos de condução.

motor

SAÍU HOJE

NESTE NÚMERO:

- G. P. da Holanda: Ickx ganhou à chuva
- Reportagem da Rampa de Monsanto (ADRIANO CERQUEIRA e J. PEDRO RIBEIRO)
- Montes Claros 71: amanhã é a decisão
- Vila Real: o cartaz «de sempre»
- Carlos Azevedo infeliz em Snetterton
- Piloto em Inglaterra
- As mecânicas que duraram as 24 Horas de Le Mans
- Mário Gonçalves ganhou em Inglaterra
- III Motocross de Águeda (JOSÉ PINTO)
- Página de Karting (HERLANDER GARCIA)
- Noticiário e as habituais secções

motor ensaio

RENAULT 16 L

(Um «road-test» de PHILIPPE TOUSSAINT)

OS EXAMES DO 7.º ANO DOS LICEUS

Ponto de Geografia
7.º Ano
1971 1.ª chamada

I

1. Considere um lugar situado no Trópico do hemisfério onde está a prestar provas. Com base numa figura apropriada e com legenda (raio da esfera celeste igual a 3 cm), explique como varia a duração do dia e da noite, durante o ano, nesse lugar

2. Calcule os valores das alturas meridianas do Sol nos dias maior e menor do ano, no referido lugar

Responda *sumàriamente* às questões seguintes:

II

1) a) Quais são as características que individualizam uma massa de ar?

b) Caracterize o clima temperado marítimo do ponto de vista de:
— estações do ano;
— temperatura;
— pressões atmosféricas e ventos;
— precipitações.

2. a) Que entende por forças orogénicas?

b) Que formas estruturais podem originar?

c) Que entende por manto de carreamento?

Acompanhe a resposta com um esquema elucidativo.

3. a) Que acções realizam os mares na modelação da crusta terrestre?

b) Que tipos de costas altas conhece? Faça uma breve referência à formação de cada um dos tipos indicados.

III

1. a) Que factores geográficos podem originar a fixação de uma grande indústria?

b) Estabeleça a diferença entre indústria de base ou equipamento e indústria transformadora ou de bens de consumo.

2. Do estudo que fez acerca da vinha, refira-se às condições de cultura, áreas de expansão e mercados consumidores.

IV

1. a) Quais as causas do declínio da Europa verificado na 1.ª metade deste século?

b) Quais as causas que permitiram o seu ressurgimento?

c) Compare a forma de criação de gado na ilha da Madeira e no arquipélago dos Açores.

2. *Desenvolva um* (mas só um) dos temas a seguir indicados, orientando a sua exposição pelas respectivas alíneas.

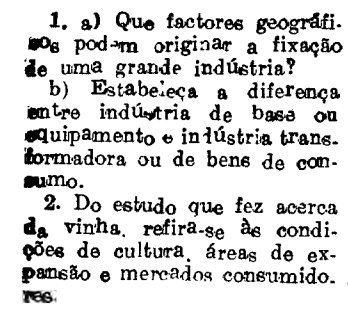
A — O Japão, grande potência industrial do mundo:
a) a evolução económica;
b) aspectos gerais da indústria e sua produção.

B — Variação regional da população de Portugal Continental:
a) Áreas de crestimento;
b) Áreas de diminuição;
c) Causas mais importantes.

SOLUÇÃO

I

1 —



ZZ' — Vertical do lugar
EE' — Equador
ZA — Trópico de Câncer
Z'B — Trópico de Capricórnio
PP' — Eixo do Mundo
HH' — Horizonte racional
EÔZ — Latitude do lugar, igual a 23° 27'

Para este lugar, o dia é igual à noite quando a declinação do Sol for 0°; o dia será maior que a noite quando a declinação do Sol for positiva e será menor que a noite quando a declinação for negativa; o maior dia do ano verificar-se-á quando a declinação for de 23° 27' e o mais pequeno, quando o valor da declinação for de −23° 27'.

2 — Valor da altura meridiana do Sol no dia mais longo (Solstício de Junho):

$$\text{Alt.} = H\hat{O}Z = 90°$$

Valor da altura meridiana do Sol no dia menor do ano (Solstício de Dezembro):

$$\text{Alt.} = H'\hat{O}B$$
$$H'\hat{O}B = H'\hat{O}Z - Z\hat{O}B$$
$$H'\hat{O}B = 90° - (Z\hat{O}E + E\hat{O}B)$$
$$= 90° - (2 \times 23° 27')$$
$$= 90° - 46° 54' = 43° 6'$$

II

1 — a) As características que individualizam uma massa de ar, são a temperatura e a humidade.

b) O clima temperado marítimo caracteriza-se por serem nítidas as quatro estações do ano, embora com fracas amplitudes térmicas e uma média anual não muito elevada — cerca de 12° a 13°; sujeitas à acção dominante das depressões atmosféricas arrastadas na circulação dos ventos de Oeste, têm precipitação abundante todo o ano, embora com máximo no Inverno, época em que é quase permanente a influência das frentes frias ou quentes.

2 — a) Forças orogénicas são forças tangenciais que se processam muito lentamente no interior da Terra.

b) Estas forças originam os enrugamentos dos estratos, isto é, as rugas, pregas ou dobras.

c) O manto de carreamento resulta de uma rotura dos estratos constituintes de uma dobra inclinada, dando-se assim uma sobreposição de estratos, cuja formação fora simultânea.

3 — a) O mar, como agente modelador da crusta terrestre, tem uma acção tríplice de erosão, transporte e acumulação. A acção erosiva ou abrasão consiste na destruição da costa, por desagregação mecânica e alteração química das rochas efectuada pela acção constante das ondas e da salinidade oceânicas; enquanto a costa recua e fica talhada verticalmente (arribas), na base forma-se uma plataforma de abrasão marinha, suavemente inclinada para o mar e onde se acumulam e são posteriormente destruídos os produtos derivados do desmoronamento das arribas primitivas.

À medida que a costa recua, as ondas perdem a sua força erosiva e passam a exercer um trabalho de acumulação de materiais na plataforma de abrasão; a costa madura irá envelhecendo até a plataforma se transformar em praia que, no caso de a costa vir a emergir, se transformará em terraço litoral ou praia levantada.

O trabalho de transporte e acumulação deve-se principalmente à acção das correntes que contribuem para a formação de praias, ilhas, cordões litorais, etc. Constitui ainda acção sedimentadora do mar a acumulação orgânica de vegetais e animais marinhos, bem como os recifes e barreiras de corais, tão frequentes no Oceano Pacífico.

b) As costas altas são costas de submersão e, portanto, costas novas; dependem principalmente da estrutura e do relevo que o continente apresentava.

Os principais tipos são:

1.º — Costa dálmata — as cordilheiras, periféricas e concordantes, são submetidas a um abaixamento, de forma que as águas, ao penetrarem pelos vales paralelos á costa, transformam os cumes em ilhas longas e estreitas, separadas pelos sinclinais — canali — que as águas preencheram. A costa é quase inabordável, rectilínea e com altas arribas.

2.º — Costa de rias — verificam-se quando as águas do mar penetram pelo leito dos rios, cujos vales são perpendiculares ou oblíquos á costa e entalhados num maciço antigo que, em parte, submergiu: os vales transformam-se, assim, em braços de mar, longos e fundos, de margens altas.

3.º — Costa de fiordes — resulta da submersão parcial de um maciço antigo, profundamente alterado pela erosão glaciária e em que os vales glaciários profundos são invadidos pelo mar.

III

1 — a) Os factores geográficos que podem levar á fixação de uma grande indústria, são de vária ordem: existência de matérias-primas; existência de fontes de força motriz, como a hulha, gás natural, quedas de água, etc.; abundância de mão-de-obra qualificada; e ainda a facilidade de comunicações marítimas ou terrestres.

b) As indústrias de base ou pesadas elaboram as matérias-primas, preparando assim os produtos elementares, enquanto as indústrias transformadoras, utilizando esses mesmos produtos elementares, fabricam todos os bens de consumo necessários á vida actual.

2 — A vinha é uma planta típica do mundo mediterrânico, embora adaptável a climas semelhantes. Exige, portanto, temperaturas médias anuais elevadas com médias de pelo menos 15° em cerca de cinco meses.

Os solos ideais para o cultivo desta planta são os da bacia mediterrânica, margosos e calcáreos, embora possa dar boa produção em solos xistosos (vale superior do Douro, em Portugal), graníticos (Minho) e outros.

É planta exigente em mão-de-obra que, além de numerosa, deve ser qualificada.

Os grandes produtores de vinho, com cerca de 3/4 da produção mundial, são a França, Itália, Espanha, Argélia e Portugal.

Estes países são igualmente grandes consumidores, embora exportem parte da produção para a Grã-Bretanha, Alemanha, Suíça, Argentina, Brasil e outros.

De entre os vinhos mais famosos salientam-se os nossos vinhos do Porto e da Madeira, o Champagne (francês) e o vinho do Reno (alemão).

IV

1 — a) Podem considerar-se causas do declínio político e económico da Europa na primeira metade deste século as duas grandes guerras, a rivalidade político-económica anglo-germânica, o desmembramento dos impérios coloniais e o esgotamento das matérias-primas e combustíveis tradicionais.

b) O ressurgimento europeu foi consequência do plano americano de auxílio á Europa (Plano Marshall), da reconversão industrial de alguns países europeus, como o Reino Unido, Alemanha Ocidental, Países Baixos e França, da industrialização dos países da Europa Central e do Leste, sob a influência soviética, e ainda das tentativas de unificação económica europeia, através das organizações do Euro-Mercado e da E. F. T. A.

2 — Tema A:

Quando, no início da segunda metade do século XIX, o comodoro Perry chegou ao Japão, este país vivia em plena Idade-Média mas, a revolução política que depois se verificou, permitiu que os japoneses empreendessem a tarefa de tornar-se uma potência industrial, não só para obstar á penetração do imperialismo branco, mas ainda para se lançarem, por sua vez, á conquista do Extremo Oriente e ao domínio do Pacífico.

Em meio século, o Japão mostrou-se capaz de ultrapassar as potências europeias e até de intimidar os próprios Estados Unidos

Saído do feudalismo e da economia agrária há cerca de 100 anos, o Japão tenta conquistar um império que abrangeria metade da humanidade. Tudo isto foi possível graças à transformação das dinastias feudais em grandes *trusts*, semelhantes aos norte-americanos, ao aproveitamento da mais evoluída técnica financeira e industrial já experimentada no mundo capitalista, sem que a estrutura social japonesa tivesse mudado nem o nível dos salários pagos à mão-de-obra tivesse aumentado de forma sensível. O facto de grande parte do trabalho ser ainda hoje produzido em pequenas oficinas, muito dispersas, não impede a concentração orgânica e financeira das empresas. A indústria, dominada pelos grandes trusts nacionais ou ligados a organizações norte-americanas, estes, evidentemente, posteriores à guerra nipo-americana.

Se, até ao fim da guerra, o esforço industrial japonês se dirigia fundamentalmente para a produção bélica e estratégica, após a derrota e o ruir dos ideais até então alimentados, o Japão reconverteu grande parte das suas indústrias e orientou-se para a produção de bens de consumo interno e externo e para a criação das infra-estruturas necessárias à criação e desenvolvimento dos materiais de equipamento que lhe são mais necessários.

Actualmente, as indústrias são de dois tipos: as geográficas, que têm no país a energia e matéria-prima necessárias ou que utilizam matérias-primas caras, em pequena quantidade. É o caso dos têxteis, seda, algodão e fibras sintéticas, que utilizam principalmente energia hidroeléctrica e cuja produção é contínua e com máquinas modernissimas. São ainda as indústrias alimentares e químicas, estas orientadas para fins diversos, como o fornecimento de adubos à agricultura japonesa, fabricação de têxteis sintéticos e artificiais, tratamento da borracha natural e das matérias plásticas.

Quanto às indústrias políticas, foram criadas para servir de base ao potencial de guerra, apesar das condições naturais desfavoráveis, e colocaram o Japão entre as grandes potências industriais. Utilizando o carvão nacional e a energia hidroeléctrica e importando quantidades maciças de metais, o Japão conseguiu colocar-se em terceiro lugar na produção mundial de aço e fabrica ainda ligas de qualidade. Entre as indústrias diferenciadas salienta-se a construção naval, a indústria automóvel, as utilidades e a electromecânica, todas entrando na competição internacional.

Tema B:

A distribuição geográfica da população portuguesa foi e ainda é muito irregular, havendo zonas de forte concentração, a par de outras com média, baixa e até muito baixa densidade.

Mas nas áreas de crescimento não coincidem, em regra, com as de maior densidade. Assim, por ordem decrescente do valor do crescimento, consideramos os distritos do Alentejo, incluindo os dois distritos de Setúbal e Santarém que, à excepção do último, tinham todos densidades de população muito baixas.

Os dez distritos de maior aumento demográfico são todos do Sul, exceptuando-se o distrito do Porto onde, bem como no de Lisboa, o aumento pode explicar-se pelo aspecto urbano e industrial de alguns concelhos da periferia.

Todos os distritos do Norte apresentam valores de crescimento muito baixos, nuns casos porque, com elevadas densidades, escoaram pela emigração os excedentes, noutros casos porque, embora subpovoados, são tão pobres que a terra não comporta mais gente; é o caso, em geral, de Trás-os-Montes e da Beira Transmontana.

Por outro lado, e embora sem os dados referentes ao último recenseamento, ainda não publicados, é evidente o fenómeno da corrente migratória dos campos para as grandes cidades e zonas mais industrializadas que, a par da forte emigração para o estrangeiro e, em parte, para o Ultramar, cada vez acentua mais o despovoamento dos meios predominantemente rurais e a concentração da população em grandes núcleos urbanos.

Testemunho claro deste «gigantismo» urbano é a cidade de Lisboa, já ligada, de resto, aos arredores mais próximos. É uma consequência do melhor nível económico dos meios citadinos (salários mais altos e maior mercado de trabalho), mas também uma espécie de fenómeno mundial que leva o homem do campo a sonhar com a cidade onde poderá encontrar os meios de se instruir, cultivar e até divertir, que o campo não pode ainda oferecer-lhe.

Prova escrita de inglês
7.º Ano 1.ª chamada

SECTION I

I) *Read the following text and answer the questions below, trying to use your own words:*

I had never met Marion, but had encountered her bizarre publicity. It was so overdone that the name Marion Davies became the target of many jokes. There was Beatrice Lillie's remark when someone showed her the clustered lights of Los Angeles. «How wonderful!» said Beatrice. «I suppose later they all merge and spell *Marion Davies!*»

I first met Winston Churchill at Marion Davies'e beach-house. About fifty guests were milling about between the ballroom and the reception room when he appeared in the doorway with Hearst and stood Napoleon-like with his hand in his waistcoat, watching the dancing. He seemed lost and out of place. Hearst saw me and beckoned me over and we were introduced.

Churchill's manner, though intimate, was abrupt. Hearst left us and for a while we stood exchanging the usual comments while people milled about us. Not until I talked about the English Labour Government did he brighten up. «What I don't understand», I said, «is that in England the election of a socialist government does not alter the status of a king and queen».

His glance was quick and humorously challenging. «Of course not,» he said.

«I thought socialists were opposed to a monarchy».

He laughed. «If you were in England we'd cut your head off for that remark».

(Charles Chaplin: «My Autobiography»)

QUESTIONS:

1) Who do you suppose Marion Davies was? Account for your answer.

2) Explain the meaning of Beatrice Lillie's remark.

3) How did Chaplin meet Churchill?

4) Assuming that Hearst, Chaplin's friend, intentionally left the two great men together, what might his purpose have been?

5) Churchill «seemed lost and out of place», and his atitude didn't change much during the first part of the conversation with Chaplin.

How do you explain this attitude?

6) What made Churchill brighten up?

7) Why was Churchill's glance «quick and humorously challenging»?

8) Why should Chaplin's head be «cut off for that remark, if he were in England»?

II) *Translate the following passage, trying to express its meaning in natural — not stilted — Portuguese:*

At the opening of «City Lights» it rained torrents, but the goodly crowd was there and the picture went over very well. I took my seat in the circle next to Bernard Shaw, which caused much laughter and applause. We were made to stand up together and bow. This caused renewed laugther.

Churchill came to the première and to the supper party afterwards. He made a speech to the effect that he wished to toast a man who had started

(Continua na pág. seguinte)

EXTERNATO DE ALVALADE
PRIMÁRIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO
Telef. 771965
Rua Isidro Viana, 12 ——— LISBOA
Campo Pequeno

O eng.º E. Campello, gerente de vendas e administrador da Ford Lusitania, cumprimentando o sr. Luís de La Cuesta, director-geral da Hertz Portuguesa

A «Ford» montou 60.000 «Escort» em Azambuja

Das linhas de montagem da Ford Lusitana, nos arredores de Azambuja, acaba de sair o sexagésimo milionésio veículo do modelo «Escort», que foi entregue á Hertz.

Os representantes dos órgãos da informação, concessionários e dirigentes de algumas das firmas de aluguer de automóveis sem condutor foram convidados a assistir á cerimónia, tendo sido recebidos por um administrador da empresa, eng.º Campelo de Almeida, pelo director da fábrica, sr. Nakashidze, pelo chefe dos serviços de Relações Públicas, sr. Pedro de Carvalho e por outros funcionários superiores da Ford Lusitana.

Após algumas palavras de saudação proferidas pelo eng.º Campelo de Almeida e pelo sr. Pedro de Carvalho, os jornalistas tiveram a oportunidade de visitar as instalações da unidade industrial e contactar com todas as fases da montagem dos veículos.

No final da visita, numa breve cerimónia, o director-geral da Hertz em Portugal, sr. Luís de La Cuesta recebeu o «Escort» numero 60 000, que passará a fazer parte da frota daquela firma, cliente de há longos anos da marca «Ford».

OS EXAMES DO 7.º ANO

(Continuação da pág. anterior)

out as a lad from across the river and had achieved the world's affection — Charlie Chaplin! It was unexpected and I was a little bowled over.

III) *Turn into English:*

Churchill convidou-nos para passarmos o fim-de-semana em Chartwell, uma linda casa antiga.

Na sala de jantar, vi uma pintura por cima da lareira e parei a olhar para ela. Winston aproximou-se e disse: Fui eu que a fiz.

Na manhã seguinte, mostrou-me os muros á volta de Chartwell, que ele próprio tinha construido.

— Fazer um muro não deve ser tão fácil como parece — observei.

— Se eu lhe ensinar a fazê-lo, Você aprende em 5 minutos — respondeu ele.

O quarto de cama de Churchill parecia uma biblioteca, com livros a tapar as paredes de todos os lados. Havia bastantes volumes sobre Napoleão. Como eu ficasse alguns minutos a ler os títulos desses livros, Churchill descobriu o que eu estava a pensar. E confessou:

— Sim, sou grande admirador dele

SECTION II

Choose one question from Group A and *another* from Group B.

Try to answer *each question* in no more than 15 lines, but no less than *8 lines*.

GROUP A

1) What stopped Napoleon from invading England?

2) Explain the following statement about the British Commonwealt of Nations (which occurs in your set book):

«Its original feature is ***diversity within unity***».

GROUP B

a) Write down what you know about Los Angeles, including its famous suburb: Hollywood.

b) Hearst was a typical American millionaire who made a fortune as a newspaper publisher in the beginning of the 20th century What do you remember about earlier American millionaires?

SOLUÇÕES

SECTION 1

1) She must be a Hollywood star, because of her connections with Los Angeles and her love for publicity

2) She meant that Marion Davies liked publicity so much that she would use even light advertisements.

3) Chaplin met Churchill at a party at Marion Davis's beach-house.

4) Perhaps he thought they might get on well and also that Chaplin could make Churchill more at ease in that foreign atmosphere.

5) He did not know the people there and might not be interested in the same subjects.

6) It was the mention of a subject in Which he felt at ease — politics.

7) It was so because he agreed that this fact might seem a bit parodoxical.

8) Chaplin's mead should be cut of because his remark would be considered an insult to the English freedom of ideas.

II

Na estreia das «Luzes da Cidade» chovia a potes, mas havia imensa gente e o filme muito bem recebido. Sentei-me no balcão ao lado de Bernard Shaw, o que provocou muito riso e aplausos Obrigaram-nos a levantar e a fazer uma vénia. Isto provocou novas risadas.

Churchill foi á estreia e á ceia que se lhe seguiu. Fez um discurso em que disse que queria beber á saude de um homem que tinha começado a sua vida como um rapaz da beira-rio e tinha conseguido o afecto do mundo inteiro — Charlie Chaplin! Isto foi inesperado e eu fiquei um pouco atrapalhado.

III

Churchill invited me to spend the week-end with him at Chartwell, a beautiful ancient house.

In the dining-room I saw a painting over the fireplace and stopped to look at it. Winston came closer and said: — I did is myself.

In the next morning he showed me the walls round Chartwell; wich he had built himself.

— Building a wall must not be se easy as it seems — I remarked.

— If I tell you how to make it, you will learn in five minutes — he answered.

Churchill's bedroom looked like a library, with books covering the walls on every side. There were many volumes about Napoleon. As I stopped for some minutes to read the titles of those books, Churchill found out what I was thinking. And he admitted:

— Yes, I admire him very much.

Section II

Group A

1) With the intention of invading England, Napoleon had a flotilla of gun-boats prepared at Boulogne. But Nelson, who had abready defeated the French in the compaign of Egypt, destroyed this fleet in the naval battle of Trafalgar. Then Napoleon's armies also suffered defeat in the Peninsular War and in the Compaingn of Russia. England, who was threatened by the «Berlin Decrees», which imposed a blockade on her commerce, made a coalition with other European countries, and their army entered Paris under Wellington. Napoleon was forced to abdicate.

2) The British Commonwealth of Nations presents a great diversity: it is formed by countries of four continents (former colonies) different in tradition, culture, the colour of their people and also the degree of their maturity and civilization. Their political systems have complete internal freedom and then diversity is such as to allow the existence of both Monarchia and Republican governements. But there is unity above this: in the English language, spoken in all the dominions, and in a respected allegiance to the Queen.

GROUP B

a) Los Angeles in one of the most important cities of California and owes its name to its Mexican origin. Its manufactures and industries are much developed, with petroleum refining, meat packing, printing and publishing ol and othing, among others. Automobiles are assembled here and aeroplanes are constructed. The Pacific fleet has its base here. But the quickest association we make with the town is the one of its suburb Hollywood, the capital of the American cinema, which the stories of famous «stars» made world famous

b) The millionaires appeared in America after the Civil War, when the development of far-sighted men, who took the opportunities afforded for the development of the great American nation and became rich through them. The main sources of profit were the railway, indispensable to the development of the West and to the establishment of the national unity and the mining resources, especially oil. The names of these men are worldly famous: Rockefeller, Carnegie Vanderbilt, etc.

Amanhã publicaremos os restantes pontos e soluções dos exames entem efectuados.

exames para amanhã

Ensino Liceal

3.º ciclo — 1.ª chamada

(25 de Junho, 6.ª-feira)

História e Ciências Naturais — 9 horas (90 minutos cada)

Francês e Alemão — 11 horas (90 minutos cada)

OBS. — É permitido o uso do dicionário.

Ciclo Preparatório

2.ª chamada

Trabalhos Manuais — 15 e 30

(Só para alunos externos com menos de 18 anos)

DIAS ROSAS TRABALHA COM GISCARD D'ESTAING E OUTROS MINISTROS FRANCESES

PARIS, 24 — (F. P.) — O ministro da Economia e Finanças de Portugal, Dias Rosas, chegou ontem ao fim da tarde a Paris onde foi acolhido no aeroporto por Bailly, secretário de Estado para as Finanças e por Marcelo Matias, embaixador de Portugal em França.

Dias Rosas, que permanecerá em Paris até sábado, terá conversações com ministros e personalidades francesas, designadamente com Giscard D'Estaing e Maurice Schumann, ministros da Economia e Finanças e dos Negócios Estrangeiros.

☆

Segundo o gabinete do ministro Dias Rosas, serão tratadas, durante os encontros com Giscard d'Estaing, «questões relacionadas com o desenvolvimento económico e social dos dois países».

No entanto, tudo leva a crer que a posição de Portugal perante o Mercado Comum deverá tambem ser analisada neste encontro, tanto mais que a Inglaterra viu, na madrugada de ontem, franquearem-se-lhe as portas da C. E. E.. Assim, a E. F. T. A., a organização económica de que Portugal é um dos sete membros, tem, mais do que nunca, os dias contados, e é natural que o ministro português estude com o seu colega francês as perspectivas de evolução dos acontecimentos.

A reforçar esta suposição, nota-se a inclusão, na comitiva do ministro Dias Rosas, do embaixador Ruy Teixeira Guerra, presidente da Comissão Interministerial da Cooperação Externa, que oportunamente foi encarregada de estudar as possibilidades de acordo entre Portugal e a C. E. E., tendo desempenhado importante papel nas conversações exploratórias já realizadas em Bruxelas.

Da comitiva do dr. Dias Rosas fazem, ainda parte o director de Estudos e Planeamento dos Ministérios das Finanças e Economia, dr. José da Silva Lopes; o director dos Estudos e Planeamento da Secretaria de Estado da Indústria, eng. João Cravinho; o chefe da Repartição dos Organismos Económicos Internacionais do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. Luís Figueira; e, do seu gabinete, o assistente para questões financeiras, sr Martim Cabral.

No programa da missão portuguesa incluem-se encontros com os ministros dos Negócios Estrangeiros, Maurice Schumann, do Fomento Industrial e Científico, François-Xavier Ortoli, e do Plano e Ordenamento, André Bettencourt.

O SECRETÁRIO DO TRABALHO INAUGUROU EM FALEIROS O BAIRRO DO LOUSAL

GRÂNDOLA, 24 — O secretário de Estado do Trabalho presidiu, esta manhã, á inauguração do Bairro do Lousal, junto do centro mineiro de Faleiros, explorado pela empresa Mines et Industries.

Entre as individualidades presentes no acto inaugural contavam-se os governadores civis de Setubal e de Faro, drs. Cardoso Ferreira e Santos Esquível; o director-geral dos serviços de minas, eng.º Soares Carneiro; o director-geral dos serviços de combustíveis eng.º Moura Vicente, delegado do Governo junto da empresa e muitos outros convidados, que foram recebidos pelos srs. Marc Velge, director-geral e administrador de Mines et Industries, pelo seu adjunto, sr. Dugaillande; e ainda pelos srs. Gerard e Sousa Almeida, respectivamente director e secretário-geral da SAPEC.

As chaves das residências que compõem um conjunto de 12 habitações de operários mineiros, foram entregues pelo secretário de Estado e pelo governador civil de Setubal. Realizou-se uma missa campal a que se seguiu a procissão de S. João, promovida tradicionalmente no concelho de Ermidas.

O conjunto mineiro, que tem ao seu serviço 600 operários (70% dos quais estão alojados pela empresa) prevê para breve o início da construção de novo conjunto habitacional. As residências ficarão propriedade dos seus locatários, na sequência de um plano de acção social em execução.

À tarde, em Setubal, o dr Silva Pinto presidiu á cerimónia de homenagem do acordo colectivo de trabalho celebrado entre a Socel e os sindicatos representativos do seu pessoal.

Bean (o astronauta) passou por Lisboa

Alan Bean, o homem que esteve na Lua em Novembro de 1969, passou, agora, um dia em Lisboa.

Com sua mulher, veio a Portugal integrado numa excursão organizada por antigos alunos da Universidade do Texas, que frequentou.

A viagem, que começou em Inglaterra e passou por Roma, onde Bean e os companheiros foram recebidos pelo Papa, terminou, hoje, com o regresso á América, ás 8 da manhã.

Em Coimbra

Os cafés e restaurantes vão fechar um dia por semana

COIMBRA, 24 — A Câmara Municipal deu o seu assentimento a uma petição de industriais e comerciantes dos ramos de restaurante e café para encerrarem (com vista ao descanso do pessoal) em regime de rotação de um dia por semana.

Este foi o facto mais saliente da sessão municipal de ontem, durante a qual se tratou também, nomeadamente, da hipótese de erigir nos Arcos do Jardim uma estátua a Luís de Camões, coincidindo com as comemorações do quarto centenário da publicação de «Os Lusíadas».

EXTERNATO NUN'ÁLVARES

PRIMÁRIO - C. PREPARATÓRIO - 2 e 3 CICLOS

DIURNO e NOCTURNO — por discip. e secções

LÍNGUAS - Semi-internato — transporte

Praça João do Rio, 2 (ao Arreiro) — Tel. 722461 — LISBOA

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 42 — 10.ª Época

Açores — 121 112 XX2 1211; Beira Baixa — 1X1 112 1X2 1221; Brados do Alentejo — 111 212 112 1X21; Comércio de Portimão — 111 122 11X 1221; Correio dos Açores — 121 1X2 122 X211; Correio de Coimbra — 121 111 12X 1211; Defesa de Espinho — 121 112 111 1221; Distrito de Setúbal — 1XX 112 X2X 1211; Ecos do Desporto — 121 112 11X X221; Folha do Domingo — 12X 122 111 X211; A Ilha — X2X 112 X22 X211; Jornal das Aves — 12X 122 1XX 1221; Linhas de Elvas — 12X 112 221 X211; Jornal da Lixa — 121 111 12X 1211; Maria da Fonte — 121 X22 122 1211; Notícias de Felgueiras — X22 11X 1X2 X22X; Povo Algarvio — 111 111 X12 1221; Rádio Oceano — 12X 112 222 X211; Renovação — 122 122 122 1221; Voz de Lamego — 121 122 1X2 1221; Passatempo J. J. — 122 112 11X X22X; Notícias do Douro — 111 122 1X2 1X21; Jornal de Viseu — 1X1 1X2 X12 1221; A Rabeca — 1X1 11X 1X2 1221; O Telégrafo — 121 122 12X 12X1; O Templário — 121 112 111 1211; Estrela da Manhã — X22 112 111 X2X1; Jornal do Barreiro — 121 12X 2X2 2XXX; Peça Que Não Maça — 12X 112 112 1211; República — 2X1 122 X12 1221; Bondiazinho — 1X2 1X2 122 1X21; Brado Africano — 2X1 112 12X 2221; Cidade 71 — 12X 121 122 122X; Domingo Alegre — 121 112 122 XX11; Jornal Desportivo — 12X 1X2 122 1221; Passatempo — 1X1 112 122 2211; Roteiro Sonoro — 12X 122 122 X221; Terceiro Programa — 12X 1X2 122 122X; Vamos Jogar no Totobola — 121 1XX 1XX 1111; Boletim Desportivo (ENR) — 111 XX1 111 X211; Cavalgada do Ritmo — 11X 11X 112 1X11; O Comércio de Leixões — 121 112 1X2 1211; De Tudo Um Pouco (ENR) — 122 112 112 1221; Às 10 Espere Por Nós — 122 11X 111 12X1; Diário de Coimbra — 12X 112 112 1221; Ecos de Cacia — 121 122 122 1211; Eu Sei Tudo — 12X 111 XX2 2211; Dos Fracos Não Reza a História (ENR) — X21 112 1X2 X2X1; Imagens Piedenses — 221 1X1 221 112X; Litoral — 121 11X X12 X111; Momento do Totobola (ENR) — 122 1X2 2XX 12X1; Notícias de Chaves — 121 122 222 1222; Notícias de Évora — 1XX 112 112 X221; Notícias de Guimarães — XX2 122 112 X211; A Ordem — 111 122 X12 1221; Póvoa de Lanhoso — 12X 1X2 122 1221; Diário do Porto (ENR) — 1XX 112 X22 2221; Programa Sem Nome (ENR) — 1X2 1X2 X22 112X; Mosaico — 122 112 1X2 1221; O Primeiro de Janeiro — X22 112 1X2 X211; Rádio Sports — 211 111 112 1221; Jornal O Porto — 112 222 112 112X; Manchete Desportiva — 12X 112 11X 1221; A Lição do Menino Quim — 1X2 1X2 1X1 22X1; Penalti — 12X 122 112 X211; Rádio Atitude — X22 112 11X 1211; Rádio Clube do Norte (ENR) — X21 122 2X2 X221; Auto Rádio — 111 1XX 11X 1111; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Estúdio 64 — 111 111 121 11XX; Placard Desportivo — 121 12X 111 1221; Campeão Português — 11X X11 1X2 1111; Reconquista — 11X 112 112 1XX1; Repórter do Dia — X22 112 112 1221; Repórter do Dia (Angola) — 22X 112 112 1221; Resenha Desportiva — 12X 112 112 1X21; Revista de Som — 1X1 112 X2X 12X1; O Sorriso da Hora do Almoço — 1XX X11 XX2 2221; A Voz do Domingo — 112 111 X12 1211; A Voz dos Ridículos — 12X 111 11X X221; O Jornal da Graça — 122 112 111 1X21; Correio do Vouga — 111 112 112 1211; O Concelho de Estarreja — 121 122 1X2 1121; O Apostolado — 122 1XX 11X X221; O Comércio — 12X 112 112 1221; Diário (Luanda) — X11 112 X12 1221; A Nossa Chave — 1X1 112 122 1221; Notícias do Totobola — 121 111 21X X221; Actualidade Desportiva — 122 112 111 1221.

N.º	JOGOS	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1	Famalicão-Riopele	74	10	5	10	1	1
2	Vizela-Braga	17	16	56	2	2	8
3	Varzim-Guimarães	43	26	20	6	4	2
4	Leixões-Penafiel	83	4	2	10	1	1
5	Espinho-Tirsense	54	14	21	8	2	2
6	U. Coimbra-Académica	15	10	64	2	1	9
7	Gouveia-Sanjoanense	66	15	8	9	2	1
8	U. Lamas-Beira-Mar	42	20	27	6	2	4
9	Atlético-Benfica (R)	14	18	57	2	2	8
10	Torriense-Peniche	60	22	7	9	2	1
11	Luso-Barreirense	10	9	70	1	1	10
12	Montijo-Cuf	30	10	49	4	1	7
13	Portimonense-Seixal	79	9	1	10	1	1

E a «chave» lógica será: 121 112 112 1221

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Castigos quase gerais à delegação portuguesa aos «Europeus» de boxe

A Federação Portuguesa de Boxe remeteu-nos o seguinte comunicado:

«Após a leitura do relatório do chefe da delegação portuguesa aos XIX Campeonatos da Europa de Boxe Amador, a Direcção da Federação Portuguesa de Boxe decidiu.

a) — Dar um voto de censura á acção do chefe da delagação, Francisco Patrício Álvares, por não se ter inteirado devidamente dos pormenores concernentes a pesagem dos pugilistas.

b) — Dar um voto de censura ao treinador da selecção nacional, Ricardo Ferraz, por não ter tido os cuidados indispensáveis e obrigatórios com o peso dos pugilistas. O facto é tanto mais lamentável por se tratar do mais experente e evoluído dos treinadores portugueses, merecedor da inteira confiança dos dirigentes.

c) — Aplicar uma «repreensão simples» ao pugilista João Gato, por desleixe com o seu peso.

d) — Punir com um ano de suspensão de toda a actividade o pugilista Diamantino Rodrigues do Amaral, do Ginásio Clube do Sul, dada a maneira pouco briosa e cobarde como combateu na representação nacional, além do seu comportamento ter sido, também, pouco correcto.

Diamantino Rodrigues

COROLLA 1200 Coupe' SL

TOYOTA

com mais músculos e mais genical

veja-o das 9h às 24h até 26 de Junho no stand da Transmotor

Em Lisboa: Av. Fontes Pereira de Melo, 17-A Tels. 52316-52241-52559

AUTÓDROMO DO ESTORIL

O Maior Empreendimento Turístico-Desportivo do País

CONVITE

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO

Estrada Estoril-Sintra ao km 6 (Est. Nac. n.º 9)
Aberto diàriamente das 10.00 às 22.00 horas

CONSTRUÇÃO

CONSÓRCIO: Imobiliária Construtora Grão-Pará, S. A. R. L. e Carlos Eduardo Rodrigues, Ltd.

EDITAL

ESPERAS DE TOUROS DURANTE A FESTA DO COLETE ENCARNADO

FEBO VARGAS DE MATOS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER que, com vista à protecção de pessoas e bens por ocasião da Festa do Colete Encarnado, que se realiza em 3 e 4 do próximo mês de Julho, são as ruas por onde transitarão os touros das largadas devidamente encerradas a toda a espécie de circulação, e vedadas convenientemente por tranqueiras. Resultando daqui que a entrada de pessoas nas ruas e recintos reservados expressa e únicamente aos touros só pode dar-se por transposição voluntária das referidas vedações, esta Câmara Municipal não se responsabiliza por qualquer acidente ocorrido dentro das ruas e recintos mencionados.

E para constar se passou o presente edital que vai ser afixado nos lugares do costume.

E eu, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 11 de Junho de 1971.

O Presidente da Câmara
Febo Vargas de Matos
Ten. Cor. Pil. Av.

ANTÓNIA DE PAULA BRITO

FALECEU

Seu irmão, cunhada, sobrinhos e restante família participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 10 horas, da capela do hospital do Ultramar, para o cemitério da Ajuda.

ANTIGA AGÊNCIA LOURENÇO
Telefs.: 638026 - 636833

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A 72 HORAS DO BENFICA-SPORTING

SEMANA CALMA ÀS PORTAS DO JAMOR

Lotação esgotada. As equipas na sua força máxima. Nenhum problema para os técnicos. A televisão (tal como já ontem dissémos) a levar o embate por todo o continente. E o jogo — que nem sequer conta para o Totobola .. — a despertar o maior entusiasmo, a culminar com chave de ouro a temporada futebolística ao nível maior.

No Sport Lisboa e Benfica, a semana tem decorrido com a maior calma. Os jogadores foram avisados pelo técnico Haggan de que não devem frequentar as praias até ao final da época, para evitar qualquer *bronzeamento* excessivo pernicioso para a saúde dos profissionais ao serviço do clube.

Quanto a regressos ao «onze» de honra pode considerar-se certa a presença de Jaime Graça no Jamor, enquanto que Nené (a treinar a meio gás...) não deve alinhar durante todo o tempo regulamentar. Mas também estará no relvado, nesta apaixonante final da «Taça de Portugal».

O estágio da turma benfiquista inicia-se amanhã, logo após o derradeiro treino de conjunto. Haggan já escolheu os jogadores e a equipa da «águia» deve formar assim: José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Jaime Graça, Matine e Simões; Nené, Artur Jorge e Eusébio. São suplentes Fonseca, Toni, Messias, Vítor Martins, Torres e Diamantino.

Sporting: Badajoz logo a seguir

Por seu lado, Fernando Vaz conta com o seguinte «onze»: Damas; Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos e Manaca; Tomé e Peres; Chico Mário, Nelson e Dinis. Suplentes Botelho, Caló, Pedras, Gonçalves e Lourenço. O defesa Hilário continua, assim, afastado da equipa.

No próprio domingo á noite o Sporting partirá para Badajoz, onde vai disputar o «V Troféu Ibérico». É a terceira participação dos «leões» neste torneio e os portugueses vão ter pela frente, na 2.ª feira, a equipa do Estrela Vermelha (de Belgrado). No dia seguinte, a turma vencedora actuará contra o triunfador do jogo Real Madrid-Granada: uma pequena maratona á espera das hostes do «leão».

Para Badajoz, o Sporting deslocará 23 jogadores, sendo natural que perante o Estrela Vermelha não joguem mais de três ou quatro dos elementos que alinharem no Jamor.

Os «leões» vão cobrar 450 contos de «cachet» pela presença no torneio de Badajoz, onde já obtiveram dois triunfos (1967 e 1970). Aliás, a competição só conhece vencedores portugueses: Vitória de Setubal (1968) e Benfica (1969) são os outros autores dos êxitos nacionais

ATLETISMO INTERNACIONAL EM LISBOA

Nas pistas do Estádio José Alvalade disputa-se no sábado á noite, o Grande Prémio de Lisboa, competição de caracter internacional, organizada pela Associação de Atletismo de Lisboa, que tem a colaboração da Camara Municipal de Lisboa e na qual participam cerca de 12 atletas estrangeiros de grande nomeada, representando a Republica da África do Sul, Bélgica, Itália, Inglaterra, Espanha e Lesoto.

Participam, portanto, nesta competição: os sul-africanos—Danie Malan (1 m 45,1 s, nos 800 m.); Dlepie Beroaberg (1 m 44,9 s, nos 800 m.); o representante do Lesoto—Theodore Morroosi (100 m,, 10,1 s e 200 m., 20,8 s); os ingleses — Lewis (1 m 47,1 s, nos 800 m.); Plain (5000 m., 13 m 47,2 s); os belgas — Van-Shord (peso, 16,03 m.); Herbrand (altura, 2.08 m.); Geroms (400 m. barr., 51,8 s); Reygaest (800 m., 1 m 47,9 s); Van-Batsele (5000 m., 13 m 52,6 s); Belleanis (3000 m., 8 m 8,0 s).

As «marcas» e os «tempos» bem como os nomes dos atletas espanhois e italianos só serão conhecidos hoje ou amanhã.

Para enfrentar os estrangeiros a Associação convocou os melhores atletas nacionais das várias disciplinas do programa, tais como: Carlos Lopes, Alberto Matos, Tavares Alves, Morujo Julio, Fernando Mamede, Carlos Cabral, Tavares da Silva, José Luís Fernandes, Américo Barros, José Pina, Fonseca e Silva, Barceló de Carvalho, Mena Antunes, etc.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Torneio Internacional: Almada-Belenenses, ás 21 e 15; e Benfica-Selecção de Hessen (Alemanhã) ás 22 e 30, no Pavilhão da Ajuda.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da I Divisão: Oeiras-Sporting em Oeiras, ás 21 e 15 (reservas) e ás 22 e 15 (honra).

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Seniores de Lisboa: Progresso Clube-Lisbonense, Paço do Lumiar-Económicos e Musical 3 de Agosto-Académica da Amadora, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

BASQUETEBOL — Torneio Aniversário do Algés e Dafundo: Algés-C. I. F., em juvenis, ás 21: e Algés-C. Quebradense, ás 22, no campo do Algés.

VOLEIBOL — Torneio de Encerramento de Juvenis: Lisboa Ginásio B-Benfica B ás 19, e Passos Manuel-Lisboa Ginásio A, ás 20, na Escola Josefa de Óbidos.

Taça de Portugal Masculina: Benfica-Técnico, ás 22, no Liceu D. Pedro V.

Acontecimentos DE ONTEM

Luz nova no campo do Juventude de Évora — inaugurada ontem, com o encontro Juventude-Vitória de Setubal, a luz eléctrica do campo Sanches de Miranda em Évora. Presentes as mais destacadas autoridades civis e militares do distrito.

O Vitória venceu por 1-0 (golo de Vítor aos 90 minutos) a equipa treinada pelo seu antigo guarda-redes, Vital, que é também o n.º 1 do Juventude e teve ontem a defesa, porventura, mais «curiosa» da sua carreira, ao «defender» um coelho que disparava para a sua baliza, vindo lá do «meio da rua».

BASQUETEBOL — Torneio de basquetebol comemorativo do «Dia Olímpico»: C. I. F., 20-Nacional, 44; C. Quebradense, 38-Ateneu, 29; Nacional, 55-C. Quebradense, 56.

Saiu vencedora do torneio a turma do Cruz Quebradense.

HÓQUEI EM PATINS — O Benfica venceu o Paço de Arcos, por 6-2, a contar para o «Metropolitano» — jogo no Pavilhão da Luz, respeitando a 9.ª jornada. Os encarnados consolidaram assim o primeiro lugar. Têm 25 pontos — mais 4 que a Cuf e o Sporting que se seguem. Os leões têm, no entanto, menos um jogo.

Para o «Metropolitano» da 2.ª Divisão, disputaram-se quatro jogos. Os resultados: Estremoz-Azeitonense, 12-3; A. Amadora-Belenenses, 10-3; F. Benfica-Vilafranquense, 7-2; Algés-C. Tejo, 15-6.

JUDO — Fernando Almada venceu uma prova de judo organizada pelo Ginásio Clube do Sul.

A equipa nacional de juniores (com o técnico Peres Bandeira) que vai ser homenageada, no próximo domingo, no Jamor

Pugilismo no Pavilhão

COSTA RODRIGUES: UM VALOR REAL

Na sessão de boxe do Pavilhão dos Desportos, Costa Rodrigues confirmou a sua maior valia pugilística ao vencer claramente Carlos Almeida. Embora este tenha feito o seu melhor combate dos ultimos tempos, a exibição não foi suficientemente clara para vencer. Sobretudo as constantes infracções cometidas reflectiram-se na marcação pontual. Recebeu um «aviso publico» no ultimo «assalto», mas o árbitro podia, muito antes disso, tê-lo desclassificado por persistência nas infracções. Prender, puxar, golpear a nuca, bater com o ombro são outros tantos truques que, repetidos, podem ocasionar a desclassificação. Além disso tal procedimento só retrata a falta de forma.

No primeiro minuto dos quarto, quinto e sexto «assaltos», Carlos Almeida atacou rápido e dominou Costa Rodrigues. O «fundo» porém, não dava para mais: Almeida «desaparecia» e Costa Rodrigues subia.

A luta foi durissima tendo o vencedor ficado com o olho esquerdo completamente fechado e o vencido com o lado esquerdo da cara tumefacto, de alto a baixo.

Logo no primeiro «assalto» Carlos Almeida foi derrubado por um poderoso «contra» de Costa Rodrigues, que lhe cortou a boca. Carlos Almeida não desanimou e, embora tivesse perdido os três primeiros «assaltos», veio a ganhar os quarto, quinto e sexto, perdendo ao sétimo e ao oitavo.

A nossa contagem deu 37 pontos para Costa Rodrigues e 34 para Carlos Almeida.

Carlos Anjos fez uma demonstração de valentia e poder de encaixe. Batendo sem ser em «sapatada», conseguiu abater Tavares algumas vezes e, no ultimo «round», atirou-o a terra, em duas ocasiões. O árbitro não contou Tavares, porque os golpes foram dados a correr sobre o adversário e seguidos de empurrão. Mesmo assim, Tavares, perdendo o ultimo «assalto», ganhou os outros sete e viu ser-lhe tirada a vitória.

A nossa pontuação foi de 38-35 favorável a Tavares. O árbitro não viu assim, mas a verdade é que jogar ao boxe foi o que Tavares fez: Carlos Anjos, jogou á pancada com luvas.

«Káká», tendo mudado de treinador apareceu em muito melhor forma técnica. Mais equilibrado, sabendo *estar*, resistiu bem aos ataques de Vítor Marques, que demonstrou falta de fundo.

Marques foi justo vencedor do combate e na nossa pontuação demos-lhe 36-31. «Káká» não satisfeito, pediu a desforra ao seu adversário.

Realinho regressou ao ringue revelando boa condição e venceu sem dificuldade Tony Rebelo, pouco confiante em si, após os desaires sofridos. O combate não teve dificuldades para Realinho a quem demos 30-19.

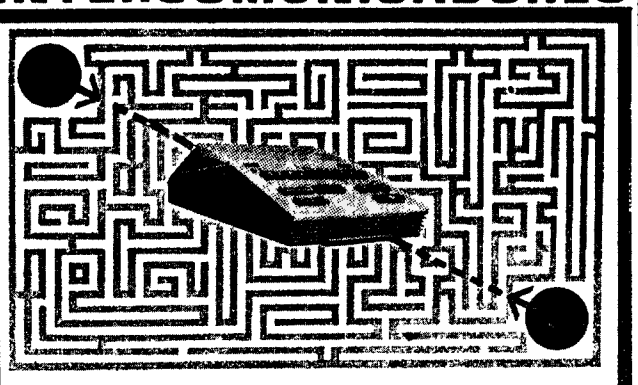
O homem do Ginásio do Sul (Marques) soube tornear as dificuldades que um pugilista com o peso, a força e a decisão de Degadinho, sempre oferece e veio a ganhar com toda a justiça.

No combate de fundo passaram-se longos minutos á espera das luvas. Estas, além disso, não eram novas: como os regulamentos determinam.

P. A.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

INTERCOMUNICADORES



SISTEMAS DE 2 A 5000 EXTENSÕES

Tenha sempre o seu telefone livre para as comunicações com o exterior!
Também evite as demoradas e dispendiosas deslocações de empregados dentro da sua organização.
Poupe tempo, ganhe dinheiro, sirva melhor comprando:

UM SISTEMA DE INTERCOMUNICAÇÕES

Ericsson LM | Centrum

SOCIEDADE ERICSSON DE PORTUGAL LDA.
Lisboa: Rua Filipe Folque, n.º 7-1.º—Telf. (PPC 5 linhas) 563212
Porto: Rua Gonçalo Cristóvão, 314—Telef. (PPC 2 linhas) 29268

FUTEBOL

ESTÁDIO NACIONAL

Domingo, 27 de Junho de 1971
Às 16 horas

Apresentação da equipa nacional de juniores brilhante finalista do Torneio Internacional da U. E. F. A. na Checoslováquia

Às 17 horas

FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL

Benfica-Sporting

Preço dos bilhetes:

BANCADA CENTRAL	80$00
BANCADA CENTRAL (sectores)	60$00
BANCADA LATERAL	40$00
CABECEIRAS	25$00

Espectáculo para maiores de 6 anos

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

Esteja também de acordo ao aplicar os seus capitais em

J. PIMENTA, SARL

Comprando propriedades o seu capital valoriza-se além de obter um óptimo rendimento

Preços e Locais

REBOLEIRA — AMADORA

Apartamentos mobilados	desde	140 contos
Andares 3 div ass		300 contos
Andares 4 div ass.		370 contos
Andares 5 div. ass.		420 contos

PAÇO DE ARCOS

Apartamentos mobilados	desde	170 contos
Andares 3 div ass.		370 contos
Andares 4 div. ass		410 contos
Andares 5 div ass.		480 contos
Andares 6 div ass.		520 contos

CASCAIS — Alto da Pampilheira

Apartamentos mobilados	desde	300 contos
Andares 3 div ass.		550 contos
Andares 4 div. ass.		700 contos
Andares 6 div. ass.		1100 contos

INFORMAÇÕES:

J. PIMENTA, SARL

Lisboa / P Marquês de Pombal, 15 / Tel. 45843-47843

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO: LICENCIADO ARMINDO FERREIRA
FAUSTO DA SILVA ALVAR, AJUDANTE DESTE CARTÓRIO

—— CERTIFICO ——

que por escritura de 17 de Junho de 1971 lavrada de fls. 16 a 21 v.º do livro de notas número 37-F deste Cartório, Mapril Joaquim dos Santos, deixou de ser sócio da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que usa a firma de A Clarimundo dos Santos, com sede nesta cidade, e autorizou que a mesma sociedade continuasse a usar a mesma firma social.

Que, pela mesma escritura, os únicos sócios da mesma sociedade Senhores Alfredo Clarimundo dos Santos, Paulo David Ferreira Mendes, Henrique Clara dos Santos e Francisco Alberto Afonso Ferreira, aumentaram o capital social que era de 30.000$00 para 1.000.000$00 sendo a importância do aumento de 970.000$00, inteiramente realizada em dinheiro, que deu entrada na Caixa Social e subscrita pela forma seguinte: — o sócio Alfredo Clarimundo dos Santos reforçou a sua quota de 1.000$00 com 959.000$00, ficando com uma quota de 960.000$00: o sócio Paulo David Ferreira Mendes reforçou a sua quota de 15.000$00 com 5.000$00 ficando com uma quota de 20.000$00: o sócio Henrique Clara dos Santos reforçou a sua quota de 7.000$00 com 3.000$00 ficando com uma quota de 10.000$00: o sócio Francisco Alberto Afonso Ferreira reforçou a sua quota de 7.000$00 com 3.000$00 ficando com uma quota de 10.000$00.

Que ainda pela mesma escritura alteraram parcialmente o pacto da dita Sociedade, substituindo as redacções dos seus artigos 1.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º pelas seguintes, respectivamente:

1.º — A sociedade continua a adoptar a firma de A. Clarimundo dos Santos, Limitada, tem a sua sede e estabelecimento nesta cidade, na Rua Andrade, número 4, durará por tempo indeterminado e conta o seu início a partir de 4 de Novembro de 1960, data da sua constituição.

3.º — O capital social é de 1.000.000$00, está integralmente realizado — 30.000$00 nos bens e valores constantes da escrita social e 970.000$00 em dinheiro pelo reforço ora efectuado — e corresponde á soma das quatro seguintes quotas: — uma do valor nominal de 960.000$00 pertencente ao sócio Alfredo Clarimundo dos Santos, uma de valor nominal de 20.000$00 pertencente ao sócio Paulo David Ferreira Mendes, uma do valor nominal de 10.000$00 pertencente ao sócio Henrique Clara dos Santos, e uma do valor nominal de 10.000$00 pertencente ao sócio Francisco Alberto Afonso Ferreira.

4.º — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital desde que a respectiva deliberação obtenha a totalidade dos votos correspondentes ao capital da Sociedade.

5.º — O sócio Alfredo Clarimundo dos Santos poderá ceder livremente a sua quota a quem entender no todo ou em parte e por uma ou mais vezes; os demais sócios não poderão ceder as respectivas quotas sem autorização do sócio Alfredo Clarimundo dos Santos, que, além disso terá direito de preferência.

6.º — A gerência, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º — A Sociedade fica obrigada:

a) — com a assinatura do gerente Alfredo Clarimundo dos Santos ou a de um seu procurador; ou

b) — com as assinaturas de dois dos restantes gerentes.

§ 2.º — O gerente Alfredo Clarimundo dos Santos poderá delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em quem entender, por meio de procuração.

§ 3.º — Fica expressamente proibido aos gerentes obrigar a Sociedade em letras de favor, fianças, subfianças e quaisquer outros actos e documentos de responsabilidade alheia.

7.º — A Sociedade poderá amortizar as quotas dos sócios Paulo David Ferreira Mendes, Henrique Clara dos Santos e Francisco Alberto Afonso Ferreira

a) — no caso de falecimento ou interdição de algum dos mesmos sócios com referência á quota do falecido ou interdito, o que a Sociedade deverá deliberar no prazo de seis meses a contar do falecimento do respectivo sócio ou da data do trânsito em julgado da sentença da interdição;

b) — no caso de algum dos mesmos sócios, individualmente ou associado com outrem, vir a exercer actividade igual ou semelhante á exercida pela Sociedade com referência á quota daquele que exercer actividade;

c) — no caso de algum dos mesmos sócios ser destituído da gerência da Sociedade, com referência á quota daquele que for destituído; e

d) — no caso de a quota do algum dos mesmos sócios ser penhorada, arrestada ou, por qualquer modo sujeita a arrematação judicial, com referência á quota em que recair algum destes actos.

8.º — Em qualquer caso de amortização, o preço da quota será o constante do ultimo balanço aprovado acrescido da parte correspondente no fundo de reserva e noutros fundos que porventura existam.

9.º — A amortização considerar-se-á efectuada com o depósito do respectivo preço na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência á ordem de quem de direito.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além do que se narra ou transcreve.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, vinte e dois de Junho de mil novecentos e setenta e um.

O Ajudante,
FAUSTO DA SILVA MALVAR

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4%	458$	458$	—
Consolidado 3%	473$	—	473$
Consolidado 3 1/4% ...	588$	—	588$
Centenários 4%	1.392$	—	.392$
Obrigações Tesouro 5%	—	—	—
Externo série	—	595$	—
Externo série 6	610$	607$	615$
Externo 3 Série	—	670$	—
Externo 3 Série 6	—	700$	—
Cautelas 3 Série	—	160$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/4% 65	—	810$	—
C P 5 1/4% 61	—	910$	—
C U F 6%	930$	—	935$
C U F 6% 68	—	930$	—
Gás Elect 4% 48	880$	—	880$
Gás Elect 4 1/4% 51 ...	870$	865$	870$
Gás Elect 5% 54	—	860$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	850$
Gás Elect 5% 59	—	—	850$
Gás Elect 5% 64	—	950$	—
Gás Elect 5% 64	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	760$	770$
H E Cávado 6%	—	960$	—
H E Douro 5%	—	760$	770$
H E Douro 6%	—	960$	970$
H E Norte Port 5% ...	—	—	—
H E S Estreia 6% ...	—	940$	—
H E Zêzere 5% 55 ...	—	—	—
H E Zêzere 5% 57 ...	—	—	—
Lisnave 6%	—	900$	940$
Metropolitano 4%	—	880$	900$
Metropolitano 5 3/4% ...	—	955$	960$
Moçambique 5%	—	650$	700$
Nac Elect 5%	—	750$	760$
Nitratos 5%	720$	—	730$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	930$	927$	930$
Sacor 5% 60	—	—	830$
Siderurgia 5% 2.ª	—	720$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	720$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	825$	—
T A P 4%	—	890$	—
Termoelect Port 5% ...	—	—	760$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	89$	—	—
U E P 4 1/4%	—	—	—
U E P 5%	—	72$	73$
U E P 5% 60	—	—	725$
U E P 5% 63	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro 52-54—LISBOA—Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 47' ALAPI P

ACÇÕES	Efec	Compra	Venda
Banco			
Agricultura	2.250$	2.250$	2.260$
Alentejo	1.125$	1.120$	1.130$
Angola	—	4.260$	4.300$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	7.300$	7.380$
E Santo	6.575$	6.570$	6.580$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas & B.	—	26.900$	27.500$
Fomento	—	2.750$	2.790$
L. 5 Açores p.	—	—	—
L. 5 Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	—	6.430$	6.480$
Portugal n.	3.580$	3.550$	3.580$
Portugal p.	4.080$	4.000$	—
Totta Aliança	6.920$	6.920$	6.930$
Ultramarino n.	4.190$	4.180$	4.210$
Ultramarino p.	4.550$	4.530$	4.560$
Seguros			
Alentejo	136$	135$	138$
Douro	—	2.450$	—
Mundial	1.000$	995$	1.000$
Sagres	—	3.000$	3.600$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	—
Ag Cassequel	670$	670$	675$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	300$	280$	350$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	195$	200$
Borór	—	120$	40$
Buzi	72$	72$	73$
Cabinda	—	195$	98$
Diamantes Angola	1.980$	955$	995$
H & Revue	—	610$	650$
Inc do Príncipe	—	—	600$
Moçambique	183$5	183$	84$
Sonefe n.	—	390$	—
Sonefe p.	405$	405$	410$
Zambézia	—	—	—
Diversas			
Lidic	—	6.800$	6.850$
Cim Leiria	—	4.400$	4.500$
Cim Tejo	—	—	—
Co Navegação	—	1.470$	1.490$
C U F	1.400$	1.395$	1.410$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	1.130$	1.200$
Port e Colónias	950$	900$	960$
Port Celulose	—	3.800$	—
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	589$	589$	590$
Sacor	3.870$	3.850$	3.900$
Siderurgia Nac	2.335$	2.330$	2.350$
Soce	—	3.270$	3.300$
Tabacos de Portugal ...	—	1.490$	1.530$
Tabaqueira	—	5.900$	—
U F Azoto	—	630$	—
Água Elect. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	390$	—
Águas Lisboa 34	425$	423$	427$
Águas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	—	—	—
C P Electricidade n. ...	1.119$	1.118$	1.119$
C P Electricidade 969	1.086$	1.086$	1.088$
Elect Beiras	—	1.625$	1.635$
Gás Electr	375$	374$	375$
H E Alto Alentejo ...	175$5	176$5	176$
H E Norte Portugal ...	230$	229$	231$
H E S Estreia	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	193$	192$	193$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	202$4	208$5
F I D E S	—	127$6	13[illegible]$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65=100)

	17/6/71	23/6/71	24/6/71
GERAL	149,9	150,1	150,1
METROPOL. ...	146,7	147,1	147,1
ULTRAM. ...	173,4	172,4	172,5

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco ..	7$95	8$30
América		
— Dollars de 1 a 4 ..	27$90	28$40
— » de 5 a 20 ...	28$20	28$70
— » de 50 a 100	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	4$50	6$00
Áustria — Schilling	1$14	1$19
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$30	5$60
Canadá — Dólar	27$50	28$00
Dinamarca — Coroa ...	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,7	$42,2
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$90	7$15
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra ..	37$50	39$50

J. BURNAY, L.DA Papeis de credito — Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 — Tel. 231278

Lavagem e secagem automática

VIATURAS LIGEIRAS E AUTOCARROS

ACEITE O NOSSO CONVITE
VERIFIQUE EM FUNCIONAMENTO
O NOSSO SISTEMA DE LAVAGEM CONTÍNUA TIPO TUNEL

VANTAGENS OFERECIDAS:

1 — Muito menor custo (cerca de 1/3 menos).
2 — Maior rendimento (35/40 viaturas hora).
3 — Montagem fácil e económica.
4 — Assistência técnica imediata.
5 — Pequena área de ocupação.
6 — Sistema de correcção dos comandos automáticos (patenteado) permitindo receber viaturas de todos os tipos, com porta-bagagens, cromados salientes, antenas ou espelhos, sem o perigo de avarias, quer do carro, quer da instalação.

PREÇO — 475 000$00.

OUTROS MODELOS

SUPER COM SECADOR INCORPORADO	— 385 000$00
STANDARD COM SECADOR INCORPORADO	— 290 000$00
SUPER AUTOCARROS	— 855 000$00

AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, S. A. R. L.

Av.ª Padre Manuel da Nóbrega, 8 — LISBOA
TELEFONES — 72 76 54 — 72 77 65 — 71 30 57
ROTUNDA DA ENCARNAÇÃO — Posto Sacor — LISBOA — TELEFONE — 31 17 13

CARTAZ DOS CINEMAS

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 426305
HOJE, À NOITE — REABERTURA COM A ESTREIA DA COMÉDIA
A RAPARIGA DO AUTOCARRO
c/ Glen Campbell e Kim Darby
...ela estava noiva de um, mas apaixonou-se por outro...
Technicolor

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
3.ª SEMANA
DE SENSAÇÃO!
As 18.30 e 21.45
George Peppard, Carrol Baker Alan Ladd e Marth Hoper
OS INSACIAVEIS
Um filme de Edward Dmytryk
Cinemascope — Technicolor
Metro Estação Picoas

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 865037
As 15 e 21 horas
Rir! Rir! Rir!
Franco Franchi e Ciccio Ingrassa
CICCIO PERDOA... EU NÃO
e
CANDIDATOS PARA A ETERNIDADE

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Às 21.30 h.
A PROMESSA
com Melina Mercouri, Assaf Dayan, François Rafoul Didier Haudefin e Despo

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
Prémio da Crítica no Festival de Berlim
Anna Karina e Bruno Cremer no filme de Andre Farwage
O MOMENTO DE MORRER
(De Temps de Mourir)
Eastmancolor

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.20, 18.30 e 21.45
A obra-prima de Carlos Saura
EM TRÊS UM É DEMAIS
(Strese és tres, tres)
com Geraldine Chaplin

APOLO 70
CINEMA ESTUDIO
Av. Júlio Dinis
(M. 1.º anos) Tel. 763319
4.ª SEMANA
Às 14.30, 16.45 e 21.45
O VALE DO FUGITIVO
com Robert Redford
Katharine Ross
Scope Technicolor
HOJE ás 19 h (Adultos)
ERRANDO PELO CAMINHO
de Robert Mulligan
com Steve McQueen

LUMIAR
(Adultos) Às 21 h.
UMA MULHER NO CIMENTO COM A PEDRA NO SAPATO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
3.ª SEMANA
As 15.15 18.15 e 21.30
Christopher Jones e Pia Degermara em
AQUELES DIAS CONTIGO...
(Brel Season)
Colorido

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
John Wayne num filme de John Huston
O BARBARO E A GUEIXA
Cinemascop — Cor de Luxe

BERNA
(M. 12 anos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
Alan Ladd, Jean Arthur, Van Heflin e Jack Palance, no filme que ninguém mais esquecerá
SHANE
Technicolor
Um clássico do «western»
(Á Av. Marquês de Tomar)

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Christopher Lee, Boris Karloff e Barbara Steele
A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO
Colorido

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA TRIUNFAL
UM MARIDO INFIEL
com Jean Yanne e Françoise Fabian
(Junto á Av. de Roma)

CONDES
Adultos) Tel 322523-326710
3.ª SEMANA
4 SESSÕES
As 14.15 16.30 18.45 e 21.45
Charles Bronson em
A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO
Technicolor

ESTUDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
7.ª SEMANA
As 15.30. 18.30 e 21.45
O maravilhoso filme de François Truffaut
O MENINO SELVAGEM

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
Hoje — Às 21.30 — ESTREIA
CRIME NO BOSQUE
com Suzy Kendall e Frank Finlay
Às 15.15 e 18.15 — últimas exibições: «NED KELLY»
(Adultos)

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
LOUIS DE FUNES em
O GENDARME EM FÉRIAS
Colorido

ROMA
(Adultos) Tel. 78778
4.ª SEMANA
As 15.30 e 21.45
O BELO ANTONIO
com Marcello Mastroiani, Claudia Cardinale e Pierre Brasseur

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
ALPHAVILLE
O OFÍCIO DE MATAR

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
Emocionante! Explosivo! Destruidor!
ZEPPELIN
Michael York, Elke Sommer
Panavision — Technicolor

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 562882
As 15.30, 18.30 e 21.45
18.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320017
As 15 e ás 21 h
CHUVA NA PRIMAVERA
MATT HELM NÃO PERDOA

LIDO
(M. 17 anos) Às 21.30 h.
O filme mais extraordinário de Ingmar Bergman!
PAIXÃO
Um espectáculo de comprovado valor humano e artístico!

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
As 15, 18.15 e 21.30 h.
4.ª SEMANA
LUA DE MEL COM URTIGAS
com Gig Young, Bonnie Bedelia e Michael Brandon.

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 5.ª SEMANA TRIUNFAL
UM FILME DE QUE TODOS FALAM PELA SUA NOBREZA DE PENSAMENTO
ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA
com Libertad Lamarque, Robert e Irma Lozano
— Eastmancolor —

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45923
Às 21 horas
GRINGO NÃO PERDOA
PARIS-ISTAMBUL
SEM REGRESSO

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
VIVO PARA A TUA MORTE

HOJE - NOITE DE S. JOÃO - HOJE
NA
FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
O PÚBLICO TEM, PARA DIVERTIR-SE, ALÉM DA DATA ESPECIAL DA FESTA, AINDA OS HABITUAIS MOTIVOS DE ALEGRIA E DISTRACÇÃO EXISTENTES NA FEIRA
ALI HÁ DE TUDO — RESTAURANTES — CERVEJARIAS — CAFÉS — ESPLANADAS — CONFEITARIAS — FARTURAS — SONHOS E VINHOS DE TODAS AS REGIÕES
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só os borboletas são livres» (17 anos)
MARIA MATOS — As 21 e 45: «Jogos de Sociedade» (17 anos)
GIL VICENTE — Às 22: «Ivone» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 21 «A Cozinha» (17 anos)
VILLARET — As 21 e ás 23 h.: «A Capital» (17 anos)
M. VITÓRIA — Às 20.45 e 23 h.: «Cala-te, boca!...» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 9: «Profissionais do crime» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «David Copperfield» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Galileu» (12 anos)
IDEAL — Às 21: «Mais morto que vivo» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O simpático viganista» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Amor em baixo» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Romance em Acapulco» (12 anos).

● Linha de Cascais

CARCAVELOS — VITÓRIA-CINE — Às 21 e 30: «A mão» (17 anos).
PAREDE — CASINO — ROYAL-CINE — Às 21: «Dois homens dois destinos» e «O gabinete do dr. Caligari» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A promessa» (17 anos). PALÁCIO — Às 21 e 30: «O grande amor» (12 anos).
ESPLANADA — Às 21 e 30: «Alta traição» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Tom Jones» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Gringo» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Taurus, filho de Átila» e «Ringo, herói do Texas» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «A mulher que não quis amar» e «Discípulos do Diabo» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Fechem-nos a sete chaves» (17 anos).

● Outra Banda

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Um lugar para amar» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «A guerra secreta de Harry Frigg» (12 anos).

● PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Batalha Naval» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O exército da sombra» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Homens em fuga» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Stiletto» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 30: «O diabo era outro» (12 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O espadachim da capa negra» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Casamento sem nupcias» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Comecem a combater sem mim!» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Em busca da felicidade» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Um dólar nos dentes» (12 anos).
SARLOS ALBERTO — Às 21 e 30: «O grande silêncio» e (Anastásia» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Amor de Perdição» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Patton» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «O Dia da Vergonha» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Os Libertadores» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «A vingança de Spartacos» (12 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (tel. 660187).
ALFAMA — Pereira Suc., Rua do Paraíso, 88-100 (tel 863224).
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Avenida Almirante Reis, 121-B (tel. 45751) * Góis Suc., Rua dos Anjos, 12-C (telefone 840101).
ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Saborosa, 235-A (tel. 728277).
ALVALADE — Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (tel. 776905) * Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (telefone 722384) * Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (tel. 721409).
AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (ás Galinheiras) (telef. 790969).
AREEIRO — Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 777478).
AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel. 449951) * Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 418845) * Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (tel. 44324).
BAIRRO ALTO — Pinharanda, Rua da Rosa, 94 (tel. 321534)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, P. do Norte, 11 (tel. 311216)
BAIXA — Lima Amaro, Praça da Alegria, 27 (tel 321149) * Valadas, Rua da Madalena, 235 (telef. 326260) * Cortez, Rua de S. Nicolau, 93 (t 325378).
BELÉM — Gomes, Rua da Junqueira, 320 (telef 638193) * Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias 63-A (tel. 611454).
BENFICA — Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel. 704828) * Ribeiro, Estrada da Luz, 199 (tel 780969).
CAMINHOS DE FERRO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (tel. 381279).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (tel. 686640) * Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 5 (telefone 662838) * Elma, Rua Maria Pia, 358-A (t. 686176).
CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel 684424).
CONDE REDONDO — Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (tel. 42239).
ENTRECAMPOS — S. Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (tel. 771469).
ESTEFÂNIA — S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (tel. 534027).
ESTRELA — Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485) * Rodrigues & Aires, Rua do Lapa, 54 (tel. 662246).
GRAÇA — Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725).
LUMIAR — Central, R. do Lumiar, 77 (t. 790480).
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, Lda., R. Braamcamp, 52-C (tel. 43409).
OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, lote 199 (Olivais-Sul) (tel. 313610) * Central, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (telef. 315539).
PALHAVÃ — Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (tel. 761035).
PAMPULHA — Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (tel. 661867).
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (telefs 728395-720703).
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (á encosta do Restelo) (telef. 612248)
SANTO AMARO — Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A (telef. 636620) * Costa, Rua dos Lusíadas, 32 (tel. 636704).
S. BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (telef. 327901).
S. PAULO — Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (tel. 369120).
SETE RIOS — Curi, Avenida Madame Curie, 15-A (tel. 778439).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Comb G. Guerra, 166 (tel. 213953).
CAXIAS — Nova — R Bernardim Ribeiro, 7-A (tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patão Lopes, 4 (T 2432039)
OEIRAS — Alcântara Guerreiro — Bairro Residencial Dr Augusto de Castro — Lote 10 (telef 2430591)
PAREDE — Crincho — Av. da Republica, 67 (Tel 247 1204)
ESTORIL — S. João — S João do Estoril (telef 261186)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel 2630521)
MONTE ESTORIL — Estende — R. de Espinho, 1 (tel 2603911).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb G Guerra, 40 (tel. 280170) * Nova — Est de Alvide — Fontainhas (tel. 2801044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — P 28 de Maio, 3-A (tel. 935518) * Carmelo — R. Elias Garcia Lote 28 (tel. 933303) * Helénica — R. Elias Garcia, 2 (t 9336 3) * S. Jorge — R Pedro del Negro, 5 — Reboleira (tel. 938703).
DAMAIA — Lemos — Rua de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 51 (Telefone 950043) * Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel 95 84 1)
CACÉM — Central — R Elias Garcia 55 (telefone 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins, 285 (Tel 29 00 21)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel 980058)
COLARES — Colares — Abreia — (Tel 2990881)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (tel 234 37)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (tel 224020)
ALMADA — Cristo Rei — Av. do Cristo Rei, 31-A (Tel 273498)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 (Tel 224302).
BARREIRO — Moderna — R D Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (telefone 2273445).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro 62 (Tel 270 21)
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel 239029).
MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 47 (Tel 230 370)
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229471)
SETUBAL — Soromenho, P Machado Santos (Telef 22691) * Alice, P do Quebedo (Telef 23743)
SEIXAL — Soramenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560).

● PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro, 04 (Telefone **Almeida Cunha Ldo.**, Rua Formosa 347 (T 24874) * **Antas** Av Fernão de Magalhães, 076 (Telefone 4 58 * **Barreiros**, R. de Campo Pinto 8 (Telefone 1053 * **Clérigos**, R dos Clérigos 36 (Telefone 358 * **Gomes Carneiro**, Rua Cedofeita, 349 (Te 3420 * **Guerra** Rua de Costa Cabral, 42 (Te 60103 * **Guimarães**, R. de Franços, 37 (Tel. 65139 * **Lidador**, Rua do Lidador 71 (Tel 683739) * **Lousada**, L do Campo Lindo 62 (Tel 40353 * **Oriental**, Rua do Bonjar 727 (Tel 27878) * **S. Roque da Lameira**, Rua R. do Lameiro, 11 (Tel 5 7391 * **Soeiro**, R de Santos Pousada, 7 T 51374 * **Vasques**, R das Condominhas, 194 (Tel 680 31) * **Campos** Rua Pedro Alvares Cabral, 943 Foz (Tel 680123)

● COIMBRA

Cruz Viegas — Rua do Brasil (tel. 22961) * **Donato** — Rua Ferreira Borges (tel. 22603) * **Rainha Santa** — Rua da Figueira da Foz (t. 24737).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

AS MULHERES JÁ PODEM INGRESSAR NOS QUADROS DO FUNCIONALISMO JUDICIAL

Saiu hoje no «Diário do Governo» um decreto-lei do Ministério da Justiça que introduz alterações ao Estatuto Judiciário, no âmbito da Reforma Administrativa, e nomeadamente restaura a possibilidade de as mulheres ingressarem nos quadros do funcionalismo judicial.

O preâmbulo do diploma sintetiza assim a revisão agora operada:

São introduzidas novas simplificações nos serviços e dispensam-se determinadas exigências burocráticas. Por exemplo: simplificam-se os critérios de determinação das antiguidades (artigo 146.º) e o processamento das aposentações (artigo 157.º); o apuramento do tempo de serviço e da classificação dos requerentes em concursos de habilitação passa a ser feito oficiosamente pela Direcção-Geral da Justiça, evitando-se uma multiplicidade de certidões (artigo 393.º, n.º 2); suprime-se a posse de categoria dos magistrados promovidos á classe ou instancia superior, quando continuem em anteriores comissões de serviço (artigo 128.º); os processos de concurso são instruídos apenas com três documentos que, aliás, não têm limite de validade e se utilizam para o provimento (artigo 330.º); dispensa-se a remessa de uma nota com diversos dados relativos aos empossados, uma vez que eles constam já dos documentos apresentados para a nomeação (artigo 848.º).

«Paralelamente, estabelece-se uma distribuição mais equilibrada do serviço pelos funcionários (artigos 300.º, alínea j), e 317.º) e valorizam-se certas categorias profissionais. De entre as medidas que se propõem alcançar essa valorização, salientam-se: o aproveitamento dos escalões de entrada para aprendizagem e adaptação ás diversas funções; um acesso expedito, sobretudo através de classificações baseadas em inspecções periódicas; um sistema de preferências que atende ás melhores classificações de serviço e que constituirá, portanto, um apreciável estímulo (artigos 338.º, 339.º e 341.º a 343.º).

«Assinale-se, por último, que se restaura a possibilidade de os indivíduos do sexo feminino ingressarem nos quadros do funcionalismo judicial (artigo 327.º), tão-só com reesalva dos lugares de oficial de diligências, em virtude das características das respectivas funções (artigo 343.º),

«Os notários do sexo feminino deixam de estar excluídos do desempenho das funções de subdelegado nos julgados municipais (artigo 180.º), adoptando-se o mesmo princípio quanto á substituição dos delegados do procurador da República nas comarcas (artigo 183.º),

«Utiliza-se ainda o diploma para esclarecer ou melhorar a redacção de alguns preceitos e para adaptar outros a novas orientações fixadas ultimamente pelo legislador.»

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado; o vento era fraco a moderado dos quadrantes de Norte

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE Máxima: Elvas, 29°; mínima: Montalegre, 9°,9.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 8°; Penhas Douradas, 12°; Coimbra, 15°; Portalegre, 3°; Lisboa, 17°, Faro, 20°; Funchal, 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 17°,5; na água do mar: 16°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado, com excepção das regiões do Litoral Oeste, onde podem ocorrer períodos de céu muito nublado; vento fraco a moderado dos quadrantes de Norte; condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro durante a madrugada e manhã.

Amanhã
Nascer ás 6 e 13
Ocaso ás 21 e 5

Dia 30 Dia 8 Dia 15 Dia 22

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 5 e 24 (3,8 m), 17 e 39 (4,1 m). Dia 25 — 6 e 01 (3,8 m); 18 e 20 (4, m) Dia 26 — 6 e 46 (3,7 m), 19 e 06 (3,9 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 10 e 30 (1,0 m); 23 e 06 (0,9 m). Dia 25 — 11 e 05 (1,1 m); 23 e 42 (1,0 m). Dia 26 — 11 e 51 (1,2 m)

Os Alpes em balão

MUERREN, 24 — (F. P.) — Uma actriz japonesa de televisão, Kaoru Kanetaka, passa a incluir-se entre os que atravessaram os Alpes em balão livre.

Com dois companheiros, a jovem actriz sobrevoou os três cumes mais altos dos Alpes.

A primeira mulher a cometer a proeza foi uma americana.

O ministro Rui Patrício visita o Kruger Park

PRETÓRIA, 24 — (A. N. I.) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, visita hoje o Parque Kruger — em dia de descanso previsto no programa da sua visita oficial à África do Sul, depois das conversações que ontem manteve durante todo o dia, com o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Hildgard Muller, em Pretória.

Foi anunciado que o dr. Patrício recebe hoje os jornalistas em conferência de Imprensa (às 14 horas TMG), antes de partir para o Kruger Park.

No banquete que ontem ofereceu em honra do ministro português, o dr. Muller prestou homenagem a Portugal, pela luta que tem travado contra o terrorismo no seu território.

Acrescentou que Portugal — como a África do Sul — «tem demonstrado saber avaliar o perigo das actividades terroristas e da subversão de inspiração comunista»

«Nós, na África do Sul, temos a maior admiração pela maneira firme por que os portugueses têm orientado esse problema — declarou o ministro Muller, no discurso que proferiu durante o banquete.

Antes de terminar o seu discurso, o ministro sul-africano sublinhou a importancia da cooperação entre Portugal e o seu país em vários campos, «para conseguir progressos económicos, prosperidade e estabelidade na África Austral.»

«Por outro lado — sublinhou — construiremos assim um baluarte contra as forças que contam com a pobreza e o caos no seu esforço para destruírem a civilização».

De vez em quando

Já o ano passado aqui nos referimos ao exagero dos preços praticados nos restaurantes de ar livre que povoam Alfama durante a quadra dos Santos Populares. Voltamos hoje ao tema, por ter ouvido os queixumes de um camarada (o Assis Pacheco, que pelos vistos não gosta só de caracóis). Com desespero das suas papilas gustativas, cuja satisfação foi retraída, o nosso camarada verificou ser de oito escudos o preço de cada sardinha assada vendida ao público no bairro típico. Ora sabendo nós que um quilo daquele raímoso peixe tem, em média, vinte sardinhas, concluímos: quilo de sardinhas igual a 160$00. Aproximadamente o preço do quilo de lagosta. Assim, não há tradição que resista. Qualquer dia teremos de optar pela renovação dos costumes da quadra, ainda que procuremos certa continuidade no consumo de sardinhas. Sempre haverá gastrónomos saudosistas.

V. D.

DEPOIS DOS EXITOS S.TO ANTÓNIO E S. JOÃO
O ARRAIAL DA SORTE CONTINUA NA
CASA DA SORTE
que distribuiu hoje aos seus balcões a
SORTE GRANDE DO S. PEDRO
5000 CONTOS - 40.550
MAIS UM 1.º PRÉMIO VENDIDO PELA
CASA DA SORTE
A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

A LOTARIA DE HOJE

40550 — 5 000 000$
34390 — 500 000$
3618 — 200 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

40549 — 13 500$
40551 — 13 500$

NÚMEROS PREMIADOS
PRÉMIOS DE 15 CONTOS

934 1.069 1.933 2.038
5.777 9.647 17.438 21.912
26.832 27.063 39.775 41.365
41.755 41.846 e 43.039.

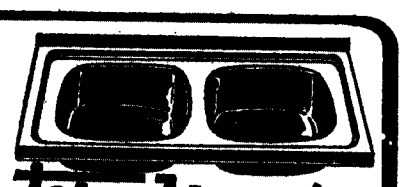
PRÉMIOS DE 600$00 (centenas)

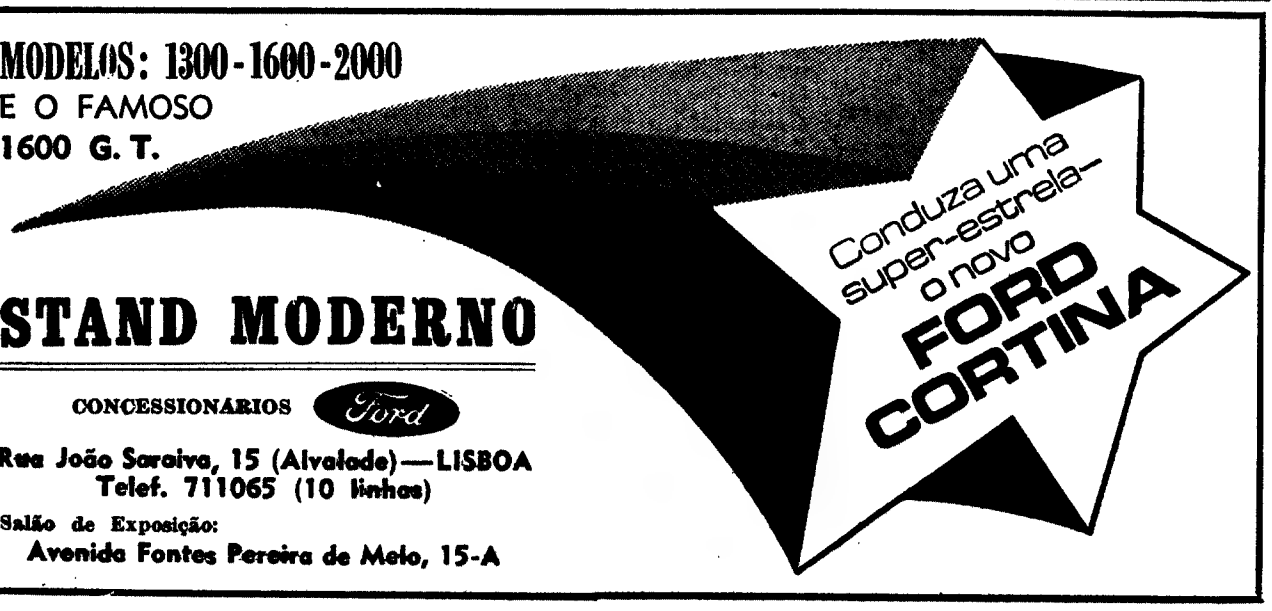
3.601 a 3.700; 24.301 a 34.400
40.501 a 40.600.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

São premiados com 2000$00, em cada bilhete, os numeros cujos três algarismos finais sejam 390, 550 ou 690; com 1600$00, os terminados em 618 e, com 1000$00, os terminados em 037, 204, 259, 385, 662, 677, 687, 792 ou 878. Os numeros cujos dois ultimos algarismos, sejam 50 ou 90 têm direito a 1000$00, de prémio e, os terminados em 18, 23, 41 ou 69, a 600$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação —, seja 0 são contemplados com 400$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Teka
LAVA - LOUCA INDUSTRIAL 18/8

FABRICADO POR — Teka-Hergóm
Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APARTADO 130 / LISBOA - R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

MODELOS: 1300 - 1600 - 2000
E O FAMOSO
1600 G. T.


STAND MODERNO
CONCESSIONÁRIOS Ford
Rua João Saraiva, 15 (Alvalade) — LISBOA
Telef. 711065 (10 linhas)
Salão de Exposição:
Avenida Fontes Pereira de Melo, 15-A

Inaugurado pelo Chefe do Estado

Custou 18 mil contos o lar militar da Cruz Vermelha

A Cruz Vermelha Portuguesa tem em curso uma vasta obra de habitações privativas para os mutilados da guerra no Ultramar, segundo afirmou hoje de manhã o brigadeiro dr. Ricardo Horta, presidente nacional daquela instituição, durante o acto inaugural do «Lar Militar da Cruz Vermelha Portuguesa», ao Lumiar.

A cerimónia presidiu o almirante Américo Thomaz, que se encontrava acompanhado pela filha, sr.ª D. Natália Thomaz, e assistiram os ministros da Defesa Nacional, Saude e Assistência, secretário da Informação e Turismo, subsecretário da Saúde e Assistência, os chefes dos Estados-Maiores general das Forças Armadas, Exército, Marinha e Força Aérea, governador militar e governador civil de Lisboa, presidente da Camara, presidente da Fundação Gulbenkian e outras individualidades.

O «Lar Militar da Cruz Vermelha» foi subsidiado pela Fundação Gulbenkian que, para as instalações e equipamento, ofereceu 18 mil contos, tendo o terreno sido oferecido pela Camara Municipal de Lisboa.

A sua capacidade é de 80 pessoas. Para já foram para este edifício 26 soldados que se encontravam na Parede.

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO
667 ■ 24 DE JULHO ■ 1971

A Literatura da América Latina em França

Por Álvaro Manuel Machado

O PROBLEMA põe-se: chegados ao impasse do chamado «nouveau roman» (em quem já ninguém acredita, que já ninguém discute sequer), que hão-de fazer os romancistas franceses? Nada a não ser repetir, mais do que nunca, velhas receitas de um esteticismo esclerosado, sem loucura.

Os romancistas da América Latina vêm dar uma lição aos romancistas franceses e, de uma maneira geral, ao escritor europeu. Eles são, como diz o poeta mexicano Octavio Paz, «filhos do vazio». Por isso atingem a plenitude — essa plenitude da imaginação e do pensamento, do sagrado e do profano que falta ao escritor, sobretudo ao romancista europeu, demasiado preocupado com escolas e sistemas.

A voga da literatura da América Latina em França atinge actualmente o seu ponto culminante. Como é ela interpretada pela crítica e aceite pelo público? Qual a sua influência? Eis o que tentamos esclarecer através de duas entrevistas: uma, com um escritor e sociólogo ligado à América Latina, Roger Caillois; outra, com um crítico francês de origem suíça, Georges Piroué.

ENCONTRO COM ROGER CAILLOIS

Torna-se quase desnecessário apresentar Roger Caillois. Poeta ligado ao movimento surrealista, especialmente a Breton, Caillois é sobretudo o grande sociólogo francês que «descobriu» a América Latina. Chefe da redacção da revista de filosofia «Diògene», autor de numerosos estudos de sociologia em que o sonho e a violência são elevados à categoria de arquétipos, Roger Caillois, nascido em Reims em 1913, é um dos raríssimos intelectuais europeus para quem a Europa não é o centro do Mundo.

Actualmente, Caillois ocupa um lugar importante na secção cultural da América Latina da UNESCO em Paris e é director de uma colecção extremamente prestigiosa das Edições Gallimard, «La Croix du Sud», colecção por ele fundada e que revelou até agora ao público francês autores importantíssimos da América Latina. Exemplos: Gilberto Freyre, Jorge Amado, Vianna Mog, Graciliano Ramos, Ciro Alegria, Borges, Alejo Carpentier, Cortazar, Ernesto Sabato, Mario Vargas Llosa.

Foi exactamente a propósito da colecção «La Croix du Sud» que o nosso diálogo começou:

— Acha que a Croix du Sud que você dirige assume grande importância e tem influência no meio intelectual francês?

R. C. — Creio que sim. Cada livro publicado é atentamente analisado não só pelos críticos franceses mas também pelos críticos estrangeiros que vivem em França e se interessam pela litertura da América Latina. Aliás, você, como crítico da literatura da América Latina no *Magazine Littéraire*, sabe-o tão bem como eu.

— No entanto, deixe-me dizer-lhe uma coisa: embora eu próprio admire muito certos autores da América Latina, acho que por vezes há uma tendência de moda que mitifica certos escritores e deixa outros no esquecimento. Por exemplo: Carlos Fuentes, Julio Cortazar, ou Gabriel Garcia Marques ou Borges são muito mai conhecidos que Clarice Lispector, estão muito mais «na moda», e no entanto Lispector ou ainda o cubano José Lezama Lima, recentemente revelado em França, tem uma densidade e uma originalidade de linguagem e de pensamento que os colocam ao nível dos maiores romancistas contemporâneos. Quanto a mim, são mesmo superiores aos outro. Há portanto um fenómeno de moda...

Roger Caillois

R. C. — Sem dúvida, isso é verdade em relação a certos autores, mas não em relação ao conjunto da literatura sul-americana. É evidente que em França estamos já um pouco fartos da literatura americana e que, portanto, a literatura da América Latina ganhou os favores do público e da crítica; o mesmo aconteceu, no pós-guerra, com a literatura americana e, anteriormente ainda, com a literatura russa. Há, portanto, actualmente em França uma voga da literatura latino-americana. Mas ela merece-o amplamente, não só pela sua qualidade ao nível estritamente estético mas também pela variedade dos temas abordados. Ela dá um sentido novo à literatura universal. Quanto aos nomes que estão na moda e os que não estão... o tempo dirá.

— A importância que você dá ao «imaginário vivido» reflecte-se, sem dúvida, na sua preferência pela literatura da América-Latina, não?

R. C. — Absolutamente. Sabe, toda uma corrente da literatura europeia e mesmo do norte-americana caiu numa espécie de realismo demasiado positivista, digamos mesmo economista, por influência do marxismo. Ora, na América Latina, deu-se precisamente o contrário: os problemas sociais provocaram uma explosão estética em que realismo e magia se confundem. Por isso se pode de facto falar de «realismo mágico» em relação a certos autores, como por exemplo Miguel Angel Asturias.

— Sim, mas depois de Asturias, na geração mais recente, há toda uma procura de formas novas...

R. C. — Claro, mas pode dizer-se que esses escritores não são os mais característicos da América Latina e, frequentemente, são escritores influenciados pela Europa e que vivem mesmo na Europa, como é o caso de Cortazar.

Continua na pág. 7

NAS CENTRAIS

COMÉRCIO COM O INIMIGO

Um conto inédito de José Rodrigues Miguéis

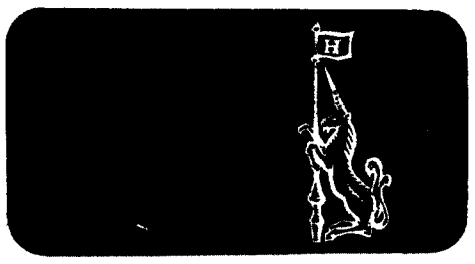
CASA DE «FRANCESES»

Folhetim-artístico de José-Augusto França

BODE expiatorio dos românticos, o «brasileiro» foi uma figura extremamente importante nos quadros socioculturais do Portugal oitocentista, desde os anos 40 até aos 10 do nosso século. Barão, visconde e outras coisas, com muitas comendas de Cristo e da Conceição (a menos que tivesse morrido de febres, no seu labor miserável, o que quase sempre acontecia), o «brasileiro» entrou na vida portuguesa como uma condição «sine qua non» dessa vida definida em termos económicos, ou seja bancários.

Vencedores da vida, trouxeram libras à volta e com elas levantaram negócios e construíram casas e até palacetes. Nesta furia de construções encheram sobretudo o norte do País de vivendas bem definidas por um gosto que não poderia ser melhor do que eles.

O tempo tem consumido essas casas, entre as mais modestas, assimilando-as em contextos rurais ou urbanos que muito por elas se pautavam — numa arquitectura pequeno-burguesa à dimensão duma sociedade estacionária.



PASSARAM os brasis, vieram outros eldorados darem soluções conjunturais ao estacionamento da sociedade portuguesa, com exportação de braços e iniciativas — e ao «brasileiro» sucedeu hoje, entre outros, e mais numeroso que eles, o «francês».

Títulos não tem o «francês», já que desde 1921 os miguelistas os não distribuem, cocendas por enquanto também não — mas constroem casas.

Uma fome ancestral de quem nasceu e viveu em casebres com os pés descalços sobre a terra nua, mal se tapando do frio serrano que os buracos da pedra deixam entrar, e respirado o fumo a sair pelas telhas ou as lousas mal juntas — uma fome de gerações deu, de repente, numa fartura modesta logo necessàriamente traduzida em casas-emblemas.

Casas de chão e chaminé, com escada e pinturas, varandas e estuques — casas à imagem do que a casa deve ser, e, finalmente, com janelas á moda de «fenêtres», como dizem...

COMO poderemos nós rir desta miséria subitamente resgatada? Antes a entendamos, como grito duma alma que só começa a sê-lo com os francos importados

Não riamos das casas que emblemàticamente os emigrantes de hoje, os «franceses» dum mercado comum de braços e sacrifício, têm de levantar em terrinhas de pobreza. Elas são á medida deles, do que eram antes de partir e mais do que são à volta, idênticos a si próprios, apenas com o direito dramàticamente adquirido a terem finalmente uma casa.

Uma casa, dez, cem, milhares de casas destas enchem agora o País, de Norte a Sul — de Trás-os-Montes e do Minho, às Beiras, ao Ribatejo, à Estremadura, talvez também ao Algarve. São, naturalmente, afilitivas de gosto — num modelo quase único: levantadas sobre pilares e paredes cegas, com um primeiro andar de varanda, comunicando com o solo por uma escada exterior. As cores — um verde, um azul e um salmão que só nelas se vêem. A sua tipologia é fácil de estabelcer — e imediatamente se descobre nela a mão duma rede de construtors que descobriram, sem emigrar, uma mina a explorar...

Ora estes milhares de casas estão a destruir completamente a paisagem rural portuguesa.

Sociológicamente, o fenómeno é importantíssimo por dois lados pelo prejuízo que fornece. Com efeito, não se entenderão as estatísticas da emigração sem se catalogarem as casas dos emigrantes, sua garantia de existência social e humana, e ainda sua classificação cultural.

SUA, deles — *mas também de quem, nas autarquias locais, assim deixa construir tais casas e destruir a paisagem*, em vez de orientar (fàcilmente!) a tendência. Eu direi mesmo que sobretudo as Câmaras Municipais e os seus arquitectos, responsáveis pelas construções de cada concelho, ficam culturalmente classificados por tais casas e por tal poluição da paisagem.

Porque aprovando-as e consentindo-as, e recebendo os respectivos impostos prediais — ou gostam mesmo delas, ou não se ralam.

ad hoc

EÇA, TOMA LÁ MAIS ESTA!

COINCIDINDO com a realização da Feira do Livro, a editora Livros do Brasil lançou mais um volume das Obras de Eça de Queiroz. Ou pior: não lançou. E não lançou porque «A Capital» (volume n.º 16 das tais Obras) *não é de Eça de Queiroz!* Como toda a gente sabe, «A Capital» de Eça de Queiroz é um romance (ou, se preferirem, uma novela), publicação póstuma que chegou até nós na versão de José Maria d'Eça de Queiroz, filho do romancista, e que aguarda a necessária e conveniente edição crítica. Esta, quanto a mim, é que deveria constituir o volume n.º 16 das Obras—e no intuito de a comprar foi muita gente à barraca de Livros do Brasil. Engano: embora integrado nas Obras de Eça de Queiroz, o volume em causa é tão-somente a adaptação teatral que Artur Portela Filho e Artur Ramos fizeram do (mal) conhecido texto!

Sinceramente não vejo qual o critério seguido pelo editor para integrar nas Obras uma adaptação teatral. Mas quero crer que Livros do Brasil, já que incluiu a adaptação de «A Capital», venha igualmente a incluir as adaptações de «A Relíquia» e de «Os Maias», ambas com experiência de palco.

Ou não quero crer. De facto é absurdo. Eça, meu estimado Eça, olha para o que estavas guardado!

A AUDÁCIA DA SINCERIDADE

GOSTEI da «Peregrinação Interior» de António Alçada Baptista porque é ou parece-me uma confissão *que não joga à defesa*, ao nível das plurais (multidirecionais) reflexões como ao da linguagem narrativa. Aquelas são controversas a muitos níveis que não apenas o ideológico, mas nunca dissimuladas, cautelosas ou diplomáticas; esta é uma ginástica para a limpidez expositiva, produto sempre do gosto do rigor e da exigência moral (perdoe-se a redundância).

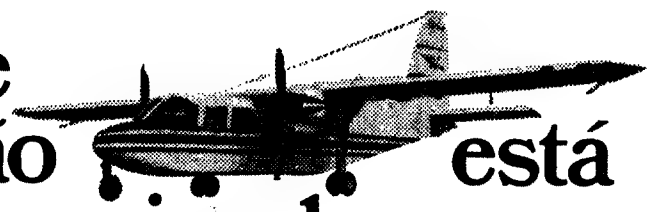
A audácia (não premeditada?, ou premeditada mas sem a exibição?) que eu admiro no Alçada Baptista reside nisto dele se expor — e de se expor assim, sem ambiguidades estratégicas nem hipocrisias escapatórias nem grandiloquências promocionais. Será pouco e ainda. Mas farto de auto-retratos alindados (ou dramáticamente compostos) ando eu e comigo muitos. Fartos os que se fartam de heroicidades (intelectuais, para o caso) muito ao sabor das conveniências de momento e espertalhonamente pitosgas na autocrítica

O retrato (espiritual, psicológico, intelectual) de Alçada Baptista, através da «Peregrinação Interior», não é o retrato de um herói. É o retrato de um homem (sujeito, como todos, á engrenagem do tempo) que se obriga á cada vez mais difícil serenidade de julgamento e que tem a ombridade de assumir lucidamente (também com ironia e sensibilidade amorosa) a sua condição e os caminhos das suas opções. Ora eu creio sinto e julgo pesar objectivamente que há *sinceridade* nisto. Que há nisto *generosidade*.

À falta de outros instrumentos medidores, são meus os sublinhados.

VÍTOR SILVA TAVARES

este avião está ao serviço dos seus interesses inadiáveis!

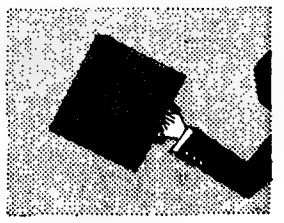


Para os seus negócios, para as suas necessidades mais urgentes, para qualquer situação de emergência, utilize o nosso serviço de **Taxis-Aéreos.**
O **Táxi-Aéreo** torna um homem independente! Ele parte consigo à sua hora; espera por si e volta consigo sem perda de tempo.

Os TAC proporcionam-lhe ainda **carreiras regulares** três vezes por semana para: Covilhã, Bragança, Vila Real, Chaves e Miranda.
Com base nos aeroportos de Lisboa e Porto os TAC possuem também aviões-ambulância, com capacidade para dois doentes e o necessário acompanhamento médico ou de enfermagem.

TÁXIS-AÉREOS

ganhe tempo apanhando um táxi-aéreo



Consulte o seu Agente de Viagens.
os TAP ou os TAC — Lisboa T. 71 61 02 - 72 91 81
Porto T. 99 41 41

MARCA TC 2 71

TAC TRANSPORTES AÉREOS CONTINENTAIS

ESCULTURA DE JORGE VIEIRA

Se a arte é sempre revolucionária é porque, na medida em que procura investigar os mistérios da percepção, se recusa a aceitar que o homem seja um produto inútil da evolução. (1).

MANUEL CRESPO

JORGE VIEIRA
Galeria S. Mamede

NA EXPOSIÇÃO de Jorge Vieira, entre as peças, as as luzes e as vozes, o texto do catálogo parece querer desempenhar um papel ao mesmo tempo purificador e paradoxal. Purificador porque, á sua maneira, redesco. bre a importância do papel dos artistas nas sociedades actuais, a sua capacidade de desobstruir os sentidos («a alienação é a opressão dos sentidos») (2) o seu sentido natural da acção e da liberdade. Paradoxal porque, condenando a integração dos artistas no circuito de distribuição instituído pelas galerias, condena o próprio acto-exposição em que se apresenta. Aliás, Manuel Crespo explica se dentro desse texto, enfrentando a exposição tal como é apresentada e as apresentações tal como são pretendidas; «Expor numa galeria é um acto profundamente reaccionário. De resto, igualmente o é escrever para o catálogo duma exposição».

Talvez Manuel Crespo tenha razão. Ou uma certa razão. Mas nem sempre expor numa galeria é um acto reaccionário: depende do que se expõe ou de como se expõe. Há necessidade de que a arte se faça para a *rua*, ou na *rua*, incluindo as casas e os lugares que *são a rua*, os itinerários da comunidade, a paisagem do homem, o tempo da sua vida e da sua esperança. A *casa* não está excluída desse contexto, ela é necessidade e definição de uma forma de ser, portanto de uma forma de ver e de desejar. Não se fala aqui da venda, mas da comunhão e da intimidade — da recriação ao nível individual, a que envolve o destino de cada peça, de cada sonho, a que se alimenta longamente da dádiva do artista ou do seu grito de protesto. Uma galeria pode ser a rua, lugar público, tempo em que se fala com o artista e se enfrentam os termos da sua revolução, câmara onde a nossa passagem se pode cumprir em reflexão e onde a obra é temporàriamente nossa Como no cinema, no concerto, no teatro? De certa maneira sim, porque até nas nossas casas nem sempre a obra é nossa, mesmo quando a possuímos físicamente dentro de uma sala, mesmo quando ela é nossa propriedade. Sartre, em «L'Imaginaire» sustenta que um «quadro deve ser concebido como uma coisa material *visitada* de tempos a tempos (cada vez que o espectador toma a atitude imaginante) por um irreal que é precisamente o *objecto pintado*». Não é a tese que se propõe ou adopta aqui, mas interessa-nos a relação que a *visita* estabelece. E também, porque não? a atitude imaginante. O lugar onde esse processo se cumpre depende da atitude que a obra (também) pressupõe, da sua natureza e do seu programa. Quanto á galeria ela é o que nós quisermos que ela seja — instrumento de opressão ou de acção e libertação dos sentidos

NOTA SOBRE A EXPOSIÇÃO DE JORGE VIEIRA

Mas, justamente, a exposição de Jorge Vieira fala-nos dessa libertação dos sentidos.

Pela mão e modo peculiar do artista, bem entendido. O mundo que ela nos propõe não é o mundo fechado das nossas convenções, da nossa paralisia, da nossa imaginação obstruída pelo «entrelaçado dos quotidianos». Ao contrário, sem retórica e sem esgares desnecessários, ela é manifestação de conquistas individuais recolhidas e transfiguradas a partir da realidade colectiva. É descoberta e herança. É acção, revelação discurso e passado. Decorre naturalmente de um profundo exercício dos sentidos, das técnicas de expressão e de uma demorada aprendizagem do real. E dá-nos entretanto a obra como apelo á comunhão — ou á intimidade, se se preferir. A rua a que essa obra se destina é o espaço ao mesmo tempo breve e sem fronteiras do mundo próximo que habitamos, é o lugar que contém a nossa escala e também a nossa capacidade de espanto e de admiração. Em suma, é talvez o lugar onde a nossa própria *visita* se faz e onde a nossa atitude imaginante se cumpre

Nesse sentido, com o seu código, o seu perfil e as suas convenções, a obra de Jorge Vieira retém poderosamente o nosso olhar: o espanto acontece pela concentração dos meios, pela meia duzia de *palavras* certas, e nunca pelo espalhafato da grandeza físico ou da profusão dos elementos do vocabulário. Os objectos suscitam o nosso desejo de apropriação, o recurso a um ver que se sobreponha às aparências, a criação de uma leitura dinâmica e imaginativa — e nunca a simples conservação dos elementos que definem seu *estilo* Acima das convenções e da caracterização imediata da obra, em cada *visita* e em cada estado de emoção, o que retemos é o seu espírito, aquilo que os obriga a participar no mesmo exercício afirmativo do artista, que não apenas no da sua técnica. Reconhecemos então os valores que ele desperta, uma linguagem que é ao mesmo tempo arrancada á memória de civilizações mortas, á visão popular e ao mito, ao percurso e ao poder da imaginação

Evocando algum perfil mediterrânico, ou, por outro lado, um espanto ibérico e religioso, concentrando-se em materiais que parecem supor o renascer arqueológico da própria terra, aceitando-se no traçado de estruturas que lembram ao mesmo tempo a matemática dos nossos dias e o jogo ingénuamente sábio da arte popular, a obra escultórica de Jorge Vieira (á qual os desenhos actuais acrescentaram apenas maior coerência e melhor justificação) representa pela dimensão surrealista uma subtil mistura do que é próprio do sonho milenário dos povos e daquilo que define culturalmente e contemporâneamente a nossa visão. Em certo sentido, o que é moderno (na escultura de Jorge Vieira) é o que resulta de uma inteligente apreensão de algumas constantes, elementos ou valores que permanecem de civilização para civilização, o espírito das formas que correspondem a uma experiência profunda de muitas gerações e que se acertam com as sedimentações mais sólidas, do ser humano. Arrancar ao subsolo do nosso ser e da nossa memória, pela mobilidade hoje conferida á função plástica, todos esses valores *arqueológicos* e remetê-los de subito para a contemporaneidade, fazê-los sentido ultimo de um perpétuo renascimento, reconhecê-los na nossa pele e na urgência dos nossos olhos — isso é de facto um trabalho a que o verdadeiro artista está sempre ligado. Porque, no fundo, e mesmo quando tudo se pretende remetido á ciência e ao conhecimento objectivo, tal artista jamais deixou de ser a ponte mediúnica que liga os vários tempos da existência do homem, projectando-o no futuro.

Jorge Vieira:
«Escultura 1970»
— um espanto ibérico
● religioso

& EXPOSIÇÕES

ANTÓNIO PALOLO
Galeria 111
GRAÇA ANTUNES
Galeria de Arte Moderna

ANTÓNIO PALOLO deu agora expressão, em mostra individual, á escala que projectara ultimamente sobre a sua obra: mais á escala do que a qualquer outra coisa. Simples ampliação dos seus guaches anteriores, estreitamente na mesma linha imagística, os seus quadros de hoje determinam uma presença menos intimista e mais agressiva. Pensamos (com outras pessoas, aliás) que a Palolo não bastará proceder á ampliação dos seus objectos até aqui conhecidos: isso limita-os a um expediente que a breve trecho os esvazia de uma poética *menos explicável*, a dimensão que justamente os impunha ao nosso próprio percurso imaginativo. Mas discordamos de que a ampliação, em si mesma, levando os objectos de uma escala de «poster» para a de grande cartaz, não corresponda paralelamente a uma problematização da anterior pintura de Palolo. Deslocar a orientação de uma figura no espaço é dar-lhe outra forma e outro significado. Um pouco da mesma maneira, *deslocar* a sua escala *pode* corresponder a uma reformulação da sua realidade significante. No fundo, é essa a experiência que Palolo intenta estabelecer, permanecendo fiel aos resultados concretos anteriormente alcançados. O que já não podemos garantir é que o faça com um profundo conhecimento sobre o verdadeiro sentido que as alterações desencadeiam. Ou seja: o que nos parece é que Palolo ainda não domina os resultados possíveis do seu recente trabalho de *ampliação*.

— Graça Antunes, na Galeria de Arte Moderna, veio reafirmar de forma mais enfática e programada, o sentido da sua poética e as características da sua personalidade. «Cubos para brincar com água, terra, céu e mar» é uma experiência que acentua o valor contrapontístico das apreensões da autora no domínio da pintura. Preocupada com a definição geométrica dos espaços, com a circulação ilusória entre uma realidade bidimensional e uma realidade tridimensional, Graça Antunes desdobra a pintura em planos que se sobrepõem, utilizando tintas brilhantes e baças, jogando com volumes aparentes e com representações que repõem ao espectador a utilização lúdica das formas plásticas como objectos removíveis.

Fazendo apelo a um conteudo gráfico que reduz os elementos evocados a peças de um jogo imaginável, a autora mantém muito vivo o seu interesse por uma poética onde a infancia e o maravilhoso se conjugam. No entanto, e deliberadamente, os *brinquedos* que constrói não ficam sujeitos a alterações físicas, não se desdobram senão em aparência, dentro de parâmetros que só intelectualmente se definem.

(1) — No texto do catálogo.
(2) — No texto do catálogo.

Rocha de Sousa

NOVIDADES LITERÁRIAS

O MUNDO NÃO COMEÇA AMANHÃ
Augusto de Castro
Evocação simultâneamente sentimental e humana, satírica e bem-humorada de pessoas, de factos e de acontecimentos, ampliando os limites do conhecimento das coisas e da vida quotidianas
60$00

Colecção Autores Portugueses
OS DESERTORES
3.ª edição
Augusto Abelaira
«É quiçá a primeira vez que em Portugal se utiliza o romance com por cento como meio de expressão»
(João Gaspar Simões)
40$00

Colecção Enciclopédia de Bolso Bertrand
A HEREDITARIEDADE
Ashley Montagu
A influência preponderante do meio, do ambiente familiar e da educação sobre o desenvolvimento da criança
Volume ilustrado: 75$00

Colecção O Pequeno Guia
PEIXES
Tony Burnand
Manual dos peixes de mar das águas europeias, atlânticas e mediterrânicas
Volume ilustrado: 50$00

Colecção Informática e Management
«TIME SHARING» E TOMADA DE DECISÕES
Georges Selvais
As novas técnicas de organização na elaboração e controle das decisões colectivas
Volume ilustrado: 100$00

Nova Colecção Ilustrado de Júlio Verne
HEITOR SERVADAC
II Volume
OS HABITANTES DO COMETA
Através do mundo solar, as mais fantásticas aventuras vividas no espaço onde o homem não passa de simples joguete das leis cósmicas
Ilustrações de
P. Philippoteaux
25$00

LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

da famosa
colecção pelicano
EDITORA ULISSEIA
RUA DA MISERICÓRDIA, 137, 1.º — LISBOA

- **Cícero e a República Romana**
  F. R. COWELL
- **O Tabaco**
  FLETCHER/COLE/JEGER/WOOD
- **As Origens e a Evolução da Educação Moderna**
  ELIZABETH S. LAWRENCE

DISTRIBUIDORA:
EDITORIAL NOTÍCIAS
RUA RODRIGUES FARIA, 103 - LISBOA

COMÉRCIO CO

UM CONTO INÉDITO DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

BALTIMORE cargo NEW ORLEANS space J.FELINSKY:693:KELLY S

I

A RECEPÇÃO em honra dos dirigentes sindicais da América Latina, na «pent-house» do Hotel ***, corria animada e formal. Além dos numerosos norte-americanos, havia alguns representantes do British Labour Party. Tudo pela santa causa dos Aliados. De «hig-ball» na mão, eu conversava num grupo do terraço quando me abordou o «play-boy» risonho que ali andava, vestido com o impecável à-vontade e falando o inglês de um genuíno «fellow» de Oxford:

— Chileno, não é assim?

— Não, português.

— Português! Muito me alegro. Já o devia ter adivinhado. Somos amigos velhos, aliados!

Deu-me o nome, que não entendi bem, e acrescentou:

— Vice-cônsul da Grã-Bretanha. Dá licença? — e tomou-me do braço.

— Pois não.

Os fotógrafos explodiam bulbos de magnésio, batiam fotos consecutivas. Ficámos juntos, de braço dado, a sorrir como velhos «aliados». Já estou marcado. Esta súbita amizade! Que quer ele de mim? Ou será...?

—Adoro os portugueses! Servi dois anos em Lisboa.

Trocámos lugares-comuns. E de repente:

— Deve então conhecer o seu compatriota Tavério?

— *Taveira!* Cidadão americano. Somos bons amigos.

— Ah. Nesse caso talvez me saiba dizer...

Os discursos começavam no salão de baile. Um surto brusco de convidados separou-nos. Desembaraçado do indiscreto, fui-me sentar, sòzinho, numa fila quase deserta. Quando a minha mulher chegou, pouco depois:

— Anda aí um inglês atrás de mim. A tirar nabos da púcara.

Quase no mesmo instante, a voz risonha falou-me da esquerda:

— Coincidência! Cá estou eu outra vez.

O tipo é trouxa, ou pensa que eu sou. Quer mais conversa. Aborrecido, nem ouvi os discursos, aliás desnecessários: amizade e solidariedade interamericana, a retórica habitual. Segredei a minha mulher, que já percebera a situação:

— Antes que isto acabe ponho-nos ao fresco. Direitos aos ascensores.

Chegado o ensejo, escapulimo-nos à francesa. Nós a entrarmos no ascensor, e alguém a correr-nos no encalço: «Um momento!» Era ele, entrou também.

— Que sorte! — e depois, apressado, que o tempo urgia: — Deve conhecer também outro seu compatriota. Mr. DelNegro?

— Assim, assim. Porquê?

O ascensor parava, metia mais gente, continuava a descer, superlotado.

— Parece que faz negócio com os alemães! — disse o «play-boy», asfixiado no aperto.

— Ah sim? Não sei. Portugal está neutro... Ou assim os senhores querem.

— Mas é nosso aliado! E estamos em guerra com a Alemanha! Para mais israelita. O DelNegro. Não acha estranho?

Chegámos ao átrio. Aí detive-me.

— Se os senhores querem impedir o comércio com os alemães, porque não vão lá tentá-lo? Talvez não fosse difícil.

O vice-cônsul recuou um passo, a sorrir, ergueu o braço, fez rodar na ponta de um dedo o chapelinho de feltro macio, e exclamou:

— Agora é que o senhor marcou um ponto! *bye!* — e sumiu-se no entardecer.

Lebre corrida. Chato. Mas deixou-me inquieto. O DelNegro, mundano e galante, tinha-me confessado com infantil franqueza que fazia negócios com a Alemanha, por portas-travessas. E depois? Que tinha eu com isso? Não meto o nariz na vida alheia. Quem me apoquentava era o Taveira, sincero, generoso, amigo das boas causas e meu amigo. Mais de uma dúzia de vezes me tinham visitado agentes de vários serviços secretos, incluindo um alto funcionário do Departamento de Estado. Todos queriam saber coisas: ora a meu respeito (alguns amáveis compatriotas, ingénuos ou maldosos, em todo o caso ansiosos de mostrar que bebiam do fino, tinham feito «boas ausencias»), ora de vagas generalidades, ou para averiguar de pessoas que lhes eram (e talvez não fossem) suspeitas. Cheguei a pensar se não me andariam avisando: mas de quê? Aconselhado por amigos experientes, recebia-os sempre cortêsmente, como aliás eles me tratavam. Mas sabia tão pouco! Sempre enfronhado no meu trabalho! Caras? Nomes? Não conheço quase ninguém. E então generais! Nunca os vi de perto. Dirigentes? de quê? Há muitos anos expatriado, e tudo aquilo tem mudado tanto!... Além disso: a Censura aliada intercepta ou retem-me a correspondência. E de negócios não entendo nada. Oiço dizer que os senhores têm lá para cima de mil funcionários diplomáticos: eles devem saber muito mais e melhor do que eu...

Daqui não levavam nada. Nem que eu soubesse. De boas intenções está o Inferno cheio!

II

EM POUCOS anos aquele escritório tornara-se a sala dos passos perdidos da nossa gente: clube e centro de cavaco, bolsa de trabalho, câmara de compensação, agência de informações. Todos lá caíam — quem partia e quem chegava, quem trazia ou levava encomendas e boatos, os que vinham tentar algum negócio (frutas, conservas, aguardentes), homens fugidos de bordo, e até humildes contrabandistas de ocasião. Gente do mar quase sempre. Sentiam-se ali melhor do que nas repartições oficiais ou nas alfurjas dos conterrâneos: como na sua terra. Reinava sempre a animação, a conversa e os risos ecoavam nos amplos corredores marmóreos do edifício (que é de qualidade). Aquilo dava-lhes prestígio. Apareceu lá um dia, desvairado, a arrancar os cabelos, o comandante de um navio: «Fugiram-me quase todos de bordo, em Filadélfia! Piloto, maquinistas, marinheiros! Não posso levantar ferro... Pelo amor de Deus ajudem-me a arranjar tripulantes!»

Ou aquele piloto recém-chegado, rapaz novo e bem parecido, com a fardeta encolhida nos ombros: «Veja lá o senhor, vivo com a minha velhota e sustento-a. Não ganho para constituir família.» «Se cá quiser ficar, a gente arranja-lhe colocação.» Não era que o provocassem, mas a tentação foi grande. Matutou por alguns dias, no fim deixou-se levar ao Sindicato Marítimo, onde se inscreveu. Faltavam tripulantes, técnicos, oficiais. Começou por cobrar um estipêndio semanal. Quando reapareceu pela firma era outro: Tinha engordado, irradiava alegria e saúde na farda nova, de excelente fazenda e bom corte. «Já mandei cem dólares à minha velhota, assim que isto assente vou mandá-la vir.» Falava bastante bem o inglês. Pouco tardou que o fizessem imediato dum «Victory Ship». Semanas depois eram torpedeados no Atlântico Norte: escaparam por um triz. O comandante, sèriamente ferido, confiou-lhe o navio, e ele portou-se como um veterano. Foi condecorado e promovido a capitão...

— Até médicos, senhor! — dizia o Taveira. — Vêm aí de visita, querem cá ficar, conseguir lugar nos hospitais dos centros portugueses. Alguns, para estabelecer domicílio, fazer exames, exercer clínica, têm chegado a casar-se provisòriamente. Ele há mulheres para tudo, a questão é acenar-lhes com as notas... E olhe que alguns têm-se governado bem! Estes nossos portugueses são muito simpáticos, dá gosto a gente ajudá-los. Coitados, vêm de lá amargurados, e quando se vêem bem acolhidos, respeitados decentemente pagos, parece que criam outra confiança na vida, no futuro... E com

Ilustração de Rocha de Sousa

OM O INIMIGO

STREET. WATTS & CO. WILLIAM STREET: 698: PALMERSTON. NEW JERSEY

ideais! Patriotas até mais não. Sempre na esperança de voltar à terra, como eu, que ando nisto há para cima de trinta anos, e não penso noutra coisa. Eram outros tempos, comi o pão que o diabo amassou. Os que por cá se arranjam, o gosto deles era mandar vir a parentela toda, amigos, gente da terra, só para os verem também felizes. A nossa gente tem coração. O mal é sentirmo-nos tão sós... e tão pequenos! Por muito que um homem se acostume a isto, é lá que todos queremos ir acabar. Não há terra como a nossa. Aquele sol, o clima, a gente boa, a comida gostosa...

É destas contradições que os homens se nutrem e se iludem. Só quem tiver penetrado a fundo neste ambiente — quem o tiver sofrido — pode entender isto. Ou perguntem aos que lá ficaram!

III

HAVIA duas horas que os agentes do Tesouro — de chapéu na cabeça, mãos nos bolsos, os pés cruzados em cima das mesas onde tinham espalhado os livros de escrituração — «grelhavam» o meu amigo Taveira. Queriam saber a quem é que ele tinha vendido a platina.

— Sei eu lá quem ele é! Estava aqui sòzinho à hora do almoço, meio-dia para a uma, quando vi a sombra dele, parado a ler o meu nome na vidraça da porta. Entrou sem bater: Mister Taveira? Sou eu. Não se assentou nem o chapéu sequer tirou. Até pensei se ele não seria também do Governo... Se eu vendia metais finos. Não tenho em armazém, mas pode-se arranjar. Ficou um pedaço a olhar para mim: Preciso de platina, é para meu uso, aparelhagem delicada. Há restrições? Por enquanto não, para o mercado interno. Mas se é para exportação, o Governo quer saber para onde ela vai. Diz ele: Quanta se pode arranjar? Depende. Quanta quer o senhor? Era uma quantidade razoável. Se quiser telefonar, ou aparecer por aqui esta tarde, já lhe dou a resposta. Tenho de consultar os fornecedores. Convém-lhe às quatro? Às quatro cá estou. E foi-se embora. Nem o nome me lembrou perguntar-lhe.

— Nunca o tinhas visto?

— Nunca. Telefonei à Watts & Co, da William Street. Têm platina? Quanta quiser Não é para exportação? Não senhor, cliente nacional. Bem, esteja aqui amanhã às onze. Quando o homem telefonou, ainda não eram quatro, dei-lhe a resposta e pedi-lhe o nome e endereço: J. Felinsky, 698 Kelly Street, Palmerston, New Jersey. Ainda aí está a nota que eu tomei. Apareça amanhã à uma da tarde e venha prevenido. Estou lá à uma sem falta.

«Veio, pagou — em notas; não vou agora aceitar cheques dum desconhecido! Nem pedir-lhe identificação. Não é costume, perguntas indiscretas. Comprar e vender é o meu ofício. Porta aberta. Se tenho, vendo, se não tenho mando-os a outra paróquia. Cobro a minha comissão, e pronto. Sem levantar o rabo desta cadeira, entre dois telefonemas tenho chegado a fazer cem por cento. É imoral? Também acho. Mas é a guerra, e não fui eu que inventei este sistema. Bem bastam os entraves e as formalidades — licenças, quotas, restrições, *cargo space*, seguros, câmbios, o inferno. E pago os meus impostos em dia.

— Isso é o que está para se ver!

No dia seguinte estavam lá caídos outra vez:

— Tavy, tu deste-nos um endereço falso. 698 Kelly Street não existe, é um lote vago, uma montureira. E não há lá nenhum Felinsky. Tu inventaste-o.

— Qual inventei! Foi o nome que ele me deu. Nunca na minha vida disse uma mentira.

— Sim, mas uma vez é a primeira. Tu estás a exportar platina às escondidas. Comércio com o inimigo!

— Com o inimigo? Então já estamos em guerra? Não que me conste. Não vendo para o estrangeiro.

— Se te apanhamos com a boca na botija, o menos que te acontece é fecharem-te a chafarica. (Eles disseram «joint».) Quem me avisa...

— Os senhores sabem melhor do que eu o que por aí vai. Os graúdos exportam quanta platina querem, milhões e milhões de dólares, e ninguém lhes vai à mão. Mandam-na para a Grécia, e os alemães vão-na lá buscar de avião. O governo fecha os olhos. Eles untam a pata a quem pode! Nós então a sardinha petinga («small fry»), não podemos vender nem uma onça. Chamam a isto igualdade, democracia? Não pode haver uma lei para os grandes e outra para os pequenos. Eu conheço os meus direitos. Enquanto não for proibido hei-de vender. Não sei lá para onde ela vai.

— Tavy, não dês sentenças nem levantes falsos testemunhos. Governa a tua vida e cumpre o teu dever. Nós cumprimos o nosso. Coopera connosco, dize-nos a quem a tens vendido, e nós deixamos-te em paz.

— Têm aí os livros, os talões dos depósitos e dos cheques, a correspondência. Investiguem. Divirtam-se!

Contou-me isto a rir e rematou:

— Eles querem provar o seu zelo aos chefões. Andam há semanas em cima de mim. Ainda ontem, toda a tarde a moer-me os miolos. Verba por verba, até as rasuras dos livros eles querem que eu explique. Que chamem o guarda-livros! Já me lembrei se eles não andarão ao cheiro das luvas. Mas isto, negócio pequeno... Fazem-me a vida negra. Imagina que até me vieram com a história das notas!

IV

— A HISTÓRIA das notas! — diz-me o Tiago, que tem trabalhado ao lado dele. — Disso posso eu falar. O gajo tem-se enchido. Manhoso, não há que fiar dele. Calcule o amigo, aqui há tempos sugeri-lhe um negócio, entrávamos a meias: *Isso não dá nada, cascas d'alhos!* Desisti. Daí a dias faz ele o negócio e ganha um pacote. Está a ver o camarada? Quando lhe dei um lamiré, sabe o que ele me respondeu? Que negócios e amizades são como o azeite e o vinagre: nunca se ligam bem. Que isto o negócio é tudo uma ciganagem, a ver quem corta primeiro o gasganete ao parceiro...

— Bom, salve-se ao menos a amizade. Idealismo! Já é alguma coisa.

— Foi ele que inventou esta coisa das notas. Ideia simples como quê.

— São as ideias simples que custam a descascar: o ovo de Colombo, o rei vai nu... São elas que fazem andar o mundo. Mas conte-me então...

— Ora veja. Com o afluxo de refugiados a Portugal, na mira de embarcarem cá para a América, tem sido um maná. Muitos deles, com os sapatos rebentados, traziam maletas cheias de ouro, moedas, pedras preciosas. E dólares em barda! Uma razia por toda aquela Europa. Os que se demoravam — alguns têm esperado anos — tinham de os trocar ou gastar. O mercado a abarrotar, torpedeamentos, falta de transportes, as remessas difíceis, os cambistas não se podiam desfazer deles... o dólar-nota caiu, chegou a valer só doze escudos. Isto com o cheque a valer vinte e nove! O que o comércio queria eram cheques sobre a América. Mas que é deles? O governo não quer cá mais notas: receio de inflação, ou que a Europa fique sem meios de troca, não sei. De que se há-de ele lembrar? Então, boas notas do Tesouro, quem é que me a mim vai proibir de as ter e usar? Era o que faltava! Deu ordem ao agente em Lisboa: *Compre quantas delas puder*! E assim tem continuado. Tem aí uns rapazes na marinha mercante, boa gente coitados, mortos por fazer um vintém. Trazem-lhe as notas e cobram dez por cento do frete. Não é nada mau. Ele vai ao Banco, e troca-as por cheques sobre a praça de Nova Iorque. Remete-os para Lisboa — lá valem o dobro e mais! Está a ver? É do que eles lá precisam. Noventa a cem por cento de lucro garantido! É para quem tem unhas, diz ele.

«Agora, então, com o desembarque dos americanos, não lhe conto nada: foi outra inundação. Dólares de ocupação, ainda os não viu? Olhe, aqui tem um. Iguaizinhos aos outros, só que o selo é de outra cor. Com os GI's a gastar à barba longa... Toca a comprar dolas de ocupação! O governo também os não quer cá, mas os soldados mandam-nos às famílias, ou trazem-nos na volta... Nenhum banco as recusa. São bom dinheiro. O lucro é menor, mas ainda assim compensa. Vai aí um contrabando que o senhor nem põe na sua ideia. Dias que não se encontra um dólar na praça de Lisboa. Muitos têm tirado o ventre de miséria. Pena tenho eu de não poder fazer o mesmo, estava rico!

Mas nunca me explicou donde lhe viera aquele dólar de ocupação.

Não é só ele, não. De vez em quando a polícia dos cais apanha um marujo com notas e apreende-lhas. Alegam sempre que é para fazer compras. Desembarcam de noite deram em trazê-las atadas num maço: se vêem vir um «federal», atiram com o pacote para debaixo dum automóvel ou camião parcado, e depois da apalpação vão lá buscá-lo. Correm certo risco, mas vale a pena: cem dólares podem representar dois-três meses de ordenado... Um deles teve a inspiração de amarrar o maço ao dedo mendinho, com uma linha preta de coser, não lho fossem roubar ou ele o perdesse no escuro. Quando os agentes lhe mandaram levantar os braços, obedeceu e deitou fora o pacote. Não lhe encontraram nada. Mas um deles deu com a linha — «Que é isto?» — puxou devagarinho, o pacote veio vindo... «Olá, temos notas! Tu não sabes que é contra a lei?» Com o susto, ou por manha, o marujo deu em maluco e foi parar ao manicómio. Pouco depois era recambiado para a terra, á custa do Consulado. Com as notas, pois então. Restituem-nas sempre. Diz-me o Taveira:

— Eles ainda não são tão maus como os pintam. Os das três-letras! *

— Não andem eles a fingir que são cegos, só para saber para onde elas vêm...

Fitou-me com um olho meio fechado ao fumo do havano:

— Também já tenho pensado nisso! — Tirou o La Casa da boca, olhou-o e sorriu: — Muito bem me sabe o charuto! Tenho noites que fico assim até tarde, a fumar ás escuras e a matutar nalgum negócio. Gosto a valer desta jogatina. Nasci pra isto, não quero outra vida!

V

O EMBARCADIÇO traz-me recados da família e dos amigos, livros e encomendas.

— Pelos vistos, você também anda metido no «racket» das notas. Isso não é perigoso?

— Que remédio. Não se ganha para as sopas. Tenho aqui uns clientes. Os agentes tratam de tudo lá em Lisboa, eu não mexo uma palha: vou só ao escritório buscar as notas. Tenho chegado a trazê-las aos milhares. Quase tudo para a firma. Uma responsabilidade medonha, noites que nem durmo! Medo que me roubem, isto a bordo...

Magro e seco como um carapau, da faina em que anda. Corre aí tudo á procura dos artigos que lhe encomendam. Volta para Lisboa ajoujado de remédios, drogas, sulfas, vitaminas, meias de nylon, camisas, que sei eu. (Mais tarde viria a tal «peninsulina», como lhe ouvi chamar; e os pneus de automóvel! Modos de vida. O Português aprendeu a passar pelas malhas mais finas da rede de formalidades e restrições em que vive há séculos apertado. Os grandes e os pequenos).

— E não o têm incomodado, cá ou lá?

— Ná! Eu tenho as minhas ligações. Estes gajos pelam-se pelo Portuguese brandy. Dou-lhes a garrafita... Ouça esta, que tem piada. Mas que isto fique entre nós! Aqui há meses, trazia eu dez mil dolas prá firma, quando a meio caminho recebemos um rádio de Lisboa: *Não há carga Baltimore siga Nova Orleans espere ordens.* Mudámos de rumo. Bonito serviço. Aqui vou eu para New Orleans, cheio dele! Se me acontece alguma, roubo ou doença... Chegado lá, telegrafei-lhe para New York: *Não vamos Baltimore fica encomenda próxima viagem.* Uma tarde, vou comer a um bar e encontro um fulano que me conta que no México é só a gente chegar ao guiché dum banco, com dolas, e pedir ouro: trocam-nas logo ao par por astecas de vinte pesos cada uma! Deste tamanho! Ouro fino, que até se podem dobrar com tam se eu não vou também ao México trocar as notas! Voltei para bordo tão excitado que até o comandante me perguntou se eu tinha febre. Qual febre, senhor! Só se for a do ouro... Contei-lhe o caso, e se me ele dava licença para ir num pulo a Vera-Cruz, de avião, eram dois, três dias o máximo. E o navio ainda se demorava em New Orleans. Oh homem, diz-me ele assim, vá num pé e venha no outro. Mas pelo amor de Deus empresta-me umas dolas, que eu estou sem vintém. Pago-lhe quinze por cento de juro e ainda por cima lhe dou prémio! Tanto atiçou, que eu não tive remédio senão prometer comprar uns astecas por conta dele: eram lecas que eu perdia, mas cá na vida do mar temos de ser uns prós outros. Está a ver o risco, se os americanos desconfiam, se me passam uma busca e me apreendem o ouro? Diz-me o capitão: Deixe isso por minha conta. Eu falo ao cónsul, que é meu amigo. Assumo a responsabilidade. E aqui vou eu a Vera-Cruz. Duas noites que não preguei olho. Troquei em astecas quantas dolas levava comigo, incluindo as dez mil da firma. Voltei carregado que nem queira saber. Não me aconteceu nada, e o comandante, coitado, ainda fez um par de quilos. Nunca tive uma viagem tão boa. Na viagem seguinte, quando tornámos a Baltimore, vim o New York e entreguei-lhe as notas. Diz-me ele assim: Então você enche-se de ganhar dinheiro com as minhas dolas, e nem uma gorjeta ao menos me dá?! Como é que ele sabia que eu tinha ido ao México trocar as notas? Prá nossa gente não há segredos. Ora essa, que mais quer o senhor? Aqui tem o seu dinheiro, que lhe importa saber por onde ele andou? E ele ainda por cima me pagou os dez por cento da comissão, pois então cumié. Pra saber que não é só ele que é esperto!

(Palavra d'honra, não acabo de admirar a argucia desta gente!)

— Porque é que você não faz também um biscate! Mata-se a trabalhar agarrado a papéis... Sempre era uma achega. Eu trato disso. Não tem que mexer uma palha, não me adianta nada, nem me paga o frete. Eu trago-lhe as notas e pronto.

— Eu? Nem pense em tal! Não é que eu veja nisso nenhum crime: sou contra todas as restrições. Mas, ao contrário da mulher de César, não me basta parecer honesto: tenho de o ser mesmo. Amanhã isso constava, e... Alguém tem de se privar por amor dos princípios.

Deve-me ter julgado ingénuo ou parvo. Quando voltou da terra, entregou-me cem dólares. «É o seu lucro», disse ele. «Como? — Fiz de contas que você era meu sócio por cem dolas, entende?» Não entendi, e ele explicou pacientemente: «Comprei mil dolas com o meu dinheiro, catorze contos. Dei-lhe crédito a você por cem dolas. Em vez dos quinze contos de ganho que me lá daria o cheque de mil, faço só doze e pico. O resto é seu. Percebe agora?» Levei dois dias a pensar, mas desconfio que não percebi. Este rapaz tinha tirado a custo o terceiro ano do liceu, chumbado em matemática. E quem governa o mundo são os doutores!, como dizia o Taveira. Enfim, deu-me a ganhar os cem dólares de mão-beijada. Não sou de pau, acitei

Continua na pág. 6

Prontuário das Letras

Vocação do poeta

Um dos mais importantes lançamentos poéticos do ano está anunciado pelas Publicações D. Quixote e com toda a probabilidade já se tornou efectivo ao sair deste Prontuário. Referimo-nos a *«Vocação animal»*, de Herberto Helder, primeiro título do madeirense na editorial da Luciano Cordeiro, que já prepara a reedição de *«Retrato em movimento»*. Figura maior dos anos sessenta, Helder tem vindo desde *«O amor em visita»* a construir uma obra rica de experências (aliás o poeta chegou mesmo a fazer um «bout de Chemin» com o Experimentalismo) onde a principal linha de força estará numa «doação às coisas mínimas, humildade e plenitude, excesso e inocência, alegria e terror, desejo e angústia, esplendor e obscuridade», para parafrasear A. Ramos Rosa.

No que à poesia toca, refira-se ainda o aparecimento de um pequeno caderno de José de Melo, *«Eu continuo a falar de amor»*, editado em Aveiro. José de Melo, que é ali professor do liceu e se deu a conhecer em Lisboa, também sob o pseudónimo de Jorge Daun (lembram-se da Antologia Best-Sellers?), tem ressonâncias dos poetas «Beat» e de Ezra Pound, e é um caso marginal bastante curioso.

Em domínio diferente, o da poesia de combate, anote-se o volume *«Amanhã virás»*, de Arnaldo Mesquita, vindo do Porto com toda a força de um libelo actual. Algumas passagens comovedoras absolvem o poeta, mas não totalmente, da sua escassa oficina.

Herberto Helder:
um novo livro
(*«Vocação Animal»*)
numa trajectória rica
de experiências

Vocação de um homem

A vocação da coragem, da indignação e da coragem, mantém vivo um homem como Raul Rego. Já aqui anunciado em tempo, *«O processo de Damião de Goes na Inquisição»* (que ele actualizou na ortografia e na pontuação, anotou substancialmente e prefaciou com palavras claras) está de há pouco nos escaparates. A 400 anos de distância a terrível peça processual nada perdeu do seu impacto.

Os prosadores

Sobre prosadores: Fernando Namora atingiu o 22.º milhar (português) das *«Minas de San Francisco»* com a sua 7.ª edição revista, enquanto da Roménia chega a notícia de que esse romance acoplado no mesmo volume com *«Casa da Malta»* (título geral: *«Casa vagabonzilor»*), saiu logo à cabeça a 20 mil exemplares, o que é obra. Raros escritores portugueses estão traduzidos em romeno e nenhum a este nível popular.

Sobre prosadores: a Parceria António Maria Pereira lançou um inédito de Mário Braga, *«Os olhos e as vozes»*, na série das obras do escritor. São duas novelas e cinco contos, estes de raiz autobiográfica, aquelas na linha de uma alegoria como *«O reino circular»*, onde Alberto Ferreira viu uma forma de enriquecimento para o neo-realismo.

Sempre sobre prosadores: o prosador André Malraux tem o seu último êxito vertido para português — *«Quando os robles se abatem»* («Les chênes qu'on abat»), edição dos Livros do Brasil. Personagens: De Gaulle e o seu ministro mais culto. Diálogo datado, vale sobretudo como documento de uma época que ainda estamos a viver.

Pronto para ler

PÁTRIA, O corpo da — Título de uma antologia poética publicada em Braga pela Editora Pax. Tema: a guerra nas três frentes africanas tal como a viram ou comentaram ao longo de dez anos (1961-1971) cinquenta autores. Ruy Cinatti, Fernanda de Castro, Amândio César, António de Cértima, Vimala Devi, Fernando Guedes, Tomaz Kim, António de Navarro, Natércia Freire, Fausto José, Pedro Homem de Melo e Álamo de Oliveira são alguns dos escolhidos.

ÍNDIA — Uma Índia pouco ou nada conhecida: sem Nehru. O título diz isso mesmo. Textos fundamentais coligidos pela D. Quixote (Cadernos, n.º 36), os quais incluem duas boas reportagens do sueco Gunnar Rydström e vários apontamentos críticos de ensaístas e jornalistas hindustânicos.

PAQUISTÃO — Também na D. Quixote (Col. Documentos, n.º 5). Bom material de referência.

MACEDO, Helder — A sua *«Poesia (1945-1968)»* entrou na segunda edição no catálogo da Moraes. Novidade muito grata de assinalar.

Helder Macedo:
segunda edição de
«Poesia (1945/1968».
De assinalar.

MARX — Ainda na D. Quixote, um estudo de Pierre e Monique Favre cuja actualidade é indicada logo na capa: *«Marx depois de Marx»*. Quem foram Labriola, Bernstein, Croce, Rosa Luxemburg, Gramsci. Quem são Marcuse, Lefebvre, Althusser.

ENSINO — «Projecto de reforma ou reforma do projecto?», pergunta Santos Simões. E adverte: o reaccionarismo sempre foi inimigo do progresso. Uma boa achega à discussão nacional com a chancela da Razão Actual (Porto).

& PLATÃO — Poetas na abertura, um filósofo no fecho. A Estampa dá-nos as *«Cartas»* desse aristocrata ateniense (427-347 A. C.) cujo génio especulativo é um dos cumes do pensamento ocidental. Duas vezes de longada à Sicília para mover Dionísio o Jovem a uma correcção do poder, de ambas foi, parece, mal sucedido. As *«Cartas»*, traduzidas pela primeira vez entre nós, que saibamos, em 1941 (A. M. Oruz, Braga), falam-nos sobre essa estranha cruzada. Vinte e quatro séculos depois muita coisa se mantém como era.

Comércio com o inimigo

Continuação da pág. 5

Quando falei nisto (em segredo) ao Taveira, comentário dele:

— Esse ladrão é fino como um coral. Vai ver que ainda faz fortuna!

(Lá espírito de justiça não lhe falta).

— Oxalá. Do lombo lhe tem saído.

VI

«APAREÇA!» diz ele ao telefone. «Está aqui uma pessoa que o quer conhecer». Nunca faltei á sua chamada. Fui. Era o capitão Craveiro, pequeno, enérgico, risonho e corado, com uns olhinhos muito verdes. Conversámos.

— Ora veja. Ando nisto há pra cima de quarenta anos. Nasceram-me os dentes no ofício. Agora estou velho, não mereço confiança, tiraram-me o comando, passei a imediato, de cavalo pra burro. Tenho lá uma filha já madura, nunca a pude casar por falta disto. Nunca lucrei um chavo com negócios, o meu negócio foi sempre a navegação. E vi muitos enchcrem-se! Não é que os invejasse: mas francamente, viver pobre e morrer pobre! Que há-de um homem fazer? Diga-me com franqueza: de que vale ser honesto? Um pontapé no sim-senhor, e passe bem! A minha pena é não ter aprendido mais cedo. Agora estou velho para cá ficar, isto é bom pros novos...

Percebi que tinham assuntos a tratar e retirei-me.

O navio estava agora atracado no cais do East River, em New York. Dias depois, o Taveira torna-me a telefonar: «Venha daí almoçar connosco. O capitão ficou encantado consigo. Sai hoje e gostava de lhe dar um abraço.»

Juntámo-nos num tasco da beira dos cais, cheio de gente, de fumo, e de algazarra em meia dúzia de línguas. Comida boa, da nossa. Coisas que vão desaparecendo, demolidas, com a poesia dos velhos portos de mar. Comemos e bebemos com moderação, conversámos e rimos. O Craveiro radiante!

— Já cá não torno. É a minha última viagem. Despeço-me da vida do mar, e já não é sem tempo. Graças aqui a este nosso amigo. Já deitei contas à vida: reformo-me, abro uma tabacaria... Vai ver que ainda arranjo noivo prá filha! — Olhou as horas: — Bam, vou-me até bordo. Largamos às seis, apareçam por lá.

— Lá o iremos abraçar!

Saiu e meteu-se a atravessar com cautela a rua, muito larga e movimentada, como se tivesse receio de ser atropelado. Coxeava.

— Que diabo tem ele? reumático nas pernas? Outro dia andava como um rapaz de vinte anos, até parecia que dançava. E agora vai coxo?

O Taveira riu-se, deu-me uma cotovelada nas costelas, tirou o havano da boca, e a meia-voz:

— Qual reumático! Aquilo é da mercadoria. Leva a reforma nos sapatos! Uma fortuna em platina.

Ficámos calados até o ver desaparecer na entrada do imenso hangar. Voltei-me então para o Taveira, que sorria e tinha os olhos molhados. Enternecido e grato, passei-lhe o braço pelos ombros. Bem me importa a mim que ele tenha feito fortuna, que seja «manhoso» ou «pouco de fiar»! É que o acusem de fazer candonga. Invejem-no à vontade, que têm bem de quê. Não é só pelo dinheiro que ele vive e trabalha: há nele alguma coisa mais do que a sede do lucro — um senso do humano, uma solidariedade, um desejo de benfazer e fazer bem, de tirar os outros de embaraços, de reparar na medida do possível os males e as desigualdades da vida. Caro e bom Taveira! É uma instituição de que eu me orgulho.

Demos veia-volta e pusemo-nos a andar.

— E os do Tesouro, continuam a chateá-lo?

— Trago-os à perna. Querem saber a quem vendo a platina. Hão-de agarrá-la mas há-de ser com um trapo quente! — e riu-se.

Acreditariam eles nas suas explicações? Ou fechavam também os olhos? Porque não estavam ali no cais, a vigiá-lo?

Tive uns afazeres nessa tarde e não pude ir a bordo. Não tornei a ver o simpático marinheiro.

VII

— ESTE espanhol andou dias a telefonar-me, invocando os nomes de conhecidos, para conseguir um encontro comigo. Informei-me junto deles: «Cuidado!, que esse é um traidor, um vendido! um dos tais das três letras!» Acabou por me apanhar uma tarde, no escritório, de surpresa. Mandei-o entrar:

— Traz a carta de recomendação?

— Não, mas posso telefonar-lhes...

— Isso é uma indelicadeza. Como se atreve você a vir aqui sem a apresentação que prometeu! Quem é que o mandou cá?

Recepção condigna. Farto de receber «visitas», resolvi ser malcriado. Em inglês, que ele fala mal. Atrapalhou-se. Quase que chorava. Que fora combatente «de la República», tinha deficuldades, um pulmão afectado, família a sustentar... (Todos têm as suas queixas!) Acabara por aceitar este emprego, informador. Confissão tão repelente como inautorizada!

— Se o Usted me ajuda, eu posso dar-lhe todas as informações que quiser!

— Romance policial, espionagem, troca de informações, não? Eu não entro em combines. Nem o pouco que você sabe me interessa, nem o que eu sei, que é nada, interessa aos seus patrões. Deixe-me em paz e vá tratar da saude.

Inclinou-se para mim, e eu vi-lhe a camisa de saldo esgarçada no peitilho, junto ao colar. O desgraçado não ganhava nem para uma camisa decente. Tive dó dele, e deixei-o insistir: que o que tinha a perguntar-me não me comprometia, palavras de miliciano, era só a respeito do «judio» Del-Negro e do Mister Tavera. Só isso!

— As autoridades estão convencidas de que o Escritório do Tavera é um coio de contrabandistas: negócios de platina, de moedas, comércio com o inimigo. Usted compreende: somos todos antifascistas! E agora que estamos em guerra com o Terceiro Reich! É pela causa... — suplicou, agarrando-se à última palha para se não sentir naufragar de todo. Tive de me rir:

— Então agora o Sr. Hoover também é antifascista? Pois fique sabendo: esse Taveira, que vocês querem comprometer e liquidar, é o mais honrado e leal dos homens que eu tenho conhecido: capaz de dar a camisa do corpo a um pobre, um perseguido, a um desgraçado como você. E já o tem feito! Um homem de princípios. Com tanto ladrão a encher-se à custa de milhões de mortos, de desgraças e ruínas, é isso que você chama servir a causa? Diga isto mesmo aos seus patrões, se ainda tem coragem, ou vergonha. Comércio com o inimigo na verdade!

Nunca eu tinha falado tão rudemente a ninguém. Nem pensei nas consequências. O pobre diabo saiu dali a trocar as pernas, literalmente. Mas acabaram-se as visitas. Também não tornaram (que eu saiba) a molestar o Taveira, que só pensa em fazer as malas e voltar de vez a Portugal, o seu sonho. No dia em que ele se for embora, esta terra não vai parecer a mesma: é uma época que finda. Os que depois vierem (já estão chegando!) não terão conhecido as amarguras, os sacrifícios, o fervor, a novidade e estranheza disto tudo. Nem a incurável nostalgia do que não chegou a acontecer ou a ser...

E esses, com franqueza, já me não interessam.

* F. B. I., Bureau Federal de Investigação. Também podiam ser «T-men», agentes do Tesouro. (N. do A.)

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

América Latina

Continuação da pág. 1

— *Mudemos de assunto: na sua experiência pessoal de escritor, será que a América Latina teve uma grande importância?*

R. C. — Muita. Uma in. digamos, ideia de espaço. As fronteiras na América Latina não são as fronteiras europeias; há um sentido mais profundo de liberdade que vem do próprio espaço, do facto de vermos perante nós quilómetros e quilómetros de terras despovoadas ou habitadas por aglomerados ainda primitivos. Isso enche-nos de uma espécie de sentimento de generosidade cósmica.

— *Esse sentido do espaço salva-nos no sentido proustiano do espaço, totalmente dependente do tempo, não acha?*

R. C. — Exactamente. Foi precisamente isso que eu tentei explicar num livro que publiquei, *O espaço americano*.

— *E não lhe parece que essa, digamos, atrofia, do espaço em relação ao tempo, essa tradição proustiana...*

R. C. — Eu direi antes uma tradição mallarmeana dado que em Proust há, apesar de tudo, uma grande densidade humana...

— *Talvez, mas, digamos de uma maneira geral, essa noção excessivamente intelectualista do espaço não seria uma das causas, senão a causa principal, da aridez da actual literatura francesa?*

R. C. — Sem duvida.

— *Nesse sentido, a literatura da América Latina poderá dar-lhe perspectivas novas.*

R. C. — A literatura latino-americana pode influenciar no melhor sentido toda a literatura da Europa, dando-lhe uma seiva nova, um sentido novo da aventura estética.

— *Especificamente no que diz respeito à literatura francesa, a partir de que altura acha você que houve um esgotamento da grande tradição do romance francês do século XIX?*

G. P. — Recentemente, a partir da tendência excessivamente formalista chamada escola do *nouveau roman*.

— *Você acha que não haverá perspectivas, no futuro, em França, de uma literatura mais, digamos, aberta?*

G. P. — Talvez. Aliás, começou a haver uma reacção, muito recentemente, a partir dos acontecimentos de Maio 1968 (revolta dos estudantes, contestação absoluta das instituições e da cultura). Mas note que isso seria mais uma literatura de contestação da civilização ocidental que especificamente uma literatura de contestação da política de um país.

Georges Piroué

— *Voltamos assim ao problema geral da Europa...*

G. P. — Claro. E se é certo que a Europa está em crise, é certo principalmente que a França já não ocupa na minha opinião, uma posição de vanguarda em relação à outros países europeus no que respeita a literatura. Acho que, por exemplo, os italianos estão muito mais avançados. Isso deve-se aliás, aos contrastes sociais: em Itália, a diferença entre o Norte e o Sul é enorme. Daí um certo desequilíbrio e uma certa dialéctica mais fecundos para a criação literária. Em França, pelo contrário, a situação é, digamos, mais estável, tudo se manifesta com menos nitidez e intensidade.

— *Em relação á literatura da América Latina, como define você a diferença do processo de criação, essencialmente?*

G. P. — Creio que o escritor latino-americano, mais propriamente, o romancista procura, através de todos os contrastes de conteudo e de forma atingir uma síntese, mas fá-lo sem nunca forçar os elementos vitais. Há, portanto, uma confluência, mais ou menos elaborada mas sempre vital, enquanto que em França há uma espécie de puritanismo intelectual, adopta-se uma atitude de discernimento crítico excessivo. Ora, se um romance de tese, torna-se um simples pesquisador de ideias. O mesmo acontece se ele se mete a fazer um romance em que a forma se torna um ssistema — torna-se um pesquisador de formas.

— *Em conclusão, falando agora da sua experiência pessoal de escritor, diga-me: aconteceu-lhe já ser influenciado pela literatura da América Latina?*

G. P. — Não creio. É uma literatura que admiro imenso, mas que apesar de tudo está muito longe de mim, quer dizer, da minha própria experiência vital. O que não impede que tenha lido já com o maior entusiasmo vários escritores brasileiros, mexicanos, argentinos, um guatemalteco (Miguel Angel Asturias) e alguns cubanos publicados em França. Digamos que os escritores latino-americanos enriquecem a minha sensibilidade, embora não a alimentem. Interessam-me sobretudo do ponto de vista crítico: dão-me o grande prazer da descoberta.

Paris, Maio/1971.

ALVARO MANUEL MACHADO

ENCONTRO COM GEORGES PIROUÉ

Se há escritores europeus, mais pròpriamente franceses, com uma profunda consciência crítica universal, um deles é Georges Piroué. De origem suíça, Piroué é, no entanto, um escritor francês pela cultura.

Ensaios sobre Proust (o mais recente, «Comment lire Proust?» — Ed. Payot — é uma análise extremamente original da temática poética de Proust), Vítor Hugo e Pirandello, novelas, quatro romances, um dos quais ganhou o Prémio Veillon, em 1966. Georges Piroué é também director literário das edições Denöel e crítico de literatura italiana nas «Lettres Françaises», revista dirigida por Aragon.

A nossa conversa começou por abordar temas gerais. Exemplo: contraste entre o sentido dado à literatura «engagée» na Europa e na América Latina:

— *Como encara você esse encontro?*

G. P. — É evidente que as condições de vida e, portanto, as causas da criação literária são completamente diferentes: em França, o escritor vive num meio extremamente fechado, sem grandes contactos com a vida do país e do povo. Vive num meio de especialistas. Além disso, há o fenómeno, não especificamente francês mas sim europeu, do isolamento cultural. A Europa fecha-se em si própria, a sua literatura, actualmente, não é uma literatura de expansão.

50, 100, 150 escudos mensais são medidas fáceis de gastar. ...E de poupar?

PENTA

a IMPÉRIO tem para si um seguro de vida por medida

Recorte por aqui e envie à Império R. Garrett, 62 — Lisboa - 2

O Ex.mo Senhor .....

.....

Rua .....

.....

N.º ..... Em .....

contra o envio deste cupão obterá um estudo — **sem compromisso para si** — da modalidade de Seguro de Vida por Medida que convém ao seu caso.

Com o Seguro de Vida por Medida Império você vai poupar mesmo. Porque o que conta desde logo é a garantia com que fica em relação aos seus. Uma medida acertada, portanto. E para si próprio também, dentro de alguns anos. A Império oferece-lhe garantias que se ajustam caso por caso. Em torno de uma vida - a sua - a Império cria protecção previdência, garantia de capitais ou de rendas.

☐ Seguros de vida inteira que garantem um capital livre de impostos.

☐ Seguros mistos que aliam à protecção da vida uma forma prática de capitalizar pequenas economias.

☐ Seguros dotais que incluem a entrega de um "dote" ao beneficiário em data fixada.

☐ Seguros do lar que garantem o valor de substituição dos bens destruídos.

☐ Seguros de educação ajustáveis e seguros de rendimento familiar.

☐ **Prémios fixos de 50, 100 e 150 escudos mensais. Ou à medida que V. quiser.**

Para o seu caso diferente a nossa resposta é um seguro diferente. Criado pela Império apenas para si.

Contacte um homem da Império. É um amigo.

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO

a sua seguradora

Poesia & Não

MARIA TERESA HORTA
MINHA SENHORA DE MIM
Publicações D. Quixote
LISBOA, 1971

TRATA-SE de uma poesia que claramente se joga na utilização de uns quantos processos que, parecendo de desenvoltura, são apenas de facilidade. Bastante limitada ao nível do que diz e das palavras em que pretende dizer-se, não será difícil, portanto, enumerar e exemplificar alguns desses processos.

1. UTILIZAÇÃO DA ESTRUTURA FORMAL DA «CANTIGA DE AMIGO»

Um dos processos em que esta escrita manifestamente pretende fundamentar algum do seu poder de impacto e de surpresa é, sem dúvida, a utilização das estruturas formais da *cantiga de amigo*. A rima em *dobre* e *mordobre*, a repetição paralelística, a presença do refrão, etc. Em nada se vê, no entanto, que o uso deste processo ganhe qualquer autonomia através da utilização que dele faz a autora.

Contrabando de amizade
com amor
na sua arte

Ai meu amigo
de mim!

Talhaste nos meus
cabelos
os dedos com que aquecê-los

Ai meu amigo
de mim!

E procuraste o enjeite
dos beijos que não
me deste

Ai meu amigo
de mim!

Dos beijos na sua
haste
de pele no seu engaste

Ai meu amigo
de mim!

Não procuraste o
afago
nem desfizeste o cuidado

Ai meu amigo
de mim!

2. RIMAS EM INFINITO, GERÚNDIO E PARTICÍPIO PASSADO

Outro dos processos que nos revelam uma evidente facilidade de elaboração é o uso da rima em formas verbais e quase sempre apenas em infinitos, particípios passados e gerúndios. Vejamos este exemplo:

Solidão de terra ferida
feita
planta ou jornada

ignorada e perdida
ou nos meus seios
entornada

Em retorno da partida
amigo de sua amada

Vazio que habito esquecida
com meu ventre e sua espada

A rima é, além disso, quase sempre forçada. Daí resultam algumas inversões da ordem da frase cujo mau gosto é evidente. É o caso do terceiro verso desta estrofe:

Este esquecer de mim
por bem te querer
este te perder
e envolver nos braços
.....

ou do último desta:

.....
Minha ferida — consciência
minha loucura encontrada
como arma de gatilho pronta
a me ser disparada
.....

3. TENTATIVAS DE ARCAISMOS LEXICAIS

Paralelamente ao respeito pelas estruturas formais da *cantiga de amigo* e à excessiva utilização de particípios passados, tentou Maria Teresa Horta como que uma reaproximação do discurso clássico através da simulação de alguns arcaísmos lexicais. Vejamos este exemplo:

Enredada estou de mim
nesta febre em que me vejo
já que enredada de ti
não se cura o meu desejo

que nem me pus de curar
este fogo do teu corpo
nem me pus de enganar
esta sede que provoco

pois logo desenredada
eu sei que me enredaria
neste vício de enredar
.....

Também aqui nos parece ter a autora optado pelas soluções de maior facilidade. Infinitos e particípios passados, insistência numa única palavra, abuso da conjugação reflexa, etc.

4. REPETIÇÃO DE UMA MESMA PALAVRA EM INÍCIO DE VERSO

A repetição de uma mesma palavra em início de verso, fundamentando-se nela a ordenação e o ritmo do texto, é outro dos processos frequentemente utilizados por esta poesia.

Quem foi que nos
deixou
uma certeza?

Quem foi que nos
disse
encantamento?

Quem foi que nos
leu
a nossa vida?

Quem foi que
acendeu
o pensamento?

os enunciados desenvolvem-se portanto com uma nítida independência, ligados apenas pela repetição dessa palavra.

Que viagem difícil
de regresso

Que objecto difícil
de repor

Que adiado veneno
não tomado

Que estranha tempestade
sem fragor

ou ainda:

Se penso que te deixo
já te quero

Se penso que recuso
já te anseio

Se penso que te odeio
já te espero

e torno a oferecer-te
o que receio

Se penso que me calo
já te grito

Se penso que me escondo
já me ofereço

Se penso que não sinto
é porque minto

Se penso que me olhas
já estremeço

Este processo de construção da frase é aliás uma das características do que, decerto impròpriamente, poderemos designar como o «estilo» de José Carlos Ary dos Santos (a quem, através deste seu último livro, Teresa Horta se mostra afinal tão próximo. Comparemos pois os dois *estilos* através destes breves textos:

M. TERESA HORTA

Minha mágoa
minha água
meu sabor de fruto solto

meu fruto
de sol aberto
no seu caminho revolto

meu infiel
meu ramo
minha flor de cetim

meu corpo que não derramo
meu insuspeito
de mim

J. C. ARY DOS SANTOS (1)

Por ti falo. E ninguém sabe. Mas eu digo
meu irmão minha amêndoa meu amigo
meu tropel de ternura minha casa
meu jardim de carência minha asa

.....
Meu perfume de tudo minha essência
meu lume minha lava meu labéu
como é possível não chegar ao cume
de tão lavado céu

Muitos outros exemplos deste processo se poderiam colher neste livro. Um elemento fixo no início de cada verso e, com base nele, sucessivos enunciados se desencadeiam deixando entre si como que um silêncio que a esse elemento compete preencher através

da marcação de um ritmo repetitivo, monocórdico, insistente.

Ó ódio de bem te querer
Ó ternura de ser tua

ou.

que casa mais secreta e mais vazia
que água mais domada e mais amarga

ou ainda,

teu corpo
tua espada
teu mistério

meu louco
meu deserto
meu deleite

O recurso constante às soluções de maior facilidade, a total ausência de rigor ao nível do trabalho de elaboração linguística que todos estes processos acabam por claramente manifestar, reflectem-se nos mais diversos aspectos. É o caso, por exemplo, do último verso desta estrofe,

Abrigo-me de ti
de mim não sei
há dias em que fujo
e que me evado

ou do primeiro desta outra,

há horas, em que a raiva
não sequei
nem a inveja rasguei
ou a desfaço

5. UM EROTISMO QUE SE AUTO-NOMEIA

Na terceira e última parte deste livro, sem dúvida aquela onde se pressente um esforço de maior violência que, no entanto, continua a não ser tradutível no espaço da linguagem, pretende Teresa Horta como que o regresso a um certo erotismo que, bem de outro modo, se encontrava patente na sua poesia do início dos anos 60. Tal não é no entanto conseguido apesar da autora claramente o enunciar no primeiro poema deste livro, sintomàticamente intitulado *Regresso:*

Regresso para mim
e de mim falo
e desdigo de mim
em reencontro
.....
Trago para fora
o que é secreto
vantagem de saudade
e que é segredo

Retorno para mim
e em mim toda
desencontro já o meu regresso

«*Regresso para mim*» — um *mim* que insistentemente se repete ao longo de quase todos os poemas deste livro. Um *eu* que em si próprio se confina, automitificando-se, autopublicitando-se até à caricatura.

O *regresso*, esse, é apenas aparente. O erotismo de que o livro nos pretende falar é bem um erotismo de consumo, consumível, um erotismo publicitário e, por isso mesmo, não poucas vezes próximo da sua própria degradação.

Teresa Horta pretende criar (produzir) esse clima erótico através da sua própria nomeação. Como se a violência nomeada desse modo se manifestasse ao nível da escrita em que pretende dizer-se.

Afaga devagar as minhas
pernas

Entreabre devagar os meus
joelhos

Morde devagar o que é
negado

Bebe devagar o meu
desejo

★

Através destes breves exemplos procurámos, de um modo algo sincopado, encetar como que uma *descrição* deste último livro de Maria Teresa Horta. Ultrapassar esta fase de mera *repetição* apenas uma leitura mais atenta, decerto também mais demorada e próxima do texto, o poderia conseguir. Não é essa no entanto a intenção primeira destas notas — nem tão-pouco o livro, jogando-se ùnicamente na repetição e na exploração de umas quantas facilidades, a isso nos convida.

Parece no entanto ter ficado evidente a total ausência de rigor que nos manifestam os malabarismos verbais em que esta escrita se arquitecta. Rigor — tal não será talvez de exigir a quem por completo o já perdeu. O discurso poético de Teresa Horta mostra-se-nos perfeitamente integrado, totalmente oferecido a um consumo que antecipadamente o solicita. Teresa Horta aceitou tàcitamente esse jogo, *deu-se-lhe*, iniciou para ele uma nova fase da sua produção. Tomou portanto uma grave opção que a sua escrita não pôde deixar de manifestar. E se a tomou não pode doravante continuar a fazer crer-nos que não.

Televisão, discos, lançamento de livros em elegantes *soirées*, direcção de uma página literária de signo idêntico — são outros dos aspectos em que essa opção se nos pode tornar legível. Não se trata isto de levantar aqui, gratuitamente, um processo condenatório. Trata-se de saber *ler* um texto e de o situar também na história que é a sua. Di-lo Pierre Macherey: *Esta história não está em relação à obra numa simples situação de exterioridade: está presente dentro dela na medida em que a obra dela precisava para poder surgir; história que é o seu princípio de realidade, aquilo a que ela deve recorrer para encontrar os seus meios de expressão. Esta história, que não é apenas a história das obras da mesma natureza, determina por completo a obra: confere-lhe realidade mas também nos mostra aquilo que ela não é. E este é sem dúvida o aspecto mais importante* (1).

(1) Poema incluído no livro *Fotos-grafias*, Quadrante, Lisboa, 1971.

(2) Pierre Macherey, «Pour une théorie de la prodution littéraire», François Maspero, 1966, págs. 114 e 115.

NELSON DE MATOS